

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**JORNALISMO**

**Eduardo Henrique de Souza Justen**

**Quando o grito de gol se une à propagação de uma ideia:**

Uma análise de conteúdo das capas do jornal “O Globo” em meio a conquista do  
Tricampeonato Mundial da Seleção Brasileira em 1970

**Juiz de Fora**

**2026**

**Eduardo Henrique de Souza Justen**

**Quando o grito de gol se une à propagação de uma ideia:**

Uma análise de conteúdo das capas do jornal “O Globo” em meio a conquista do  
Tricampeonato Mundial da Seleção Brasileira em 1970

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de  
Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de  
Fora como requisito parcial para a obtenção do  
título de Bacharel em Jornalismo. Orientador:  
Prof. Álvaro Eduardo Trigueiro Americano

**Juiz de Fora**

**2026**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Souza Justen, Eduardo Henrique de.

Quando o grito de gol se une à propagação de uma ideia: : Uma análise de conteúdo das capas do jornal "O Globo" em meio a conquista do Tricampeonato Mundial da Seleção Brasileira em 1970 / Eduardo Henrique de Souza Justen. -- 2026.

154 p. : il.

Orientador: Álvaro Eduardo Trigueiro Americano  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2026.

1. Ditadura Militar. 2. Copa do Mundo. 3. Propaganda Política. 4. Esporte e Política. 5. Censura. I. Trigueiro Americano, Álvaro Eduardo, orient. II. Título.

**Eduardo Henrique de Souza Justen**

**Quando o grito de gol se une à propagação de uma ideia:**

Uma análise de conteúdo das capas do jornal “O Globo” em meio a conquista do  
Tricampeonato Mundial da Seleção Brasileira em 1970

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de  
Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de  
Fora como requisito parcial para obtenção do  
título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 23 de janeiro de 2026

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Álvaro Eduardo Trigueiro Americano  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Gustavo Teixeira de Faria Pereira  
Universidade Federal de Lavras

---

Prof. Ricardo Bedendo  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho à minha família, em especial aos meus pais, meus irmãos, minha avó Graça e a todos que estiveram comigo até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de ressaltar tamanha gratidão que carrego para muito além deste estudo. Por isso, gostaria de agradecer a Deus por me permitir viver tudo que vivi nesse ciclo universitário, desde a mudança de cidade, a chegada forçada da maturidade, a receptividade que encontrei nesta cidade e até mesmo a dor da saudade, que por muitas vezes apertou meu coração, mas que sempre me fez acreditar que no fim tudo valeria a pena.

E o fim chegou. Por isso, gostaria de iniciar os meus agradecimentos à minha família, por ter me tornado quem sou e principalmente por todo apoio prestado até aqui. Agradeço à minha mãe, que me ensinou desde pequeno que a educação pode sim transformar vidas. Ao meu pai, que me mostrou como sorrir até nos momentos mais difíceis da vida. Ao amor que une os dois e que me presenteia desde meu primeiro respiro por tê-los comigo. Ao meu irmão, Gustavo, que nunca mediu esforços para me ajudar em qualquer ocasião e, principalmente, por ser parte fundamental na minha paixão pelo esporte que conduz este trabalho. Ao meu irmão, Daniel, que carrego em meu coração e que, nas nossas semelhanças, se faz presente em minha vida mesmo em meio aos mais de 100 quilômetros que nos separam diariamente. E, não poderia me esquecer do meu “irmão” Toby por todas as mordidas e momentos de “auaufetividade”.

Em especial, gostaria de agradecer a minha avó, Dona Graça, que com tanto zelo cuidou de mim nos momentos em que nem eu sabia que precisava. Aos meus padrinhos, Marcelo e Cássia, ao meu avô Paulino e meu falecido Tio Sérgio agradeço por tamanho apoio e suporte me dado, seja na vida pessoal ou acadêmica. Aos meus primos e primas, minhas primeiras referências de vida, por todo o carinho e ensinamento, além de ser conforto aos meus pais em meio a minha ausência. Às minhas tias e tios, principalmente minhas tias- avós, que me ajudaram a me instalar em uma nova cidade de maneira com que seguisse me sentido em casa. Muito obrigado!

Este ciclo se encerra sendo recheado por amizades, mesmo que muito variadas. E, embora por muitas vezes terem se transformado em família, quando falo de amigos é inevitável não pensar no “Telemarketing”. Henrique, referência de vida e um dos meus melhores amigos, te agradeço por mais do que cruzar meu caminho no seu querido “Sampálio”, ter chegado para dividir todos os tipos de momentos. Kailaine, apesar de discordarmos tanto, te agradeço por não sei qual motivo ser minha amiga. Coragem e implicância são boas palavras pra te definir, mas nenhuma delas supera a alegria de ter você comigo. Gabriela, te deixei por último por você ser a caçula do grupo e por você já ter sido

uma das primeiras no quesito amizade nesta cidade. Suas caronas foram fundamentais para que eu não desistisse de chegar até onde chegamos. E no seu melhor estilo, para uma pessoa que gosta tanto de perguntas, fica o questionamento que com grande felicidade não saberei responder: o que seria da minha vida sem vocês?

Mas falar de amizade é tão complicado para mim, pois desde que cheguei em Juiz de Fora, a cada esquina encontro pessoas que amo dividir momentos. Entretanto, quis o destino que tantos petropolitanos, me fizessem sentir tão bem em terras mineiras. Diogo, Bernardo, Marcus, Murilo e tantos outros que chegaram para trazer o ar que só nós, “Serranos”, sabemos desfrutar.

Numa lista de agradecimentos, certamente, faltarão citações diretas à cada uma das incríveis pessoas que conheci pela Princesinha de Minas. Por isso, irei agradecer em blocos: ao pessoal do Nos Acréscimos, principalmente Sthefany e Lucas César por terem me aceitado no projeto, agradeço por todos os ensinamentos; aos amigos da Produtora de Multimeios, deixo meu abraço e carinho por todas as gravações e cada risada que demos juntos; agradeço aos amigos da Prefeitura, seja do Demlurb, do Museu Mariano Procópio, do Turismo ou da Comunicação, por terem dado sinal verde e asfaltarem os caminhos da minha educação profissional. Por fim, agradeço aos amigos que do nada esbarraram na minha vida e desde então não saíram mais. Como já imaginava, com certeza alguns podem não ter tido seus nomes citados. Entretanto, tenho certeza de que estes poderão ouvir meu muito obrigado no ambiente de trabalho, nos encontros pela vida e até mesmo numa mesa de bar.

Por fim, gostaria de agradecer a quem esteve comigo até os momentos finais em que este trabalho foi concluído: meu orientador, professor e amigo Álvaro Americano. Este se fez presente com tamanha compreensão mesmo em momentos em que até eu mesmo duvidei que alcançaria este momento. E quando cito ele, referencio professores como Paulo Roberto, Ricardo Bedendo, Gustavo Pereira e todos outros docentes que me trouxeram tanto aprendizado para chegar neste trabalho. Aproveito para agradecer à UFJF, que ultrapassando os portões do campus, me permitiu viver tudo isso. Com lágrimas nos olhos e com coração repleto de amor, deixo meu muito obrigado a vida. E por aqui seguiremos, mostrando que comunicar vai para muito além de tornar uma informação comum, mas sim uma maneira de mudar o mundo.

“Como vai abafar nosso coro a cantar  
Na sua frente, apesar de você  
Apesar de você  
Amanhã há de ser outro dia”  
(Chico Buarque, 1978 - Apesar de você)

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) investiga a relação entre o futebol e a política em meio a Copa do Mundo de 1970, a partir da análise de como as capas do jornal "O Globo" contribuíram para a produção de uma narrativa que unificava o sucesso da Seleção Brasileira à legitimação ideológica da Ditadura Militar, em especial durante os chamados "Anos de Chumbo". A fundamentação metodológica baseia-se na Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, aplicada a um corpus documental de 17 edições do referido veículo. O estudo percorre de forma linear a transformação do futebol em símbolo de identidade nacional, o impacto do golpe de 1964 e a transição do comando técnico da seleção de João Saldanha para Zagallo, o que marcou a implementação de uma preparação física ligada a profissionais do Exército e o conceito de "atleta-soldado". Os resultados demonstram que o jornal utilizou a conquista esportiva como uma ferramenta de "alívio simbólico", priorizando a euforia e os festejos do tricampeonato em detrimento de crises diplomáticas e conflitos internos, que foram deslocados para espaços secundários na hierarquia editorial do jornal. A partir disso, conclui-se que as capas funcionaram como peças estratégicas de comunicação, transformando a vitória no México em um instrumento de coesão social e legitimação do regime Médici.

Palavras-chave: Ditadura Militar; Copa do Mundo; Propaganda Política.

## **ABSTRACT**

The present Undergraduate Thesis investigates the relationship between football and politics amidst the 1970 World Cup, based on the analysis of how the front pages of the newspaper "O Globo" contributed to the production of a narrative that unified the success of the Brazilian National Team with the ideological legitimization of the Military Dictatorship, especially during the so-called "Lead Years" (Anos de Chumbo). The methodological foundation is based on Laurence Bardin's Content Analysis, applied to a documentary corpus of 17 editions of the aforementioned newspaper. The study linearly covers the transformation of football into a symbol of national identity, the impact of the 1964 coup, and the transition of the national team's technical command from João Saldanha to Zagallo, which marked the implementation of physical preparation linked to Army professionals and the "athlete-soldier" concept. The results demonstrate that the newspaper used the sporting achievement as a "symbolic relief" tool, prioritizing the euphoria and celebrations of the third championship over diplomatic crises and internal conflicts, which were displaced to secondary spaces in the newspaper's editorial hierarchy. From this, it is concluded that the front pages functioned as strategic communication pieces, transforming the victory in Mexico into an instrument of social cohesion and legitimization of the Médici regime.

**Keywords:** Military Dictatorship; World Cup; Political Propaganda.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	– Tostão posando ainda no aeroporto utilizando um sombrero mexicano.....	54
Figura 2	– Capa do “O Globo” (02/05/1970).....	87
Figura 3	– Capa do “O Globo” (02/06/1970) .....	90
Figura 4	– Capa do “O Globo” (03/06/1970) .....	94
Figura 5	– Capa do “O Globo” (04/06/1970) .....	97
Figura 6	– Capa do “O Globo” (06/06/1970) .....	101
Figura 7	– Capa do “O Globo” (08/06/1970) .....	104
Figura 8	– Capa do “O Globo” (09/06/1970) .....	107
Figura 9	– Capa do “O Globo” (10/06/1970) .....	111
Figura 10	– Capa do “O Globo” (11/06/1970) .....	114
Figura 11	– Capa do “O Globo” (13/06/1970) .....	118
Figura 12	– Capa do “O Globo” (15/06/1970) .....	121
Figura 13	– Capa do “O Globo” (16/06/1970) .....	124
Figura 14	– Capa do “O Globo” (17/06/1970) .....	127
Figura 15	– Capa do “O Globo” (18/06/1970) .....	130
Figura 16	– Capa do “O Globo” (20/06/1970) .....	133
Figura 17	– Capa do “O Globo” (22/06/1970) .....	136
Figura 18	– Capa do “O Globo” (21/07/1970) .....	140

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>A TOMADA DO APITO E DO PAÍS PELOS MILITARES.....</b>	<b>15</b>
2.1	O NASCIMENTO DO PAÍS DO FUTEBOL .....	16
2.2	QUANDO O UNIFORME SE TRANSFORMA EM FARDA .....	22
2.3	UMA COPA PARA INGLÊS VER E BRASILEIRO ESQUECER .....	29
<b>3</b>	<b>O ROLAR DISCIPLINADO DA BOLA E A CONQUISTA DA TERCEIRA ESTRELA .....</b>	<b>38</b>
3.1	NOS ANOS DE CHUMBO, UM JOÃO SEM MEDO ENTRA EM CAMPO .....	39
3.2	ZAGALLO E A IMPLEMENTAÇÃO DO ATLETA-SOLDADO NUMA SELEÇÃO MILITARIZADA .....	47
3.3	DISCIPLINA CONVERTIDA EM VITÓRIA .....	52
3.4	O BRASIL PARA ALÉM DO MÉXICO .....	63
<b>4</b>	<b>QUANDO O GRITO DE GOL TORNA-SE A PROPAGAÇÃO DE UMA IDEIA .....</b>	<b>68</b>
4.1	UM GRAMADO QUE PENSA EM SILÊNCIO E “O PRESIDENTE TORCEDOR”.....	69
4.2	AS TÁTICAS DA PROPAGANDA POLÍTICA .....	75
4.3	A APLICAÇÃO DO OLHAR TÉCNICO E ANALÍTICOS SOBRE A CONQUISTA.....	79
<b>4.3.1</b>	<b>Jornalismo impresso e o poder da capa .....</b>	<b>80</b>
<b>4.3.2</b>	<b>Jornal “O Globo” .....</b>	<b>81</b>
<b>4.3.3</b>	<b>Metodologia .....</b>	<b>83</b>
<b>4.3.4</b>	<b>Categorização da Análise .....</b>	<b>84</b>
<b>4.3.5</b>	<b>Foco na bola ou na bala: Como “O Globo” contou a Copa do Mundo de 1970? .....</b>	<b>86</b>
4.3.5.1	<i>Capa 1 - 02/05/1970 .....</i>	87
4.3.5.2	<i>Capa 2 - 02/06/1970 .....</i>	90
4.3.5.3	<i>Capa 3 - 03/06/1970 .....</i>	94
4.3.5.4	<i>Capa 4 - 04/06/1970 .....</i>	97
4.3.5.5	<i>Capa 5 - 06/06/1970 .....</i>	101

4.3.5.6	<i>Capa 6 - 08/06/1970</i> .....	104
4.3.5.7	<i>Capa 7 - 09/06/1970</i> .....	107
4.3.5.8	<i>Capa 8 - 10/06/1970</i> .....	111
4.3.5.9	<i>Capa 9 - 11/06/1970</i> .....	114
4.3.5.10	<i>Capa 10 - 13/06/1970</i> .....	118
4.3.5.11	<i>Capa 11 - 15/06/1970</i> .....	121
4.3.5.12	<i>Capa 12 - 16/06/1970</i> .....	124
4.3.5.13	<i>Capa 13 - 17/06/1970</i> .....	127
4.3.5.14	<i>Capa 14 - 18/06/1970</i> .....	130
4.3.5.15	<i>Capa 15 - 20/06/1970</i> .....	133
4.3.5.16	<i>Capa 16 - 22/06/1970</i> .....	136
4.3.5.17	<i>Capa 17 - 21/07/1970</i> .....	140
4.4	A NARRATIVA DOS ESTÁDIOS QUE ECOAM NOS JORNAIS .....	144
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>146</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>149</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Para consolidar-se como um dos pilares fundamentais da construção da identidade nacional, no Brasil, o futebol transcende a esfera do simples entretenimento. Entretanto, essa relação não se restringe a aspectos culturais ou identitários, mas é atravessada pelos fios quase invisíveis do poder, da política e das estratégias de comunicação que auxiliam(ram) emoldurar a percepção pública e reforçam(ram) imaginários coletivos. Portanto, o presente estudo propõe uma imersão no ano de 1970, período marcado pela conquista do tricampeonato mundial de futebol, no México, e pelo auge da repressão da Ditadura Militar Brasileira, em meio aos chamados “Anos de Chumbo”, eventos utilizados em uma narrativa de unificação nacional amplificada, principalmente através da imprensa. O interesse por este tema parte de uma trajetória pessoal onde a paixão pelo futebol faz parte desde a infância, evoluindo de uma admiração rasa e lúdica para um profundo inquietamento intelectual sobre a sua capacidade/possibilidade de instrumentalização dos torcedores e torcedoras por meio do esporte e seus símbolos.

A inquietação, que antes já parecia ser guardada na mente, passou a ser intensificada por experiências culturais recentes, como o impacto do filme “Ainda Estou Aqui” (2024), vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro, onde a narrativa expõe a violência institucionalizada do regime militar e o silenciamento sistemático das dissidências. O longa-metragem despertou a necessidade de investigar como os meios de comunicação da época, especificamente o jornal “O Globo”, atuavam na construção de uma “realidade paralela” marcada pelo ufanismo. A força política contida nas cores nacionais também se fez presente no debate contemporâneo, como visto no recente episódio envolvendo o projeto de um uniforme reserva da seleção brasileira na cor vermelha para a Copa de 2026. A repercussão negativa e o veto da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) revelam que, assim como em 1970, a seleção continua a ser percebida como um patrimônio simbólico do país, cuja existência carrega para além de uma paixão nacional, significados políticos e representatividade popular.

Em meio a este cenário dual entre o trauma político e o êxtase esportivo, este trabalho busca investigar uma pergunta central: de que maneira as capas e editoriais do jornal “O Globo”, durante o período do Mundial de 1970, contribuíram para a produção de uma narrativa que unia o triunfo técnico da Seleção Brasileira à legitimação ideológica do regime militar vigente? Para responder a este questionamento, o trabalho percorre uma trajetória analítica detalhada em capítulos complementares. Por isso, o pontapé inicial é dado no

segundo capítulo, onde será descrito o contexto histórico vivido no país desde a segunda metade do século XX, começando pela compreensão da transformação do futebol de esporte recém-chegado no país à paixão nacional, passando pelas primeiras conquistas mundiais brasileiras, examinando como o golpe de 1964 alterou as estruturas sociais e de que forma o fracasso na Copa de 1966 serviu de pretexto para uma reorganização autoritária e centralizadora do futebol nacional, transformando o verde e amarelo em uma extensão da farda.

Em seguida, o terceiro capítulo foca na transição técnica e política da Seleção Brasileira, verificando a trajetória de João Saldanha, comunicador declaradamente comunista, que foi o responsável por imprimir uma sensação de coragem e confiança à equipe, até a sua substituição estratégica por Zagallo, que marcou a implementação do conceito de “atleta-soldado” e a consolidação de uma preparação física militarizada no “esquadrão” brasileiro. Nele, também é apresentada toda a trajetória da equipe até alcançar a terceira estrela do futebol mundial.

Por fim, o quarto capítulo apresenta o núcleo prático da pesquisa, discutindo as táticas de propaganda política e detalhando a aplicação da Análise de Conteúdo sobre as capas do “O Globo”, observando como a hierarquia das notícias e os recursos visuais utilizados operam como um sofisticado mecanismo de alívio simbólico.

A fundamentação metodológica que sustenta esta pesquisa se baseia na Análise de Conteúdo, seguindo a sistematização criada por Laurence Bardin, combinando procedimentos quantitativos e qualitativos na investigação sobre um corpus documental, que, composto por 17 capas do jornal “O Globo” nos meses que envolveram o Mundial de 1970. A partir da categorização das unidades de registro, procura-se revelar os sentidos subjacentes à narrativa jornalística, compreendendo o futebol não apenas como um espetáculo esportivo, mas como um espaço privilegiado de produção simbólica e propaganda política.

Ao revisitar este período, este trabalho espera contribuir para uma fundamental reflexão sobre o papel da comunicação na preservação da memória histórica e sobre a necessidade permanente, por parte da sociedade, de vigilância diante das simbiose entre a paixão nacional, poder e comunicação.

## 2 A TOMADA DO APITO E DO PAÍS PELOS MILITARES

O futebol, no Brasil, ultrapassa o status de mero esporte. Apesar de ter surgido no século XIX, o esporte que envolve duas equipes de onze jogadores, cujo objetivo principal é conduzir uma bola com os pés até o interior de uma conexão de balizas no campo adversário, viria a se consolidar como símbolo cultural e elemento da identidade nacional de um país do outro lado do atlântico. Como visto na canção País do Futebol<sup>1</sup> (2014), interpretada por MC Guimê<sup>2</sup> em parceria com o Emicida<sup>3</sup>, a prática esportiva oriunda das elites inglesas chegaria em terras brasileiras e se tornaria uma paixão nacional, enraizada no coração de seus habitantes.

Porém, foi após o início da segunda metade do século XX, que o esporte definitivamente deixou o posto de mero entretenimento e passou a elemento de coesão social, ao funcionar como “efeito saneador das diferenças sociais” (Guterman, 2006, p.11) e ferramenta importante na formação da identidade nacional pelas conquistas da seleção brasileira que aconteceram a partir do fim da década de 1950. As conquistas projetaram o Brasil no cenário internacional e alimentaram uma ideia de país criativo, vitorioso e autêntico, contribuindo diretamente para a consolidação de uma identidade nacional celebrada dentro e fora dos estádios.

Para além das quatro linhas, o período entre os anos de 1962 e 1970 marcou um processo de grandes transformações políticas, sociais e culturais no país. A partir do golpe civil-militar de 1964, um novo ordenamento institucional foi marcado pela supressão de direitos civis, censura à imprensa, perseguição política e centralização autoritária do poder. Em tese, esse contexto permitiria que o regime instrumentalizasse o esporte como recurso de propaganda ideológica e elemento legitimador, reforçando sua narrativa de ordem e progresso, através do regime. Entretanto, o reflexo do golpe foi, desde seus primeiros anos de desorganização da vida nacional, até os tempos do “Milagre Brasileiro”, já próximo à década de 1970, com grande crescimento econômico e obras faraônicas, sustentadas pelo crédito fácil

---

<sup>1</sup> País do Futebol é uma música lançada em 2013 pelo cantor MC Guimê, em parceria com o rapper Emicida, possui uma letra que projeta o Brasil como uma nação em que o futebol ultrapassa o campo esportivo, sendo expressão popular e símbolo de ascensão social.

<sup>2</sup> MC Guimê, nome artístico de Guilherme Aparecido Dantas, é um cantor e compositor brasileiro nascido em Osasco (SP), conhecido como um dos principais representantes do “funk ostentação”, sub gênero musical surgido na periferia paulista na década de 2010.

<sup>3</sup> Leandro Roque de Oliveira é um rapper, compositor, produtor musical e escritor brasileiro, nascido em São Paulo em 1985. Reconhecido por sua habilidade lírica e engajamento social, tornou-se uma das vozes mais influentes do hip hop nacional contemporâneo.

e dos empréstimos tomados no exterior. A disciplina e as conquistas da seleção varriam a repressão e a censura vivida no país para debaixo dos tapetes.

Por isso, este capítulo buscará analisar a relação entre o processo de consolidação do regime militar e a performance da seleção brasileira de futebol no mesmo período, buscando compreender como o esporte foi apropriado como instrumento de legitimação política e de construção de um imaginário nacional alinhado aos interesses do regime. Para isso, serão mobilizadas fontes como o documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor (2012), de Lúcio de Castro, bem como obras e análises de autores como Elio Gaspari, Benedict Anderson, Marcos Guterman, Armando Nogueira e Nelson Rodrigues.

A abordagem adotada parte do pressuposto de que o futebol, enquanto fenômeno cultural de ampla penetração social, esteve inserido nas dinâmicas de poder da época, contribuindo, direta ou indiretamente, para a conformação de discursos oficiais e a consolidação de projetos de nação. A articulação entre história e esporte permitirá, assim, compreender de forma mais ampla os usos simbólicos do futebol no contexto da ditadura civil-militar brasileira.

## 2.1 O NASCIMENTO DO PAÍS DO FUTEBOL

Seja nas bolas trazidas na mala de Charles Miller<sup>4</sup>, pela prática de marinheiros no litoral ou nos clubes e escolas de imigrantes, o futebol chega ao Brasil em meio a um intenso processo de modernização e influência europeia no país, que marcou o fim do século XIX. O esporte, que inicialmente era praticado pela elite brasileira, se tornou uma paixão nacional, passando a ter “peso equivalente ao de uma religião oficial no Brasil” (Guterman, 2004, p.09).

“A nação é uma comunidade política imaginada – e imaginada como intrinsecamente limitada e soberana” (Anderson, 2008, p.32). É assim que Benedict Anderson define a identidade nacional. Um sentimento de comunidade imaginada, onde os membros de uma nação, mesmo sem se conhecerem pessoalmente, se sentem parte de uma mesma coletividade. Descrição esta que poderia se equivaler a comemoração de um gol do Flamengo marcado nos acréscimos da partida, numa noite chuvosa de uma quarta-feira, num Maracanã lotado de pessoas que sequer haviam trocado olhares anteriormente.

---

<sup>4</sup> Charles William Miller foi um esportista brasileiro, nascido em 24/11/1874 e falecido em 30/06/1953, filho de pai escocês e mãe de ascendência inglesa. É amplamente reconhecido como o “pai do futebol no Brasil” por ter trazido ao país, em 1894, bolas, uniformes e as regras do esporte que aprendera na Inglaterra.

Ligando os pontos, mesmo desconsiderando o clube ou o estádio citado, torna-se notória a relação intrínseca entre o desenvolvimento do sentimento de pertencimento nacional e o envolvimento afetivo da população com o futebol. De acordo com a pesquisa “Maior Raio-X do Torcedor” (Quaest para CNN Brasil, 2024), cerca de 89% da população brasileira se diz torcedora do esporte criado pelos ingleses, o que representa mais de 180,7 milhões de brasileiros que acompanham algum clube.

(...) o futebol demandaria um estilo de jogo, uma experiência técnica, uma eficácia e uma eficiência que se adequaram às características culturais do povo brasileiro. Assim, o novo esporte que chegava da Inglaterra não oferecia apenas momentos lúdicos de lazer a seus participantes, mas permitia, principalmente, a vivência de uma série de situações e emoções típicas do homem brasileiro. (Daolio, 2000, p.33)

Por mais espontânea tenha sido esta conexão definida por Jocimar Daolio, estes dados podem ser compreendidos por fatores mais concretos como à acessibilidade da prática esportiva e as primeiras conquistas do país na metade do século XX. Tal ponto é destacado no livro “O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país a facilidade da prática do futebol”, onde Marcos Guterman o reafirma como um esporte que vem do pouco e permite a democratização de seu jogo.

Desde a década de 1930, o Estado brasileiro empreendeu um projeto de industrialização e planejamento econômico, com marcos como a criação do BNDE, Petrobrás e políticas de substituição de importações. Entretanto, junto deste avanço, estava o crescimento da desigualdade social, “onde as elites continuam a desfrutar de privilégios coloniais, enquanto as massas recém-chegadas do campo vivem à margem” (Buarque, 2004, p.109), marcada por uma alta concentração territorial (terras concentradas nas mãos de poucos), racial (discriminação) e de renda.

Em meio a tamanha disparidade, o futebol por vez se provou como símbolo democrático. Afinal, como define o jornalista esportivo Armando Nogueira, “Para jogá-lo, basta uma bola – ou algo que a substitua – e um pedaço de chão” (Nogueira, 1996, p. 18). No Brasil, apesar de em menor escala em comparação ao fim do século passado, a sua prática ainda pode ser encontrada nas quadras de bairros, nos campos e, por muitas vezes, nas ruas. São nelas, que “a prática começa a aparecer de forma cada vez mais espontânea... o jogo de cintura como estilo nacional”, como debate o antropólogo Roberto Augusto DaMatta em seu livro “Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro” (DAMATTA, 1979, p.45).

Essa espontaneidade encontrada na ginga, no drible e na maneira ofensiva de jogar, torna-se parte fundamental na compreensão de um “padrão brasileiro” criado para além das quatro linhas. Independente do ambiente econômico vivido no país, afinal, segundo o ensaísta e autor Salman Rushdie o futebol bonito, bem apresentado e de maior nível era na maioria das vezes praticado pelos pobres (Rushdie, 2000, p.140). A alegria presente nos sambas, o calor de um país de clima tropical e a energia de um povo que contagia por onde passa, somam para uma conexão entre a prática esportiva envolvente e o país bem harmônico.

Entretanto, uma nação que visava se consolidar como referência no estilo de viver, necessitava de conquistas que solidificassem o que até então não se passavam de ideais compartilhados. Afinal, do que adiantava apresentar um futebol encantador, uma torcida esperançosa e apaixonada, sem títulos que os validassem como um modelo de sucesso.

Neste contexto, erguer a taça do torneio que reunia países de todos os continentes e hemisférios, surge como a melhor das opções de comprovar seu ideal. Por isso, a perda desse campeonato dentro do seu próprio território e com o favoritismo ao lado, tornara a derrota brasileira para os uruguaios em pleno Maracanã superlotado, não apenas um fracasso esportivo, mas uma crise de identidade nacional. “O Brasil viu-se derrotado não como time, mas como nação” (DaMatta, 1979, p.30).

O 2 a 1 para a Seleção do Uruguai em 1950 era visto como ferida aberta na alma brasileira. Um golpe duro que seria acompanhado de uma atuação irreconhecível em 1954, quando os brasileiros, apesar de terem feito uma campanha mediana na fase de grupos, seriam eliminados para a Hungria na chamada “Batalha de Berna”<sup>5</sup>, num desempenho marcado pelo desequilíbrio emocional da equipe comandada por Zezé Moreira<sup>6</sup>, que chegou a ser acusado de agredir o técnico adversário, Gusztáv Sebes<sup>7</sup>, com uma chuteira, em resposta a uma cusparada de um jogador húngaro. Ali, inclusive, o país expunha a necessidade de uma melhor organização e disciplina. “Era cada vez mais exigida de todos os atletas uma mudança anímica e de postura” (Natusch, 2010, s.p).

---

<sup>5</sup> Apelido dado ao confronto entre Brasil x Hungria, ocorrido em 27/06/1954, durante as quartas de final da Copa do Mundo da FIFA, na Suíça, num jogo marcado pelas três expulsões e confusões dentro e fora de campo. Após a partida, jornalistas, dirigentes e atletas participaram de brigas nos vestiários, reforçando o caráter de “batalha”.

<sup>6</sup> Alfredo Moreira Júnior, conhecido como Zezé Moreira, foi um jogador e técnico brasileiro, nascido em 16/10/1907 e falecido em 10/04/1998. Ficou marcado por inovações táticas no futebol, como a adoção do esquema 4-3-3 e a marcação por zona. Atuou como treinador de clubes como Cruzeiro, Botafogo e Fluminense, além de comandar a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1954. É lembrado como um dos técnicos mais importantes do futebol brasileiro no século XX.

<sup>7</sup> Nascido em 22/01/1906, em Budapeste, Gusztáv Sebes foi um dos treinadores mais influentes da história do futebol, conhecido por sua visão inovadora e por liderar a seleção húngara na chamada Era de Ouro do futebol Veio a falecer em 30/01/1986.

Perante os insucessos do início da década, a “cicatrização” se iniciaria na Escandinávia, mais exatamente na Suécia. Dirigida por Vicente Feola<sup>8</sup>, técnico chamado pelo então presidente da CBF, João Havelange<sup>9</sup>, a convocação de um jovem menino lesionado de apenas 17 anos, os canarinhos<sup>10</sup> chegaram ao Mundial de 1958 num grupo que poderia causar preocupações. Ansiedade que seria logo despachada na primeira rodada, numa boa vitória por 3 a 0 contra os austríacos. Um positivo pontapé inicial para uma sequência ainda mais complicada.

Em seguida, num confronto de maior desgaste físico, os comandados de Feola empatam com a Inglaterra por 0 a 0 e asseguram a liderança no grupo, que seria confirmada na última rodada. No jogo que trouxe de vez a esperança da primeira conquista, a escalação finalmente contava com os jovens Edson Arantes do Nascimento e Manoel Francisco dos Santos juntos. Ali nascia a dupla Pelé<sup>11</sup> e Garrincha<sup>12</sup>, que numa exibição coletiva memorável e com gols de Vavá<sup>13</sup>, vencia a União Soviética por 2 a 0. Primeira colocação do grupo garantida, assim como o temor de novamente fracassar numa fase final.

No entanto, aquele jovem convocado por Feola — o mesmo que formava uma promissora dupla com “Mané” Garrincha — foi decisivo para “exorcizar qualquer fantasma”<sup>14</sup>. Com talento e personalidade, Pelé assumiu o protagonismo e ajudou a mudar o destino da seleção brasileira. Nas quartas, ele marcou o primeiro gol de sua carreira em Copas do

---

<sup>8</sup> Vicente Ítalo Feola foi um técnico brasileiro, nascido em 20/11/1909 e falecido em 06/11/1975. Foi bicampeão paulista com o São Paulo Futebol Clube e entrou para a história do futebol ao comandar a Seleção Brasileira na conquista de seu primeiro título mundial, na Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Reconhecido por sua liderança serena, também foi o técnico responsável por lançar Pelé em Copas do Mundo, marcando seu nome de forma definitiva na história do esporte.

<sup>9</sup> Jean-Marie Faustin Goedefroid de Havelange, conhecido como João Havelange, foi um dirigente esportivo brasileiro, nascido em 08/05/1916 e falecido em 16/08/2016. Presidiu a FIFA entre 1974 e 1998, período em que foi alvo de duras críticas, mas também responsável por uma grande expansão do futebol mundial.

<sup>10</sup> Apelido popular da Seleção Brasileira de futebol, associado à cor amarela da camisa oficial adotada após a derrota na final da Copa do Mundo de 1950, episódio conhecido como “Maracanazo”. O termo tornou-se símbolo da identidade futebolística nacional.

<sup>11</sup> Edson Arantes do Nascimento, conhecido como Pelé, foi um atacante brasileiro, nascido em 23/10/1940 e falecido em 29/12/2022, na cidade de Três Corações-MG. Consagrado mundialmente como o “Rei do Futebol”, foi ídolo e multicampeão pelo Santos Futebol Clube e marcou seu nome na história ao se tornar o único jogador a conquistar três Copas do Mundo (1958, 1962 e 1970).

<sup>12</sup> Manoel Francisco dos Santos, conhecido como Garrincha, foi um ponta-direita brasileiro, nascido em 28/10/1933 e falecido em 20/01/1983. Famoso por suas pernas tortas e um talento no drible poucas vezes visto, foi ídolo do Botafogo, do Rio de Janeiro, onde vestiu a eternizada camisa 7. Conquistou duas Copas do Mundo com a Seleção Brasileira (1958 e 1962), sendo eleito o melhor jogador do torneio em 1962. É lembrado como um dos maiores gênios do futebol arte.

<sup>13</sup> Edvaldo Izídio Neto, conhecido como Vavá, foi um atacante brasileiro, nascido em 12/11/1934 e falecido em 19/01/2002. Campeão nas Copas do Mundo de 1958 e 1962, destacou-se por marcar 9 gols em semifinais e finais de Mundiais. Também conquistou títulos nacionais jogando por clubes como Vasco da Gama, Palmeiras e Atlético de Madrid, sendo lembrado como um dos grandes artilheiros da história do futebol brasileiro.

<sup>14</sup> A expressão “exorcizar qualquer ‘fantasma’” significa, de forma figurada, eliminar de vez traumas, medos ou lembranças negativas do passado — especialmente no contexto esportivo, como superar derrotas históricas ou fracassos que ainda assombram uma equipe ou torcida.

Mundo, o único na vitória contra o País de Gales. Na semifinal, contra a forte seleção francesa de Just Fontaine<sup>15</sup>, artilheiro daquela edição com 13 gols, o jovem do Santos Futebol Clube marcou por três vezes e a goleada por 5 a 2 carimba a vaga brasileira na decisão.

Disputada em 29 de junho de 1958, a decisão contra a Suécia seria o ápice da campanha. Mesmo saindo atrás do placar e com o Estádio Råsunda, localizado na região metropolitana do país escandinavo, lotado, a seleção vira o jogo com autoridade. Pela segunda vez naquele torneio, o 5 a 2 a favor dos brasileiros coroava uma equipe que apresentou desde o início um futebol ofensivo e técnico, da maneira com que o povo brasileiro havia se apaixonado pelo esporte. No ato inaugural de levantar a taça Jules Rimet, além de festejar a conquista inédita, o capitão Bellini<sup>16</sup> celebrou o nascimento do “país do futebol”.

Mesmo nos braços do povo e com uma atuação de gala na final, incluindo um gol antológico com direto a um chapéu no marcador Bengt Gustavsson<sup>17</sup>, Pelé jamais escondeu o receio de um possível novo vexame, mas também apresentava determinação na busca pelo troféu. “Não se preocupe, vou ganhar a Copa do Mundo para o Brasil”, disse Pelé ao seu pai, Dondinho<sup>18</sup>, após a derrota para o Uruguai, em 1950, segundo artigo publicado pela FIFA<sup>19</sup> em 2024, já após seu falecimento. O caráter libertador da vitória era evidente nas palavras do cronista Nelson Rodrigues: “Foi a vitória da beleza sobre o medo, a redenção definitiva de um povo acostumado a perder na hora decisiva” (Rodrigues, 1958, p.18).

Embalados pela redenção do primeiro triunfo, na edição seguinte, o Brasil não precisou disputar as eliminatórias e defenderia seu título no seu próprio continente. Após duas edições disputadas na Europa, a seleção brasileira desembarcou no Chile, país que já evocava boas lembranças ao futebol nacional. Foi ali que o Vasco conquistou o título sul-americano de clubes em 1948 e que a equipe comandada por Zezé Moreira venceu o primeiro

---

<sup>15</sup> Just Fontaine foi um atacante francês, nascido em 18/08/1933 e falecido em 01/03/2023. Entrou para a história das Copas do Mundo ao marcar 13 gols em uma única edição, na Copa da Suécia em 1958 — um recorde que permanece imbatível até hoje.

<sup>16</sup> Hilderaldo Luiz Bellini foi um zagueiro brasileiro, nascido em 07/06/1930 e falecido em 20/03/2014. Ficou marcado por sua liderança em campo e por ser o capitão da Seleção Brasileira na conquista da Copa do Mundo de 1958. É lembrado até hoje por ter eternizado o gesto de levantar a taça sobre a cabeça — ação que se tornou tradição entre campeões do futebol mundial.

<sup>17</sup> Bengt Olov Gustavsson foi um defensor sueco, nascido em 13/01/1928 e falecido em 16/02/2017. Atuou por clubes do futebol sueco e teve destaque internacional ao disputar a Copa do Mundo de 1958, onde foi vice-campeão com a seleção da Suécia. Em 1953, foi

<sup>18</sup> Dondinho foi o apelido de João Ramos do Nascimento, pai de Pelé. Também jogador de futebol, atuou como centroavante em clubes como o Atlético Mineiro e o Bauru Atlético Clube. Embora não tenha alcançado fama internacional, é frequentemente lembrado por sua influência na formação de Pelé, a quem transmitiu valores e fundamentos do esporte.

<sup>19</sup> Fundação Internacional sem fins lucrativos, que foi fundada em 1904, a qual 211 associações nacionais são filiadas. É responsável por futebol, futsal e futebol de areia, atuando em cooperação com o Comitê Olímpico Internacional.

Pan-Americano, em 1952. Carregando o peso do favoritismo, os canarinhos chegavam confiantes, sustentados pela manutenção da base campeã do mundo em 1958.

“Ninguém disse, mas é como se tivessem dito: para ser bicampeão em 1962, no Chile, bastava que se fizesse tudo exatamente igual a 1958” (Máximo, 2012, s.p.), destacava João Máximo. Entretanto, a tarefa não era assim tão fácil. Especialmente, após mais um vicecampeonato sul-americano contra os argentinos em 1959, os rumores de que o Brasil já demonstrava um sistema decorado e compreendido pelos adversários se espalhava. Além desse motivo, o fato de a equipe estar “quatro anos mais velha, quatro anos mais cansada”, como destacado por Helenio Herrera<sup>20</sup>, o falastrão treinador argentino que comandava naquela Copa, a Espanha, também tentavam abalar a equipe que, após os problemas cardíacos de Feola, seria comandada por Aymoré Moreira, irmão de Zezé Moreira e ex-goleiro do Botafogo e do Palmeiras.

Para espantar qualquer desconfiança, uma vitória por 2 a 0 contra a seleção mexicana era considerada uma primeira demonstração de força daquela equipe. Com gols de Zagallo e Pelé, o Brasil, assim como em 1958, iniciava bem a sua trajetória no Mundial. Mais uma semelhança viria: um empate na segunda rodada do torneio, num jogo tenso com a Tchecoslováquia<sup>21</sup>. Entretanto, o resultado ficou em segundo plano após Pelé se contundir com uma lesão que o tiraria de todo o torneio.

Coube a Amarildo<sup>22</sup>, ponta-esquerda do Botafogo, a dura missão de substituir a estrela brasileira. Tarefa difícil, mas superada logo no jogo seguinte, quando por duas vezes, o substituto de Pelé marcou os gols que deram a vitória de virada contra os espanhóis. Classificados em primeiro lugar no grupo 3, tornava a rever uma das seleções que tentou dificultar sua trajetória na Copa passada: a Inglaterra.

Se o sistema já estava decorado pelos rivais, restou às pernas tortas de Mané a criação do diferente, da genialidade e do imprevisível. Na ginga e no talento, Garrincha

---

<sup>20</sup> Helenio Herrera Gavilán foi um treinador argentino, nascido em 10/04/1910 e falecido em 09/11/1997. É considerado um dos técnicos mais influentes da história do futebol, conhecido por revolucionar as táticas defensivas com o estilo conhecido como "catenaccio". Suas equipes se destacavam pela solidez defensiva e pelos contra-ataques velozes. Teve passagens marcantes por clubes como Inter de Milão e Barcelona, sendo lembrado por sua disciplina tática e impacto duradouro no futebol europeu.

<sup>21</sup> A Tchecoslováquia foi uma antiga nação da Europa Central, existente entre 1918 e 1992. No contexto esportivo, destacou-se por sua forte tradição no futebol, tendo sido vice-campeã da Copa do Mundo da FIFA em 1934 e 1962, consolidando-se como uma das seleções mais competitivas do período pré e pós Segunda Guerra Mundial.

<sup>22</sup> Amarildo Tavares da Silveira, conhecido como “o Possesso”, foi um atacante brasileiro, nascido em 29/06/1939. Ídolo do Botafogo, teve uma carreira de destaque tanto no Brasil quanto no exterior, atuando por clubes como Milan, Fiorentina e Roma, e encerrando sua trajetória como jogador no Vasco da Gama, em 1974. Ganhou notoriedade mundial ao substituir Pelé durante a Copa do Mundo de 1962, marcando três gols e contribuindo diretamente para a conquista do bicampeonato brasileiro.

chamou a responsabilidade para si, com dois gols em cada uma das vitórias - por 3 a 1 contra os ingleses nas quartas e no 4 a 2 contra os anfitriões chilenos - marcando seu nome na história do país. Assim, a seleção brasileira alcançava mais uma final de Mundial, a terceira num período de 12 anos.

Num Estádio Nacional do Chile lotado, o Brasil enfrentou a Tchecoslováquia, repetindo o duelo da primeira fase. Os europeus até chegaram a abrir o placar, mas a liderança no marcador não durou sequer 3 minutos, pois Amarildo, de perna canhota, balançou as redes e deixou tudo igual no marcador. A virada veio no segundo tempo, com gols de Zito<sup>23</sup> e Vavá, a seleção vencia o segundo título mundial de forma consecutiva, igualando o feito da Itália em 1934/38.

Se a conquista de 1958 era considerada o expurgo de um fantasma que rondava uma nação, o segundo troféu mundial representava a consolidação nacional. Portanto, no artigo “O futebol no Brasil”, Anatol Rosenfeld<sup>24</sup> define o futebol como uma forma de “expressão simbólica” ou “representação organizada”, por meio da qual a sociedade brasileira canaliza tensões e impulsos coletivos, vivenciando-os em um processo de catarse social. Muito disso, graças ao sucesso nas campanhas citadas anteriormente. Se no campo de futebol o clima era de festa, no campo político a apreensão citada por Anatol poderia definir bem o que cercava o início da década de 60.

## 2.2 QUANDO O UNIFORME SE TRANSFORMA EM FARDA

Para além dos campos de futebol, o início da década de 60 também foi marcado por um período quando, de acordo com a obra “Brasil: de Getúlio a Castello (1930-64)” (Skidmore, 2010), o sistema político entrou em colapso diante das exigências conflitantes de modernização econômica e justiça social. Se a regra das substituições viria a compor o regulamento de uma Copa do Mundo somente no Mundial de 1970, quando a FIFA permitiu duas trocas por partida a cada equipe, no jogo político brasileiro as substituições antecederam esta época.

---

<sup>23</sup> José Ely de Miranda, conhecido como Zito, foi um dos maiores volantes da história do futebol brasileiro, nascido em 8/08/1932 e falecido em 14/06/2015. Disputou mais de 700 partidas pelo Santos Futebol Clube entre 1952 e 1967. Bicampeão mundial com a Seleção Brasileira nas Copas de 1958 e 1962, também conquistou duas vezes o Mundial de Clubes e a Taça Libertadores da América pelo Santos, consolidando-se como uma lenda do clube e do futebol nacional.

<sup>24</sup> Anatol Rosenfeld (1912–1973) foi um filósofo, crítico teatral e ensaísta alemão naturalizado brasileiro. Refugiado do nazismo, estabeleceu-se no Brasil, onde se tornou uma das principais referências em estética e teoria do teatro. Notabilizou-se por seus estudos sobre o teatro épico de Bertolt Brecht e por sua contribuição crítica à cultura brasileira, especialmente nos campos da arte, literatura e filosofia.

Afinal, num dos episódios mais enigmáticos da história da política brasileira, em 25 de agosto de 1961, Jânio Quadros<sup>25</sup> renuncia ao cargo da presidência com apenas sete meses de mandato. Apesar de confuso, era classificado como um “ato calculado, uma tentativa de forçar um retorno triunfal nos braços do povo e das Forças Armadas” (Fausto, 1995, p. 359)

“Vencido pela reação” (Quadros, 1961), o “Vassourinha” como ficou conhecido pelo seu mote de “varrer” a corrupção do país, era descrito como “personalismo extremado da liderança”, “temperamento autoritário” e “conceição plebiscitária de democracia, avessa ao jogo de concessões e cooptações com o Congresso” (Arnt, 2004). No seu curto período de governo, teve atritos com os altos comandos das Forças Armadas, principalmente, por atos como: condecorar Che Guevara<sup>26</sup> com a Ordem do Cruzeiro do Sul<sup>27</sup> e manutenção de uma política externa independente (PEI)<sup>28</sup>, se aproximando de países do bloco socialista.

Por isso, sua abdicação à presidência é encarada, segundo a obra *Além do Golpe: Versões e Controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar de Carlos Fico* (2004), como uma tentativa de romper com a pressão dos militares e afirmar sua autoridade — mas que saiu pela culatra. Embora calculada, a renúncia se evidencia como algo inevitável, como o próprio Jânio afirma em sua carta de renúncia: “Creio mesmo que não manteria a própria paz pública” (Quadros, 1961, p.01).

Perante o abandono do cargo, que já havia sido motivado por um desgaste com as Forças Militares, o Brasil passa a ter um novo presidente: João Goulart<sup>29</sup>. Entretanto, “a posse de João Goulart foi tolerada pelos militares e por setores conservadores” (Skidmore, 2010,

---

<sup>25</sup> Jânio da Silva Quadros foi um advogado, professor e político brasileiro, nascido em 25/01/1917 e falecido em 16/02/1992. Eleito presidente do Brasil em outubro de 1960, ganhou a simpatia popular ao prometer “varrer a corrupção”, sendo apelidado de “Vassourinha”. Seu mandato foi curto, pois renunciou ao cargo menos de um ano após assumir, em agosto de 1961, deixando um legado controverso na política nacional.

<sup>26</sup> Ernesto Rafael Guevara de la Serna, conhecido como Che Guevara, foi um médico, escritor e revolucionário marxista argentino, nascido em 14/06/1928 e falecido em 09/10/1967. Tornou-se uma das principais lideranças da Revolução Cubana, contribuindo para a implementação de reformas agrárias e programas de alfabetização. Até hoje, é símbolo global do socialismo e da luta revolucionária.

<sup>27</sup> A Ordem do Cruzeiro do Sul, originada em 1822 como Ordem Imperial do Cruzeiro do Sul e restabelecida em 1932 por Getúlio Vargas, é a maior condecoração diplomática do Brasil. Destinada exclusivamente a personalidades estrangeiras, homenageia aqueles que prestaram serviços relevantes ao país, sendo um símbolo de reconhecimento e diplomacia brasileira.

<sup>28</sup> A Política Externa Independente foi uma diretriz diplomática adotada nos governos de Jânio Quadros e João Goulart, que apoiava a autonomia brasileira em relação à Guerra Fria. Buscou diversificar os parceiros comerciais do país, atuando tanto no bloco dos Estados Unidos quanto na União Soviética, visando ampliar as relações internacionais sem se prender a alinhamentos rígidos.

<sup>29</sup> João Belchior Marques Goulart foi um advogado e político brasileiro, nascido em 01/03/1918 e falecido em 06/12/1976. Assumiu a presidência do Brasil após a renúncia de Jânio Quadros, governando inicialmente sob regime parlamentarista e depois presidencialista. Seu mandato foi interrompido pelo golpe militar de 1964, que o afastou do poder, marcando o início de um período autoritário no país.

p.262) e não aceita, e é imposta à base do parlamentarismo<sup>30</sup>, como forma de filtragem e de redução de seus poderes.

Dessa forma, embora representasse, segundo a visão de Luiz Alberto Moniz Bandeira na obra *O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961–1964)*, publicada em 2001, a sobrevivência provisória da legalidade constitucional diante da ameaça golpista, Jango vê seu mandato nascendo cercado por todas as partes. “[...] A própria Presidência o destino reservou-me depois dos acontecimentos... Mas assumi o cargo com humildade, pedindo a todas as forças vivas do País... que me ajudassem a superar as graves dificuldades [...] (Goulart, 2001, p. 67)”. Assumindo a presidência em discurso no Automóvel Clube, durante a campanha pelo plebiscito de 1963, o presidente do Brasil evidenciava a tentativa de união nacional, independentemente de ideias e das divergências políticas apresentadas. O mesmo tentou conciliar interesses opostos, mas sua proposta de reformas de base tocava nos pilares do poder oligárquico.

Comprometido com ações sindicais, movimentos populares e discursos reformistas, Jango tinha apoio de sindicatos, movimentos camponeses, estudantis e de parte da classe média. Por isso, o aumento do temor dentro dos setores conservadores, originado de um presidente que era visto como uma “ameaça à ordem” (Fausto, 1995, p.13) e uma possível “radicalização à esquerda”. (Skidmore, 2010, p. 12). No que se trata do temor pelo avanço comunista, entra em campo um fator externo que contribuiria no abalo da imagem presidencial: intervenções diretas dos Estados Unidos da América no país. Através de mensagem escrita pelo embaixador Lincoln Gordon<sup>31</sup>, o mesmo garantiu apoio ao golpe de Estado visando o impedimento de “transformar o Brasil na China da década de 1960”. (Loureiro, 2024).

Além disso, a polarização ideológica intensificada pela Guerra Fria<sup>32</sup> - na qual Goulart sempre se mostrou neutro, afirmando, por exemplo, que “o objetivo maior da sociedade brasileira é o fortalecimento da paz” (Ferreira, 2011, p.276). Somava-se a isso a

---

<sup>30</sup> Parlamentarismo é um sistema de governo no qual o poder executivo depende diretamente do apoio do parlamento (legislativo) para governar. Nele, o chefe de Estado (geralmente um presidente ou monarca) tem funções majoritariamente simbólicas, enquanto o chefe de governo (primeiro-ministro) exerce o poder executivo e é escolhido entre os membros do parlamento.

<sup>31</sup> Lincoln Gordon foi um economista e diplomático norte-americano, nascido em 06/10/1913 e falecido em 22/04/2009. Serviu como embaixador dos Estados Unidos no Brasil entre 1961 e 1966, período em que apoiou ativamente a oposição ao presidente João Goulart. Teve papel importante no suporte dos EUA ao golpe militar de 1964, influenciando diretamente os rumos políticos do Brasil naquela época.

<sup>32</sup> A Guerra Fria foi um período de tensão geopolítica entre a União Soviética e os Estados Unidos da América, que durou por mais de 40 anos, aproximadamente de 1947 a 1991. Sem um confronto direto entre as superpotências, caracterizou-se por uma intensa disputa ideológica entre socialismo e capitalismo, influenciando a política, economia e relações internacionais em todo o mundo durante grande parte do século XX.

crescente retórica alarmista dos jornais, cuja narrativa anticomunista fomentava um senso de urgência por uma solução organizacional frente ao “perigo vermelho” que, segundo essas publicações, colocava em risco a estabilidade do país e desafiava diretamente a autoridade do governo vigente.

Perante tamanha fragilidade, Jango encontrou apoio no calor das ruas e nas multidões que acompanhavam seus comícios. Era neles que encontrava o apoio de seus “amigos trabalhadores” (Goulart, 1964), que lhe faltava nos quartéis e nos corredores do Congresso, onde afirmava seus ideais e buscava respaldo aos mesmos. No entanto, o presidente da época não contava que, somado à crescente oposição civil e militar, seria num deles que eclodiria o ponto de não-retorno, em que Boris Fausto evidencia em seu texto *História do Brasil* (1995).

No emblemático “Comício da Central do Brasil”<sup>33</sup>, no Rio de Janeiro, em 13 de março de 1964, João Goulart prestaria o que seria o gesto mais ousado de seu governo. Nele, ratificou “a necessidade das Reformas de Base”<sup>34</sup>, sobretudo a reforma agrária e a reforma urbana”, medidas que buscavam o combate à fome e à miséria, pautas consideradas “ameaças à democracia” na sua concepção (Ferreira, 2011, p.411).

Ao visar quebrar o poder das oligarquias rurais e integrar o trabalhador do campo ao processo produtivo e ao mercado consumidor, como defende Luiz Alberto Moniz em “O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961–1964) (2001, p.318)”, Jango buscava a redistribuição de terras improdutivas, em especial aquelas localizadas nas margens de rodovias e ferrovias federais. O combate à concentração fundiária também era acompanhado de uma reforma nos espaços urbanos, visto a “crescente população das cidades” (Skidmore, 2003, p. 335.).

Após assinar decretos polêmicos e prometer dar andamento nas reformas já citadas, Jango viu surgir um grande descontentamento em setores da sociedade civil. Nesse contexto, a *Marcha da família com Deus pela Liberdade* (1964)<sup>35</sup> se consolida ao acenar

---

<sup>33</sup> O Comício da Central do Brasil foi realizado em março de 1964, no Rio de Janeiro, reunindo mais de 200 mil pessoas em apoio às reformas de base propostas pelo presidente João Goulart. Durante o evento, Goulart assinou decretos importantes que aumentaram a tensão política e contribuíram para o clima que culminou no golpe de Estado daquele ano, marcando um momento decisivo na história brasileira.

<sup>34</sup> Conjunto de propostas estruturais que visavam a transformação da sociedade brasileira, através de reformas agrárias, urbanas, eleitorais, fiscais e bancárias. Era marcada pelo combate a desigualdades e promoção do desenvolvimento nacional.

<sup>35</sup> Série de manifestações entre março e junho de 64, em diversas cidades brasileiras, organizadas pelos setores conservadores da sociedade brasileira da época, como a Igreja Católica e entidades empresariais. Em conjunto, buscavam espantar a suposta ameaça comunista, que se tornaria um dos responsáveis pela intervenção dos militares.

publicamente o medo de uma “ameaça vermelha”<sup>36</sup>. Baseando-se na tríade do “discurso da moral, da religião e da ordem para justificar o fim da legalidade democrática”, (Cordeiro, 2021, p. 14) a série de manifestações realizadas, principalmente, em março daquele ano, que apresentavam apoio à deposição do presidente.

De acordo com o documentário “O dia que durou 21 anos”, a imprensa também teve papel importante ao orientar a compreensão coletiva de um golpe de estado, ao apontar irregularidades no governo e na divulgação de atos contrários à Jango. “A falta de solidariedade foi uma desvantagem gerada pela própria imprensa.” (Smith, 2013, p.20).

Em meio ao descontentamento atingido pelas diversas camadas da sociedade brasileira da época, motivadas pelos fatores já citados, os golpistas tinham o cenário ideal para a tomada do poder. Afinal, o golpe de 1964 foi o desfecho de uma escalada repressiva que culminaria numa ditadura institucionalizada, como afirma Jacob Gorender, em sua obra “Combate nas Trevas” (1987). E, se “no futebol não há golpes” (DaMatta, 1994, p.17), na política brasileira, tudo se caminhava para um.

Ainda na madrugada do dia 31 de março de 1964, o general da 4º Região Militar, Olímpio Mourão Filho<sup>37</sup>, determinou a partida de suas tropas em direção ao Rio de Janeiro, que apesar de não ser mais a capital do país desde 1960 com a construção de Brasília, ainda era vista como a capital simbólica da política nacional. Além disso, era na capital fluminense em que João Goulart se encontrava, no Palácio das Laranjeiras, e onde soube da movimentação das tropas mineiras em sua direção. Lá também se encontrava o I Exército, cuja “adesão ou neutralidade foi decisiva para o sucesso do golpe” (Fico, 2004, p. 88).

Em meio ao avanço da tropa de Mourão, Jango partiu à Brasília na busca totalmente falha por apoio político e militar. Em seguida, rumou à Porto Alegre, onde se encontrou com Leonel Brizola<sup>38</sup>, que “tentava organizar a resistência com apoio de oficiais legalistas” (Castro, 1964, p. 30). Apesar da insistência de Brizola, o ainda presidente optou

---

<sup>36</sup> A ameaça vermelha é uma expressão usada durante a Guerra Fria para designar o temor do avanço do comunismo, especialmente em países do Ocidente. No contexto brasileiro, foi amplamente explorada por setores conservadores e militares como justificativa para a repressão de movimentos sociais, partidos de esquerda e lideranças populares, sendo intensificada no período que antecedeu o golpe civil-militar de 1964.

<sup>37</sup> Olímpio Mourão Filho foi um militar brasileiro, nascido em 08/06/1900 e falecido em 03/11/1972. É conhecido por ter deflagrado o golpe militar de 1964 ao iniciar a marcha das tropas rumo ao Rio de Janeiro. Teve papel importante no movimento integralista brasileiro e foi autor do falso “Plano Cohen”, documento utilizado para justificar medidas repressivas durante a Era Vargas.

<sup>38</sup> Leonel de Moura Brizola foi um político brasileiro, nascido em 22/01/1922 e falecido em 21/06/2004. Ex-governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, destacou-se por suas políticas educacionais inovadoras e por sua firme resistência ao regime militar instalado no Brasil após o golpe de 1964. É lembrado como uma das principais lideranças da esquerda brasileira no século XX.

em não resistir por ser contra um “derramamento de sangue em defesa do meu mandato”(Goulart, 1964, p.30).

O Uruguai, que foi algoz dos brasileiros na Copa do Mundo de 1950, viria a receber, após visitas às fazendas da família em São Borja, o recém exilado político. em grande parte da imprensa, o tom era de vibração por um suposto resgate do país pelos militares: “Salvos da comunização que celeremente se preparava, os brasileiros devem agradecer aos bravos militares que os protegeram de seus inimigos” (O Globo, 1964, p.2).

Na madrugada do dia 2 de abril de 1964, o presidente do Senado, Auro de Moura Andrade declarou vaga à cadeira da presidência da república, legitimando a posse imediata de Ranieri Mazzilli<sup>39</sup>, que estava na qualidade de presidente da Câmara dos Deputados, e que tomara a posse como figura de transição ainda na madrugada no Palácio do Planalto, por volta das 3h30 da manhã. Naquele momento, o golpe já havia conquistado caráter legal pelo Congresso Nacional, e o poder do país passava, sob a forte influência dos militares nele presente, para as mãos do general Humberto de Alencar Castello Branco.

General do Exército Brasileiro visto como um oficial de perfil técnico e respeitado por sua formação intelectual, como destaca o historiador Thomas Skidmore, Castello Branco ganhou influência ao se destacar pelo apoio na formação estratégica e doutrinária dos militares, tendo participado, por exemplo, da criação da Escola Superior de Guerra (ESG)<sup>40</sup>. Foi nela, inclusive, onde o cearense consolidava a ideia de uma intervenção militar em momentos de crise política no país.

Logo, no dia 15 de abril de 1964, Castello alcançara o ponto mais cobiçado pelo seu ideal. Em cerimônia realizada no Palácio do Planalto, um discurso que prometia a promoção do “o reencontro da legalidade, da paz e do desenvolvimento” (Castello Branco, 1964), dava início ao regime cívico-militar. Transmitindo uma ideia de um governo provisório e legal, o novo presidente prometia realizar eleições no ano seguinte a sua posse e restaurar a ordem institucional. Porém, parecia não contar que o peso de liderar uma nação era muito maior que o golpe aplicado.

---

<sup>39</sup> Ranieri Mazzilli foi um político brasileiro, nascido em 27/04/1910 e falecido em 21/06/1975. Destacou-se por sua atuação como presidente da Câmara dos Deputados entre 1958 e 1965, chegando a assumir interinamente a presidência da República em duas ocasiões: após a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, e durante o golpe militar de 1964.

<sup>40</sup> A Escola Superior de Guerra foi criada em 1949 com a missão de desenvolver e consolidar os conhecimentos necessários para o exercício de funções de direção e assessoramento superior no planejamento da Defesa Nacional. Desde então, tem sido um importante centro de formação para líderes militares e civis envolvidos na segurança e estratégia do Brasil.

No livro “A Ditadura Envergonhada”, Elio Gaspari<sup>41</sup> debruça sua análise em bastidores do golpe militar de 1964 e os primeiros anos do regime, trazendo um maior foco justamente para o primeiro presidente após a tomada do poder. Nele, evidencia a insuficiência administrativa dos militares e, principalmente, das discordâncias entre os membros da alta cúpula que, por exemplo, ao destacar que a ditadura nasceu em meio a uma balbúrdia, quando os generais não tinham um projeto único (Gaspari, 2002, p.53).

Ao adotar a doutrina de segurança nacional, a ligação e influência dos Estados Unidos no território brasileiro retorna, seja ideologicamente, com o apoio na Guerra Fria, ou na implantação de políticas econômicas inspiradas no interesse estadunidense. O país volta a apresentar “uma postura de subordinação explícita aos Estados Unidos, abandonando o princípio da autonomia [...]”, mediante ao apoio dos norte-americanos na tomada do poder (Cervo; Bueno, 2002, p. 355).

Na época, a Constituição em vigência era democrática, tendo se inspirado nos ideais liberais do pós-Segunda Guerra Mundial, sendo mantida entre os anos de 1946 até 1967. Entretanto, a mesma passou a ser constantemente violada pelos chamados “Atos Institucionais”, que serviam como uma Constituição paralela, conferindo aos militares os poderes necessários para suprimir garantias democráticas, cassar mandatos, fechar o Congresso e governar por decreto” (Fico, 2004, p. 32). A partir do primeiro destes atos, o regime que, até aquele momento, era cívico-militar dá lugar a um regime autoritário e que nascia como “Ditadura Militar”.

Apesar de ter prometido a manutenção da legalidade, a cúpula militar foi responsável pelos “AI-1”, que, posteriormente, seria acompanhado de outros ordenamentos fora da constituição, como o “AI-2”, já instalado por Castello Branco. O primeiro deles instalou uma série de cassações de mandato e suspensão de direitos políticos de opositores por 10 anos, além de instaurar a repressão institucionalizada no país. Enquanto isso, o segundo ato extinguiu os partidos políticos, criando o bipartidarismo - explicação- e instituiu eleições indiretas <sup>42</sup>para a presidência.

---

<sup>41</sup> Elio Gaspari é um jornalista e escritor brasileiro, nascido em 1944. Tornou-se conhecido por sua extensa obra sobre a ditadura militar no Brasil, especialmente pela série de livros “As Memórias da Ditadura”, que detalha e analisa os acontecimentos políticos e sociais do período autoritário. Gaspari é reconhecido por sua investigação minuciosa e contribuição para a compreensão da história recente do país.

<sup>42</sup> As eleições indiretas de 1967 no Brasil ocorreram durante o regime militar, quando o presidente e o vice-presidente foram escolhidos pelo Congresso Nacional, e não pelo voto direto da população. Esse processo consolidou o governo militar iniciado em 1964, com a eleição de Artur da Costa e Silva para a presidência. As eleições indiretas refletiam o controle autoritário sobre a política nacional, limitando a participação democrática.

Se no futebol, o drible se refere ao “puro prazer do corpo que se lança na proibida aventura da liberdade” (Galeano, 1995) na política ele poderia ser configurado nas ações militares construídas para a consolidação de um poder que não reconhecia limites jurídicos e atuava acima das leis. Os atos que se apresentavam como uma busca pelo restabelecimento da ordem no país viam uma disputa entre as alas do exército, a volta aos tempos de violência, repressão e de conflitos no Brasil.

### 2.3 UMA COPA PARA INGLÊS VER E BRASILEIRO ESQUECER

Em meio a transição de poderes entre o regime presidencialista e o ditatorial militar, o rolar da bola no país se assemelhava a um período de transformação. O futebol brasileiro que emergiu de forma regional, com campeonatos estaduais e torneios entre times de uma mesma região, passava por um processo de nacionalização, com a consolidação de torneios como a Taça Brasil. Tendo sua primeira edição em 1959, a competição surgia como “resposta à necessidade de um torneio nacional de clubes que unisse as diferentes regiões do Brasil em busca do título de campeão nacional” (Paschoal, Portal Times, 2023).

Criada pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD)<sup>43</sup>, a Taça Brasil reunia todos os campeões estaduais (e alguns vices) e utilizava como inspiração o Campeonato Brasileiro de Seleções<sup>44</sup>, que dividia o país em duas grandes chaves: Norte/Nordeste e Sul/Sudeste. Visando integrar o território nacional, também poderia ser vista como uma estratégia do Estado que “buscava construir e mobilizar uma identidade nacional em torno da Seleção e dos grandes clubes, articulando o futebol como um símbolo de coesão e representação do “Brasil moderno” (Santos; Daniel, 2012).

Apesar de ter sido conquistada pelo Bahia e Palmeiras, respectivamente, nos seus dois primeiros anos de realização, a Taça Brasil, na década de 1960 contou com o domínio do Santos Futebol Clube. Pentacampeão entre 1961 e 1965, o time da baixada santista, formado.

---

<sup>43</sup> A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) foi fundada em 1914 como a entidade máxima responsável pela organização e regulamentação do futebol e de outros esportes no Brasil. Atuou até 1979, quando foi substituída pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Durante seu período, a CBD contribuiu para a estruturação do futebol nacional e a participação do Brasil nas competições internacionais.

<sup>44</sup> O Campeonato Brasileiro de Seleções foi uma competição disputada entre seleções estaduais do Brasil, realizada principalmente nas décadas de 1920 a 1950. O torneio reunia os melhores jogadores de cada estado para representar suas regiões em confrontos que ajudaram a fortalecer o futebol nacional antes da consolidação dos clubes como principais protagonistas do esporte no país.

entre outros, por Pelé, Zito, Coutinho<sup>45</sup> e Pepe<sup>46</sup>, marcou uma era eternizada no futebol brasileiro, quando “a superioridade era tanta que às vezes parecia que jogavam um outro esporte” (Gaspari, 2002).

Com expedições pela África, Europa e nas Américas, o time passou a ser um embaixador da bola e da arte, sendo respeitado como nenhum outro clube. Para além do esporte, o time auxiliava no compartilhamento de uma visão positiva acerca do futebol local, representando o auge do futebol-arte e levando a brasilidade para outras partes do mundo.

Ainda no Brasil, outros times que se destacavam eram o Botafogo, que também formava a base da seleção com Garrincha, Didi<sup>47</sup>, Nilton Santos<sup>48</sup> e Amarildo, e o Palmeiras, campeão da Copa Rio-São Paulo, primeiro título interestadual do alviverde paulista. No Norte e no Nordeste, Bahia, Ceará e o Náutico eram as equipes que figuravam nos campeonatos de maior relevância da época. Entretanto, a disparidade ainda era grande, seja por dificuldades de logística, quanto de financiamento e recursos, que já naquela época eram marcantes.

No que se refere à infraestrutura, o Brasil vivia um período de transformação. A construção de grandes estádios começa de forma acelerada. Ao todo foram “14 arenas públicas com capacidade superior a 40 mil espectadores, inauguradas entre 1964 e 1985” (Malaia, 2021, p. 3). Dentre elas, se destaca o Estádio Governador Magalhães Pinto, cujo nome homenageia o então governador do estado de Minas Gerais e um dos responsáveis pela articulação política e financeira que viabilizou a sua construção, que foi inaugurado em setembro de 1965 e, ao longo dos anos, passou a ser chamado popularmente como “Mineirão”.

A tática das construções de obras faraônicas, segundo o escritor especializado em design e arquitetura Deyan Sudjic, se explica pelo “Complexo do Edifício”, em que o mesmo vê “o meio pelo qual o ego de um indivíduo é expresso de forma mais nua” (Sudjic, 2005).

---

<sup>45</sup> Antônio Wilson Vieira Honório, conhecido como Coutinho, foi um atacante brasileiro, nascido em 11/06/1943 e falecido em 11/03/2019. Ídolo do Santos Futebol Clube, formou uma das duplas de ataque mais famosas da história ao lado de Pelé. Destacou-se pela habilidade, inteligência e faro de gol, contribuindo para a conquista de diversos títulos nacionais e internacionais pelo clube durante as décadas de 1960 e 1970.

<sup>46</sup> José Macia, conhecido como Pepe, foi um atacante brasileiro, nascido em 25/02/1935 e falecido em 18/07/2017. Ídolo do Santos Futebol Clube, destacou-se pela habilidade, velocidade e precisão nas finalizações. Fez parte do time que marcou época nas décadas de 1950 e 1960, conquistando inúmeros títulos nacionais e internacionais ao lado de grandes craques como Pelé e Coutinho.

<sup>47</sup> Waldyr Pereira, conhecido como Didi, foi um meio-campista brasileiro, nascido em 08/10/1928 e falecido em 12/05/2001. Reconhecido por sua técnica apurada e criatividade, foi peça fundamental na conquista das Copas do Mundo de 1958 e 1962 pela Seleção Brasileira. Também teve destaque em clubes como Botafogo e Real Madrid, sendo lembrado como um dos maiores jogadores brasileiros de sua geração.

<sup>48</sup> Nilton Santos foi um lateral-esquerdo brasileiro, nascido em 16/05/1925 e falecido em 27/11/2013. Ícone do futebol brasileiro, jogou a maior parte da carreira no Botafogo e foi bicampeão mundial com a Seleção Brasileira em 1958 e 1962. Conhecido como “A Enciclopédia do Futebol” pela sua inteligência tática e versatilidade, é considerado um dos maiores laterais da história do esporte.

p.12-13). Nele, o concreto e o aço superaram o diálogo, ganhando um caráter de imposição e celebração de um regime (ou de uma pessoa, no caso de regimes fascistas). Para além do uso impositivo, os novos gramados inaugurados também procuravam refletir um momento de modernização do futebol nacional.

Entretanto, o processo evolutivo na organização estrutural do esporte local ainda assim não superava a desordem vivenciada no país pós-golpe de 64. Afinal, “o regime militar, outorgando-se o monopólio da ordem, era uma grande bagunça” (Gaspari, 2002, p.41). Tamanha desorganização era encontrada também na Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que chegou a passar por reestruturações administrativas e sofreu com as tensões internas entre dirigentes, clubes e militares. Adotando uma posição mais centralizadora e com redução das influências das federações estaduais, a instituição mergulhava em um autoritarismo técnico e administrativo, que era refletida na preparação para o Mundial que seria disputado em 1966, na Inglaterra.

Durante a preparação para a Copa do Mundo daquele ano, a seleção brasileira se tornou protagonista de um episódio inusitado: a formação de quatro “times” diferentes durante os treinos, que eram chamados pela imprensa e pelos atletas de “Seleções A, B, C e D”. Ao todo, os 44 atletas chamados eram divididos e testados em diferentes esquemas táticos e estilos de jogo, que “ao invés de dar coesão, isso apenas aprofundou a incerteza” (Gaspari, 2002, p.187). Campeão em 1958, Vicente Feola reassumiu tardiamente a equipe, tendo dificuldades na definição de sua equipe titular.

A desorganização era tanta que, inevitavelmente, foi sentida pelos próprios jogadores. Em entrevista ao UOL, antes da Copa de 2002, o meia Lima<sup>49</sup>, que esteve presente no torneio do meio da década de 1960, reafirma a indefinição encontrada entre os selecionados: “Nós treinamos quatro meses antes da Copa e, faltando uma semana para começar, ninguém sabia quem ia jogar”. Nela, o meia que foi pentacampeão da Taça Brasil com o Santos, também revela que, apesar de buscarem uma competição maior pela vaga na lista final, toda essa disputa interna gerou medo e insegurança nos jogadores selecionados, que conviveram com esses sentimentos por quatro meses antes da disputa do campeonato.

Além de ser um meio de tentativa de inclusão de jogadores de todos os estados, a implementação do sistema de 44 atletas chamados era somada a um método de espetacularização perante a realidade do país, numa tentativa de criação de uma falsa

---

<sup>49</sup> Antônio Lima Pereira, conhecido como Lima, foi um meio-campista brasileiro, nascido em 25/05/1941. Atuou pela Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1966, destacando-se pelo talento e criatividade no meio-campo. Jogou em clubes como Botafogo e Internacional, sendo lembrado pela técnica apurada e contribuição ao futebol nacional durante a década de 1960.

sensação de normalidade. As quatro equipes divididas em cores (vermelha, verde, branca e amarela) se enfrentavam por muitas vezes nos estádios estreados recém-inaugurados pelo governo, a maioria deles suportando multidões superiores a 30 mil pessoas.

Se já não bastasse a forma conturbada de lidar com essas separações nos meses anteriores à ida ao torneio, a CBD embarcou para a Europa com todos eles, iniciando de outro continente o processo de corte e definição daqueles que iriam representar o país na Copa. Os testes práticos excessivos, geraram “confusão e prejudicou o ambiente de trabalho” (Gaspari, 2002, p.186), afinal, o contato entre as equipes era mínimo, intencionalmente, para a promoção de uma tentativa falha de maior competitividade entre elas. Toda essa situação resultaria em convocados sem um critério pré-definido e um plantel totalmente improvisado.

Apesar da situação em que se encontrava, o Brasil chegava na terra da Rainha Elizabeth II<sup>50</sup>, como um dos favoritos ao título daquele troféu. Pois, apesar da bagunça institucional, a lista final de Feola contaria com nomes de destaque como: Garrincha, Tostão<sup>51</sup>, Jairzinho<sup>52</sup>, Gilmar<sup>53</sup>, Djalma Santos<sup>54</sup> e Pelé. Entretanto, em meio à turbulenta preparação, o entrosamento da equipe, o cenário de pressão implantado e as condições físicas inadequadas de seu plantel, se tornaram adversários talvez maiores do que qualquer outra seleção que disputou o torneio para os brasileiros.

Na mescla entre a experiência e alguns talentos promissores, o técnico via o experiente Garrincha sofrer pelo alcoolismo, que “mal conseguia andar”, segundo entrevista de Tostão aos Canais ESPN do Reino Unido em 2014, a qual o mesmo destacou os treinamentos da equipe como uma piada, e um time que tinha convocado veteranos de 58 e 62

---

<sup>50</sup> Elizabeth Alexandra Mary Windsor, conhecida como Rainha Elizabeth II, nasceu em 21/04/1926 e faleceu em 08/09/2022. Foi a monarca do Reino Unido e de outros países da Commonwealth por mais de 70 anos, tornando-se a rainha com o reinado mais longo da história britânica. Seu papel foi marcado por estabilidade, modernização da monarquia e dedicação ao serviço público, sendo uma figura globalmente respeitada e símbolo de continuidade.

<sup>51</sup> Eduardo Gonçalves de Andrade, conhecido como Tostão, é um ex-atacante brasileiro, nascido em 25/01/1947. Destacou-se pela técnica refinada e inteligência em campo, tendo sido peça fundamental na conquista da Copa do Mundo de 1970 pela Seleção Brasileira. Atuou por clubes como Cruzeiro, onde se tornou ídolo, e é lembrado como um dos maiores jogadores brasileiros de sua geração.

<sup>52</sup> Jair Ventura Filho, conhecido como Jairzinho, foi um atacante brasileiro, nascido em 25/12/1944. Ficou famoso por sua atuação na Copa do Mundo de 1970, onde marcou gols em todas as partidas disputadas pelo Brasil, ajudando a seleção a conquistar seu tricampeonato mundial. Ídolo do Botafogo, destacou-se pela velocidade, força e habilidade em campo, sendo um dos grandes nomes do futebol brasileiro da década de 1970.

<sup>53</sup> Gilmar dos Santos Neves, conhecido como Gilmar, foi um goleiro brasileiro, nascido em 22/08/1930 e falecido em 25/08/2013. Foi titular da Seleção Brasileira nas conquistas das Copas do Mundo de 1958 e 1962, sendo lembrado por sua segurança e liderança na defesa. Jogou por clubes como Corinthians e Santos, consolidando-se como um dos maiores goleiros da história do futebol brasileiro.

<sup>54</sup> Djalma Pereira Dias dos Santos, conhecido como Djalma Santos, foi um lateral-direito brasileiro, nascido em 27/02/1929 e falecido em 23/07/2013. Considerado um dos melhores laterais da história do futebol, foi bicampeão mundial com a Seleção Brasileira em 1958 e 1962. Destacou-se pela técnica, disciplina e inteligência tática, deixando um legado duradouro no esporte nacional e internacional.

“apenas para falar sobre seus nomes”. A preparação brasileira que havia sido exemplar em 1958, quando, até mesmo cuidados dentários foram recebidos pelos jogadores, vivia tempos de regresso.

Contrariando o mal planejamento, a seleção brasileira estreou com vitória contra a Bulgária. Atuando no Goodison Park<sup>55</sup>, em Liverpool, os canarinhos abriram o placar ainda no primeiro tempo, numa cobrança de falta de Pelé. Foi também na bola parada, que Garrincha marcou o segundo gol do jogo, dando números finais a partida: vitória por 2 a 0. Entretanto, nem o êxito dava ânimo, pois ali a dupla Mané-Pelé, após 40 jogos de invencibilidade, disputava a sua última partida junta. “Foi a melhor dupla que o Brasil teve dentro de campo”, afirmou Zagallo em entrevista ao Globo Esporte em 2016, em que o mesmo revelou o sentimento de privilégio em atuar ao lado dos dois.

O fim da dupla se deu devido à lesão sofrida no joelho direito do camisa 10 na estreia, quando Pelé sofreu com diversas faltas dos defensores búlgaros, e se viu obrigado a ser poupado pela comissão técnica para a segunda rodada. O segundo adversário era justamente a última seleção a ter vencido o país em Copas, já que o Brasil emendou uma sequência de 13 jogos sem perder em Mundiais desde a Batalha de Berna, na Copa da Suíça, em 1954. No jogo que também marcou a única derrota com Garrincha em campo com a camisa verde e amarela, a Hungria voltou a vencer os brasileiros, desta vez pelo placar de 3 a 1.

Para a última rodada da primeira fase, Feola contaria com o retorno de Pelé, mas colocaria Mané no banco de reservas. No total, o treinador fez cerca de nove alterações na equipe titular, incluindo uma mudança de goleiros. O motivo era o desgaste físico e as lesões sofridas pelos atletas durante a disputa do Mundial daquele ano. O fato gerou muita reclamação por parte dos dirigentes brasileiros na época “O Brasil teve nada menos que 5 jogadores contundidos em apenas 3 partidas”, denunciava João Havelange ao Jornal do Brasil (p.18 da edição do dia 20 de julho de 1966).

Completando o cenário de decepção, o Brasil foi derrotado para um rival histórico - e não futebolisticamente falando -, que havia tomado posse de suas terras por mais de 300 anos: a seleção de Portugal. Apesar dos gols marcados pelo craque Eusébio<sup>56</sup>, por duas vezes,

---

<sup>55</sup> Goodison Park é um estádio de futebol localizado em Liverpool, Inglaterra, inaugurado em 24/08/1892. É a casa do Everton Football Club desde sua construção, sendo um dos estádios mais tradicionais do futebol inglês. Conhecido por sua atmosfera vibrante e história rica, já recebeu jogos importantes de campeonatos nacionais e internacionais ao longo dos anos.

<sup>56</sup> Eusébio da Silva Ferreira, conhecido simplesmente como Eusébio, foi um atacante português, nascido em 25/01/1942 e falecido em 05/01/2014. Ícone do futebol mundial, destacou-se por sua velocidade, técnica e poderoso chute. Foi o principal nome da seleção portuguesa na Copa do Mundo de 1966, onde conquistou o

e por Simões<sup>57</sup>, foram as entradas de João Morais<sup>58</sup> sobre Pelé que ganharam destaque na partida. A falta de punição por parte do árbitro inglês George McCabe<sup>59</sup> se tornou alvo de críticas por parte do presidente da CBD, que antes já havia sendo cobrado para a produção de relatórios à FIFA sobre a deslealdade contra os jogadores brasileiros e a impassividade da arbitragem, pelo supervisor Carlos Nascimento<sup>60</sup> (Jornal do Brasil 13 de julho de 1966, p.21).

Inclusive, este era outro ponto que refletia tamanha desordem na organização do futebol nacional, pois aquela edição ficou marcada como palanque político para João Havelange. Após um torneio marcado por decisões duvidosas que atingiam diretamente os países emergentes, João se lançou numa campanha internacional, que viria a resultar na sua conquista do cargo de presidente da FIFA em 1974. A postura de busca de justiça aos países menos favorecidos era clara e apontada por seu rival e presidente da Federação entre 1961 e 1974, Stanley Rous<sup>61</sup>: “O senhor Havelange está realizando uma campanha política como se estivesse disputando a presidência dos Estados Unidos” (apud Coelho, 1997; Leite Lopes, 1999).

Seja pelo início da campanha propagandista de Havelange à presidência da Federação do Futebol ou pela arbitragem apontada como pouco rigorosa nas faltas nos jogadores canarinhos, nada disso minimizou a eliminação do Brasil na primeira fase. Com uma única vitória e as duas derrotas subsequentes, o Brasil ficou com a amarga 11<sup>o</sup> colocação, ranking inferior apenas a participação na Copa de 1934, e ficou marcado como o pior desempenho futebolístico da seleção brasileira na história das Copas.

---

terceiro lugar e ganhou a Chuteira de Ouro como maior artilheiro do torneio. Também brilhou no Benfica, clube pelo qual conquistou inúmeros títulos nacionais e internacionais.

<sup>57</sup> António Simões (nascido em 1943) foi um dos principais jogadores da seleção portuguesa na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra. Atacante habilidoso e veloz, destacou-se como ponta-esquerda ao lado de craques como Eusébio. Com apenas 22 anos, Simões foi peça fundamental na campanha histórica que levou Portugal ao terceiro lugar no torneio — sua melhor colocação em Copas até então.

<sup>58</sup> João Morais foi um defensor português, nascido em 08/06/1935 e falecido em 30/11/2010. Ficou famoso por seu gol decisivo na final da Taça dos Clubes Campeões Europeus de 1962, garantindo a vitória do Benfica sobre o Real Madrid. Atuou principalmente pelo Benfica, onde conquistou diversos títulos nacionais e internacionais, sendo lembrado como um dos grandes defensores da história do clube.

<sup>59</sup> George McCabe foi um árbitro inglês de futebol, nascido em 10/04/1922 e falecido em 25/10/2001. Ficou conhecido internacionalmente por apitar jogos importantes, incluindo partidas da Copa do Mundo de 1966, sediada na Inglaterra. Reconhecido pela sua experiência e autoridade em campo, McCabe contribuiu para a história da arbitragem no futebol britânico e mundial.

<sup>60</sup> Carlos Nascimento foi diretor da Seleção Brasileira de Futebol durante o período da Copa do Mundo de 1966. Atuou nos bastidores da equipe, auxiliando na organização e gestão do time em um momento desafiador para o futebol brasileiro. Seu trabalho contribuiu para a logística e suporte da delegação durante o Mundial disputado na Inglaterra.

<sup>61</sup> Sir Stanley Ford Rous foi um dirigente e árbitro inglês de futebol, nascido em 25/04/1895 e falecido em 18/07/1986. Foi presidente da FIFA entre 1961 e 1974, período marcado por importantes mudanças e crescimento do futebol mundial. Também atuou como árbitro em partidas internacionais e teve papel central na modernização das regras e na organização das competições globais.

“A derrota na Copa de 1966 foi lida como decadência e atraso do futebol, na qual ‘a força’ predominou sobre a ‘arte’ em relação às novas tecnologias do treinamento físico e tático” (A imprensa e a memória do futebol brasileiro, p. 5, s.d.). O Mundial que poderia simbolizar a unidade de um Brasil forte e moderno, ideais pregados pelos militares, mostrou a faceta de um regime bagunçado, “quase um manual de não-conduta, uma lição inesquecível de como as coisas não devem ser feitas durante uma Copa.” (Natusch, 2010, s. p.). Autor do único gol dos comandados de Feola no confronto contra a Hungria, Tostão em entrevista ao jornal O Globo em 2016 enfatizou o “clima de depressão” vivido no país: “Após a Copa de 66 só se falava do fim do futebol arte no Brasil. [...] Surgiu a ideia de que o futebol brasileiro tinha acabado”.

Dali surgiam dois pontos cruciais para a compreensão da importância da Copa do Mundo de 1970: crescimento do número de “torcedores [...] muito desconfiados pelo fracasso na Copa de 1966”, como afirmou o meia Gérson <sup>62</sup> à Folha de São Paulo em 2020, além da visível a necessidade de reformular as convocações, treinamento e preparo físico de seus jogadores. Ambos abriram as portas para a entrada do militarismo na seleção brasileira, que será característica presente nos anos seguintes ao vexame em terras inglesas.

A distância entre o Reino Unido e o Brasil é de, aproximadamente, 7.160 a 7.190 km, a depender do ponto selecionado. Entretanto, o clima vexatório entre os brasileiros que estavam disputando o torneio e os que viviam no país parecia ignorar tamanha distância. Saindo das quatro linhas do gramado e tornando o olhar para o jogo político, o Brasil teria motivos maiores para se envergonhar nos anos seguintes. Com a chegada do Marechal Artur da Costa e Silva<sup>63</sup> ao poder, em março de 1967, após vencer as eleições indiretas disputadas no ano anterior, sendo o único candidato a concorrer, o país veria o que mais se aproximava do “rosto” da ditadura militar brasileira (Skidmore, Thomas em entrevista à Folha de S.Paulo, s.p, 23 de março de 2004).

Sua entrada no poder do país, além de representar a sucessão de Castello Branco, conforme a transição planejada pelos militares, também se traduzia na tomada do governo por uma ala mais radical do regime, que por “ser favorável à uma linha dura para total expurgo

---

<sup>62</sup> Gérson de Oliveira Nunes, conhecido como “Canhotinha de Ouro”, foi um meio-campista brasileiro, nascido em 11/01/1941. Reconhecido por sua precisão nos passes e forte chute com a perna esquerda, foi peça fundamental na conquista da Copa do Mundo de 1970 pela Seleção Brasileira. Atuou em clubes como Flamengo, Botafogo e São Paulo, sendo lembrado como um dos grandes talentos do futebol brasileiro.

<sup>63</sup> Artur da Costa e Silva foi um marechal do Exército Brasileiro e presidente do Brasil entre 1967 e 1969. Nascido em 03/10/1899 e falecido em 17/12/1969, seu governo marcou o endurecimento do regime militar, com a edição do Ato Institucional Número Cinco (AI-5), que ampliou os poderes do Executivo e intensificou a repressão política. Sua presidência foi marcada por forte controle autoritário e crise política que culminou em sua incapacidade de governar devido a problemas de saúde.

dos comunistas” (Sá Motta, 2021) passou a ser chamada de “Linha Dura”. Defendendo o endurecimento da repressão aos opositores do governo e uma maior centralização do poder, logo no início de seu governo, Costa e Silva buscou reforçar seu controle sobre o Congresso Nacional e Judiciário, diminuindo a resistência às suas novas políticas implementadas.

Em meio a este processo de rigidez do regime, um aumento do número de opositores marcou seus primeiros anos de governo. Composto pela Frente Ampla<sup>64</sup>, que era um foco de oposição marcado pela participação de políticos influentes como os ex-presidentes João Goulart e Juscelino Kubitschek, grupos e organizações da esquerda brasileira como o Partido Comunista Brasileiro (PCB)<sup>65</sup> e o movimento estudantil, os grupos de oposição aos militares ganharam força, principalmente, com episódios como a morte do estudante Edson Luís<sup>66</sup> e a “sexta-feira sangrenta”<sup>67</sup>, marcadas como provas da violência policial adotada pelo Estado.

Perante o aumento da insatisfação e dos contrariados, “a resposta do governo foi decretar o Ato Institucional nº 5 em 13 de dezembro de 1968” (Um disfarce legalista para a ditadura – Memórias da Ditadura). A partir do Ato Institucional, os militares determinaram a possibilidade de fechamento do Congresso Nacional, as assembleias legislativas e as câmaras municipais; cassação de mandatos e suspensão dos direitos políticos de opositores; legislar por decretos, baixar atos institucionais e complementares, espantando qualquer timidez de se reconhecer como uma Ditadura. Impressão confirmada pelos próprios militares, como

---

<sup>64</sup> A Frente Ampla foi uma aliança política formada no início dos anos 1960, reunindo setores do PSD, PTB e UDN que apoiavam os governos de Juscelino Kubitschek (JK) e João Goulart (Jango). Seu objetivo era fortalecer a base política para implementar reformas sociais e econômicas no Brasil, além de garantir estabilidade política em meio a um cenário de crescente polarização. A Frente Ampla buscava um caminho conciliador entre conservadores e progressistas, mas enfrentou forte oposição, contribuindo para o ambiente que antecedeu o golpe militar de 1964.

<sup>65</sup> O Partido Comunista Brasileiro (PCB) foi fundado em 1922 como uma organização política de esquerda, defendendo ideais marxistas e a luta contra as desigualdades sociais no Brasil. Ao longo do século XX, enfrentou períodos de repressão e ilegalidade, especialmente durante regimes autoritários, mas manteve atuação importante na mobilização popular e nos movimentos trabalhistas. O PCB teve papel relevante nas disputas políticas do país, influenciando debates sobre reforma social e direitos democráticos.

<sup>66</sup> Edson Luís de Lima Souto foi um estudante brasileiro que morreu em 28 de março de 1968, após ser baleado pela polícia durante um protesto no Restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro. Sua morte gerou comoção nacional e foi um marco importante no movimento estudantil contra a ditadura militar, intensificando as manifestações e a resistência popular contra o regime autoritário.

<sup>67</sup> A “Sexta-feira Sangrenta” refere-se ao dia 19 de março de 1965, quando ocorreram confrontos violentos entre estudantes, manifestantes e a polícia no centro do Rio de Janeiro. Marcado por repressão policial intensa, o episódio ficou conhecido pela brutalidade com que o regime militar reprimiu as manifestações, simbolizando o endurecimento da ditadura e o aumento da resistência popular contra o governo autoritário.

afirmou o ministro do Trabalho e da Previdência Social, Jarbas Passarinho<sup>68</sup>, durante a reunião do AI-5, em 1968:

Sei que a Vossa Excelência repugna, como a mim, e creio que a todos os membros deste conselho, enveredam para o caminho da ditadura pura e simples, mas parece que claramente é esta que está diante de nós. Eu seria menos cauteloso do que o próprio ministro das Relações Exteriores, quando diz que não sabe se o que restou caracterizaria a nossa ordem jurídica como não sendo ditatorial, eu admitiria que ela é ditatorial. (Passarinho, 1968, p.06)

Assim como intitulou sua série de livros acerca do tema, Elio Gaspari enfatiza que “com o AI-5, a ditadura abandonou qualquer verniz legalista: dissolveu-se a legalidade, e instituiu-se a arbitrariedade como norma” (Gaspari, 2002, p. 17). A partir deste ato, a “Ditadura Envergonhada” se desmascara com as falsas esperanças de retorno da legalidade institucional e de uma possível volta da democracia, dando lugar a uma “Ditadura Escancarada”, quando o regime se assume como tal. É, a partir dele, que toma forma definitiva o período chamado de “Anos de Chumbo”, quando a enganosa tentativa de instabilidade e ordem passam a se utilizar da tortura, da violência e da censura, como ferramenta de controle daqueles que não aceitavam “o mais cruel sistema repressor que o país já viveu” (Rádio Câmara – “Período da história do Brasil conhecido como os 'anos de chumbo”). Mais do que nunca, o som dos disparos de um tiro será amplamente abafado pelos festejos de um grito de gol.

---

<sup>68</sup> Jarbas Gonçalves Passarinho foi um militar e político brasileiro, nascido em 11/01/1920 e falecido em 17/06/2016. Durante o regime militar, ocupou diversos cargos importantes, incluindo Ministro da Educação e da Justiça. Também foi presidente do Senado Federal e governador do Estado do Pará. Conhecido por seu papel na implementação das políticas do governo militar, Passarinho teve grande influência na política brasileira nas décadas de 1960 a 1980.

### **3 O ROLAR DISCIPLINADO DA BOLA E A CONQUISTA DA TERCEIRA ESTRELA**

O terceiro capítulo deste estudo é dedicado à compreensão do processo de reconfiguração da Seleção Brasileira no período posterior à Copa do Mundo de 1966, em meio a um momento em que o futebol nacional passou a ser ultrapassado por demandas de modernização técnica e por uma presença ainda maior e perceptível do governo militar em suas estruturas. Este processo de transição, que culminaria na conquista do tricampeonato em solos mexicanos, explicita as tensões entre a liberdade do “futebol-arte” e a rigidez da disciplina militarizada que passaria a ditar o ritmo dos treinamentos da equipe.

Visando entender essa transformação, este capítulo se organiza em dois grandes eixos analíticos centrais, que apesar de diferentes, tornam-se complementares. Primeiramente, será examinado a ascensão de João Saldanha, o “João Sem Medo”, no comando técnico da seleção. Jornalista e militante confesso comunista, Saldanha surgiu de forma improvável como responsável por arquitetar às chamadas “Feras”, sendo o principal motivo para a recuperação da confiança e da identidade do futebol ofensivo para a torcida brasileira, com uma brilhante campanha nas eliminatórias. Entretanto, sua trajetória também ficou marcada pelo incessante confronto direto com o poder instituído, evidenciando os limites da autonomia técnica frente ao autoritarismo dos anos de chumbo.

Na sequência, esta fase do trabalho se debruça à substituição de Saldanha por Mário Jorge Lobo Zagallo<sup>69</sup> e a consolidação de um modelo de preparação pautado na racionalização, no rigor físico e, principalmente, na disciplina, consolidando o modelo “atleta-soldado”. Se João foi responsável por devolver a “alma” e a confiança à equipe, Zagallo e sua comissão, com a presença de alguns militares, assumiram a tarefa com a missão de melhorar o que já estava bom, numa espécie de refinaria da “máquina” baseada em métodos científicos e rigor físico sem precedentes. É entre os espaços institucionais do Exército e os campos do Mundial do México, que o futebol passou por um processo progressivamente moldado como um espetáculo de eficiência, organização e ordem, que são valores consonantes à narrativa implementada pelo governo Médici.

Por fim, o capítulo apresenta os principais episódios, agentes e estratégias responsáveis pela conversão da seleção brasileira num dos mais potentes instrumentos de

---

<sup>69</sup> Mário Jorge Lobo Zagallo é um ex-jogador e técnico brasileiro, nascido em 09/08/1931. Como jogador, foi bicampeão mundial em 1958 e 1962, e como técnico, conquistou o título em 1970, tornando-se uma das maiores lendas do futebol brasileiro.

coesão simbólica do período autoritário, destacando o papel central do futebol na legitimação e na difusão do discurso oficial da ditadura.

### 3.1 NOS ANOS DE CHUMBO, UM JOÃO SEM MEDO ENTRA EM CAMPO

Além da repressão e da censura institucionalizadas no final dos anos 1960, a sociedade brasileira vivia um período de fragilidade em relação à consolidação de sua identidade nacional. Enquanto no campo político o país trilhava um caminho de violência contra os opositores, no futebol o fracasso na Copa de 1966 era interpretado como “decadência e atraso, na qual a força predominou sobre a arte [...]” (Soares; Bartholo; Salvador, 2007, p.5). Diante disso, a modernização da Seleção, sem que sua identidade fosse perdida, tornou-se uma pauta prioritária.

Nesse período, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) iniciou um processo de reformulação da Seleção marcado por instabilidade e ausência de continuidade. Após a saída de Vicente Feola, que deixou o comando logo depois do insucesso na Copa do Mundo de 1966, a entidade optou por recorrer a um nome já consagrado: Aymoré Moreira, responsável por conduzir a equipe nacional ao título mundial de 1962. O treinador reassumiu a Seleção em 1967 e permaneceu à frente também em 1968, momento em que promoveu a renovação do elenco com a convocação de jovens talentos que se tornaram centrais no ciclo seguinte, como Tostão e Rivellino<sup>70</sup>.

Entretanto, o processo de renovação da Seleção esteve acompanhado de um “desempenho ruim” (Roubicek; Quadros, p.130, 2020). Ao longo de sua passagem, Aymoré Moreira esteve à frente da equipe em 20 partidas, acumulando 11 vitórias, 5 empates e 4 derrotas. Apesar do saldo numérico positivo, a frequência de resultados considerados insatisfatórios despertou preocupação na Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que identificava em uma nova mudança de comando técnico a alternativa mais viável para superar aquele momento. A partir disso, a percepção de insegurança foi amplamente reverberada na cobertura jornalística: “Na imprensa esportiva brasileira, falava-se em crise do futebol brasileiro” (Roubicek; Quadros, 2020).

---

<sup>70</sup> Roberto Rivelino é um ex-jogador brasileiro, ídolo do Corinthians e do Fluminense. Ficou mundialmente conhecido pela execução do drible denominado “elástico” e pelo potente chute com a perna esquerda, sendo um dos principais nomes da Seleção Brasileira campeã mundial em 1970.

O que inicialmente poderia ser interpretado como um problema restrito aos maus resultados da Seleção revelou-se, em realidade, como uma dificuldade mais profunda: a escassez de treinadores dispostos a assumir o comando técnico. Em documentário produzido pela ESPN Brasil sobre o Canal 100 (2016), o ex-jogador Jairzinho evidencia esse cenário ao afirmar que “os treinadores brasileiros não queriam assumir a Seleção Brasileira, por conta da forma que perdemos em 1966”. Tal declaração reforça a percepção de que a derrota na Copa do Mundo daquele ano produziu um ambiente de insegurança e desconfiança, no qual até mesmo técnicos consagrados, responsáveis pelas conquistas mundiais anteriores, não foram cogitados pela Confederação. Nesse contexto, a relutância de outros profissionais em aceitar o cargo torna-se compreensível, uma vez que a instabilidade institucionalizada reduzia a margem de confiança e legitimidade daqueles que não possuíam títulos vestindo o verde e amarelo.

O que não se podia prever, contudo, era a estratégia inusitada da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) na escolha do novo treinador da Seleção. A entidade voltou-se diretamente para a imprensa, não no sentido de mobilizar reportagens, entrevistas ou coletivas, mas de recrutar, de maneira literal, um profissional oriundo do jornalismo esportivo para assumir o comando técnico. O aspecto mais surpreendente, entretanto, não residia apenas no fato de um jornalista ser designado para dirigir a equipe bicampeã mundial, mas sim na escolha de um personagem influente, de posicionamento político assumidamente comunista, em pleno contexto de um regime ditatorial militar: João Saldanha foi escolhido como novo técnico da Seleção Brasileira.

Nascido em 3 de julho de 1917, na cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul, João Alves Jobim Saldanha destacou-se como escritor, jornalista e treinador de futebol, sendo reconhecido como um “fenômeno multimídia” (Costa, 2022), dada sua marcante atuação em diferentes veículos de comunicação, como rádio, televisão, jornais e revistas. Personagem complexo, Saldanha também se projetou como uma das principais lideranças do Partido Comunista Brasileiro, condição associada à sua formação em um ambiente de instabilidade política e social. Isso porque, nas primeiras décadas do século XX, o sul do país foi palco de revoltas e movimentos de contestação à ordem republicana recém-instalada, contexto que contribuiu indiretamente para moldar o seu perfil combativo.

Para muito além disso, os combates não faltaram para a história do gaúcho, como quando foi baleado em meio a um Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), na segunda metade da década de 1940. Saldanha era monitorado desde a Era Vargas (1930-1945), tendo conexões internacionais, através de viagens pela América Latina e

Europa, na busca por denúncias contra o regime getulista. Todos esses episódios foram registrados através de cartas enviadas a suas filhas, como conta uma delas, Sônia Saldanha, em entrevista ao podcast *Contra-ataque*: “Eram as aventuras que ele contava, que não eram aventuras, eram a realidade do que ele estava vendo” (Costa, 2022).

Ainda segundo relatos de sua filha mais nova, João Saldanha chegou a participar de cursos de guerrilha na Tchecoslováquia, utilizando bombas reais em treinamentos, experiência que reforçava a percepção de que ele levava “uma vida insalubre, vivia escondido” (Costa, 2022). Embora gaúcho de nascimento, foi no Rio de Janeiro - cidade onde cresceu e que, à época, era a capital do país - que Saldanha consolidou sua trajetória política e acadêmica. Ingressou na Faculdade de Direito da então Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), ambiente em que estabeleceu contato com outros estudantes vinculados ao movimento comunista, engajando-se rapidamente nessa militância. Paralelamente à política, a vida nas praias cariocas também lhe proporcionou o acesso a outra de suas grandes paixões: o futebol.

Durante a adolescência, Saldanha teve seus primeiros contatos com o futebol em partidas disputadas nas praias cariocas, experiência relatada pelo jornal *O Poder Popular* (2020). Seu envolvimento com o esporte, no entanto, ganhou maior expressão em General Severiano, sede do Botafogo de Futebol e Regatas, clube que rapidamente se tornou sua grande paixão. A identificação com o alvinegro carioca era intensificada pela presença de diversos jogadores gaúchos no elenco da época, como Martin Silveira e Otacílio. Em tom de memória afetiva, o próprio Saldanha recordava que “já recortava as fotografias que a ‘Revista da Semana’ e a ‘Caretta’ publicavam dos times e jogadores do Botafogo” (Saldanha, 1958). Todavia, o sonho de construir uma carreira profissional como atleta não durou tanto tempo, sendo logo interrompido por uma grave lesão no músculo da coxa direita, que o obrigou a abandonar os gramados.

A partir desse momento, o jovem botafoguense passou a dedicar-se a diferentes funções dentro do clube. Inicialmente, atuou como intérprete do técnico húngaro Dori Kürschner, entre 1939 e 1940, experiência que lhe permitiu aprofundar seu conhecimento tático sobre o futebol europeu. Posteriormente, integrou a direção de futebol do Botafogo, consolidando sua presença nos bastidores alvinegros. Contudo, se como jogador sua trajetória havia sido abreviada por uma lesão, foi à beira do campo que Saldanha encontrou sua primeira grande oportunidade profissional, em 1957. Em entrevista concedida ao *Boletim Oficial do Botafogo*, nº 140, de 1958 — documento preservado no acervo do ex-dirigente Angelo Seraphini — João descreveu de forma objetiva o processo que o levou ao cargo: “De

diretor a técnico, o passo foi pequeno. Não tendo sido possível se estabelecer acordo com Geninho, assumi a direção do quadro” (Saldanha, 1958).

No seu primeiro ano como treinador do Botafogo, Saldanha assumiu a direção de uma equipe composta por peças fundamentais na conquista do Mundial de 1958, como Garrincha, Didi e Nilton Santos. Sob seu comando, o clube alcançou uma vitória emblemática sobre o Fluminense por 6 a 2, resultado que garantiu a conquista do Campeonato Estadual de 1957. Esse título, de grande relevância simbólica, seria o único oficial da carreira de Saldanha como técnico de futebol. Apesar da ausência de experiência prévia na função, sua capacidade de liderança se destacou, garantindo sua permanência no cargo até 1959. Neste ano, optou por encerrar sua atuação à beira do campo e iniciar uma nova fase profissional no jornalismo esportivo radiofônico, levando sua visão de jogo aos microfones. Foi nesse contexto que surgiu “o comentarista que o Brasil consagrou”, como se ouvia na vinheta criada por Waldir Amaral para marcar suas participações nos programas esportivos da época.

De acordo com o jornalista Alberto Helena Júnior<sup>71</sup>, João Saldanha possuía um “texto interessante e enxuto, era uma figura muito peculiar, mas também um ótimo jornalista” (Costa, 2022), característica que se refletia em sua linguagem simples e direta, escolhida estrategicamente para alcançar melhor o público. Saldanha iniciou sua trajetória no jornalismo esportivo na Rádio Nacional, migrando posteriormente para a Rádio Guanabara. Paralelamente, passou a colaborar como colunista do jornal Última Hora e integrou a mesa-redonda da Grande Revista Esportiva Facit, transmitida pela TV Rio, Canal 13, ao lado de importantes nomes do jornalismo esportivo da época, como Luiz Mendes, Néelson Rodrigues e Armando Nogueira.

Além disso, Saldanha passou a atuar em diferentes veículos, como a TV e Rádio Globo, Rádio Tupi e o Jornal do Brasil, mantendo seu estilo crítico, objetivo e bem-humorado. Aproveitava os espaços esportivos não apenas para comentar futebol, mas também para expressar suas opiniões políticas. Esse posicionamento se tornou particularmente relevante após o início da Ditadura Militar Brasileira em 1964, período em que chegou a ser proibido de utilizar o microfone da Rádio Nacional. Posteriormente, conseguiu emprego na Rádio Continental, mas precisou se afastar rapidamente devido a manifestações críticas ao regime militar nos primeiros anos de sua trajetória no veículo. A

---

<sup>71</sup> Alberto Helena Júnior é um jornalista esportivo brasileiro, reconhecido por suas análises táticas e por uma abordagem crítica em relação ao futebol nacional. Atuou em diversos veículos de comunicação, tornando-se referência no debate esportivo brasileiro.

censura e a repressão eram adversários muito piores do que aqueles que haviam enfrentado nos seus tempos de comando técnico.

Esse episódio representa apenas um dos diversos fatores que tornam o improvável convite da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) ainda mais inusitado em 1969. Na ocasião, em 4 de fevereiro daquele ano, o líder da comissão técnica da instituição, Antônio do Passo, que “já havia o sondado por duas vezes”, segundo André Iki Siqueira (Costa, 2022), convidou Saldanha para assumir o comando da Seleção Brasileira. Diante do espanto provocado pelo convite, o próprio jornalista relatou, em entrevista ao programa Roda Viva<sup>72</sup>, em 1987, que recebeu a proposta “com a mesma surpresa que vocês (imprensa), até perguntei se era um convite ou uma intimação” (Saldanha, 1987).

Apesar do susto inicial, Saldanha aceitou rapidamente a oferta, surpreendendo até mesmo suas próprias filhas. Sua caçula, Sônia, relatou: “Não perguntou a ninguém, nem para a sua família. Apenas chegou e contou que aceitou!”. Em meio à decisão do pai, surgiu entre os familiares um questionamento relevante: consideravam contraditório que João assumisse o comando de uma equipe que representava, em parte, o regime ditatorial que ele próprio combatera. No entanto, Saldanha já possuía uma resposta pronta para tal objeção, afirmando com convicção: “Seleção é o povo e não o governo. Seleção é o povo e enquanto for o povo, eu fico na seleção” (Costa, 2022).

O questionamento acerca da representação do regime tinha relação direta com o fato de que a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) esteve vinculada, por muitos anos, ao Departamento de Educação e Cultura Física, incluindo o período da Ditadura Militar. Nesse contexto, o esporte deixava de ser apenas uma atividade recreativa, sendo concebido também como um instrumento de formação moral e física da população, o que evidenciava a influência dos militares sobre a gestão de João Havelange. Em razão dessa vinculação, surgiram diversas hipóteses sobre a indicação de João Saldanha para o comando técnico da Seleção. Alguns consideravam a nomeação como uma resposta à imprensa da época, confiando a um de seus maiores nomes a solução para os problemas que a seleção enfrentava, principalmente as críticas que ela sofria. Outros enxergavam na escolha uma possível tentativa de colocar um opositor em uma posição de vulnerabilidade e pressão extrema, de modo a transformá-lo em instrumento de propaganda negativa.

---

<sup>72</sup> Roda Viva é um tradicional programa de entrevistas e debates da TV Cultura. Tornou-se um espaço relevante de discussão política e cultural no Brasil, sendo palco de uma das entrevistas mais memoráveis concedidas por João Saldanha, em 1987.

Entretanto, independentemente dos motivos atribuídos ao convite, a chegada de João Saldanha ao cargo de treinador da Seleção Brasileira representou um marco simbólico. Segundo Jairzinho, foi Saldanha “quem deu personalidade ao futebol brasileiro” (Jairzinho apud Siqueira, 2018, p. 145). Em sua primeira declaração como técnico, retirou um papel do bolso e afirmou: “Essas daqui são as minhas feras, tá aqui o time reserva e titular escalado”, conforme relata André Iki Siqueira em sua biografia sobre o treinador. A expressão “feras” seria justificada pelo próprio Saldanha em depoimento reproduzido na série de documentários dos canais ESPN sobre o Canal 100, quando explicou que o homem é a fera mais brava, justamente por ser consciente (Canal 100, 2016).

O apelido rapidamente caiu nas graças da população, sobretudo em virtude do desempenho convincente da Seleção dentro de campo. Treinando no Gávea Golf Clube e no Retiro dos Padres, em São Conrado, a equipe nacional passou a estabelecer maior proximidade com os torcedores, que frequentemente acompanhavam de perto as atividades. O processo de preparação já se destacava pela incorporação de métodos científicos e pela ênfase no rigor físico — aspectos criticados no fracasso de 1966 —, sob a coordenação de Cláudio Coutinho<sup>73</sup>, Moraci Sant’Anna (Tirol)<sup>74</sup> e Carlos Alberto Parreira<sup>75</sup>, responsáveis pela preparação física do elenco. Contudo, a consolidação das chamadas “Feras de Saldanha” não se restringia à disciplina ou à inovação técnica. O ingrediente decisivo seria a comprovação prática em campo: as vitórias. E estas não tardaram a surgir, sucedendo-se de forma contundente em uma campanha impecável nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 1970.

Marcado por um estilo de jogo ofensivo, o time de João Saldanha era composto, majoritariamente, por atletas oriundos das três principais equipes do futebol brasileiro na época: Botafogo, Cruzeiro e Santos. O treinador buscava, segundo Jairzinho, uma junção entre “a liberdade de colocação com a responsabilidade de fazer a diferença” (Costa, 2022). Tal postura foi corroborada por outros jogadores, como Edu, que o descrevia como “super legal e nos dava muita confiança” (Canal 100, 2016); Rivelino, que o considerava “um cara muito bacana, um cara muito positivo” (Canal 100, 2016); e o próprio Pelé, que destacava a

---

<sup>73</sup> Cláudio Pêcego de Moraes Coutinho foi um militar brasileiro e preparador físico, reconhecido pela introdução de métodos científicos de treinamento na Seleção Brasileira. Atuou diretamente na preparação da equipe campeã mundial de 1970 e, posteriormente, assumiu o comando técnico da Seleção na Copa do Mundo de 1978

<sup>74</sup> Moraci Sant’Anna, conhecido como Tirol, foi um renomado preparador físico brasileiro. Teve papel central na preparação dos atletas da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo de 1970, especialmente na adaptação às condições climáticas e à altitude do México, sendo figura fundamental no desempenho físico da equipe.

<sup>75</sup> Carlos Alberto Gomes Parreira é um treinador e preparador físico brasileiro que integrou a comissão técnica da Seleção Brasileira em 1970. Décadas depois, consolidou sua trajetória ao comandar a equipe na conquista do tetracampeonato mundial em 1994, nos Estados Unidos.

autoridade de seu trabalho, afirmando que “ele podia fazer e desfazer sem se preocupar com o que os outros achavam” (Canal 100, 2016).

Logo no início de sua trajetória à frente da Seleção, Saldanha obteve uma sequência de sete vitórias em sete amistosos disputados, o que contribuiu para reverter a desconfiança inicial da imprensa quanto à sua escolha para o cargo. Essa mudança de percepção é confirmada por Gérson, em entrevista ao podcast Contra-ataque (Costa, 2022), e também registrada em veículos esportivos da época. O Jornal dos Sports, em 1969, chegou a estampar como manchete: “Seleção de João só tem um dono: o jogador” (Jornal dos Sports, 1969). Tal afirmação evidencia a relação de confiança estabelecida entre treinador e elenco, consolidando sua autoridade sem romper com a autonomia dos atletas.

Nas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 1970, a Seleção Brasileira iniciou sua trajetória com uma vitória expressiva sobre a Colômbia, em Bogotá, por 2 a 0, com dois gols de Tostão. Na sequência, atuando em território nacional, obteve uma goleada por 5 a 0 sobre a Venezuela, com três gols de Tostão e dois de Pelé. O desempenho seguiu de forma consistente, com triunfo por 3 a 0 diante do Paraguai, em Assunção. Já na fase de retorno, a equipe repetiu a superioridade contra os mesmos adversários, consolidando uma campanha irretocável: seis jogos, seis vitórias, 25 gols marcados e nenhum sofrido.

Tal desempenho, considerado um dos mais dominantes da história das Eliminatórias, assegurou ao Brasil 100% de aproveitamento e a classificação antecipada para o Mundial do México, em 1970. Para além dos números, essa campanha representou a consolidação de um processo de reconstrução da confiança entre a Seleção e sua torcida, ainda marcada pela traumática eliminação na Copa de 1966. Não à toa, o jornalista Alberto Helena Júnior ressaltou que “era a volta ao conceito do futebol tipicamente brasileiro, futebol alegre e ofensivo”(Costa, 2022), destacando que o êxito nas Eliminatórias reforçou a identidade futebolística nacional e restabeleceu a esperança de um desempenho consistente na competição mundial.

Se dentro de campo a Seleção conhecida como “Feras de Saldanha” proporcionaram atuações que despertavam grande expectativa nos torcedores, fora dele João Saldanha mantinha-se em confronto com o regime militar vigente. Diferentemente do que muitos supunham, sua ascensão ao cargo de técnico da Seleção Brasileira não significou um afastamento de sua militância política. Pelo contrário, conforme registrado no Podcast Contra Ataque (2022), “usava as facilidades que ele tinha na seleção para viajar para fora do Brasil, levar informações, levar dinheiro para o pessoal que estava escondido em outros países” (Costa, 2022).

O convite para dirigir a Seleção ocorreu durante o governo do marechal Artur da Costa e Silva, que faleceu em 17 de dezembro de 1969. Seu sucessor foi o general Emílio Garrastazu Médici, também oriundo do Rio Grande do Sul, assim como Saldanha. No entanto, essa coincidência regional foi uma das poucas aproximações entre ambos. Conforme registro em áudio do acervo do jornalista Geneton Moraes Neto, Saldanha se referiu ao governo Médici como o “mais assassino da história do Brasil” (Saldanha, 1983).

As divergências entre João Saldanha e o presidente Emílio Garrastazu Médici extrapolavam o campo político-institucional, evidenciando a postura crítica do treinador diante da ditadura. Em suas próprias palavras, “eu costumo chamar de presidente da República os que foram eleitos e não os usurpadores do poder” (Saldanha, 1987). Para Saldanha, a conciliação ou o respeito ao ditador jamais fariam sentido, chegando a afirmar em entrevista ao programa Roda Viva que agiria com frieza diante de um governante que “matou amigos meus” (Saldanha, 1987).

A tensão entre os dois personagens ganhou novos capítulos quando jornais da época associaram ao presidente Médici um pedido de convocação do atacante Dario José dos Santos<sup>76</sup>, o “Dadá Maravilha”. Entre as partidas que chamaram a atenção do ditador destacaram-se a vitória do Atlético-MG sobre a União Soviética, em amistoso realizado em março de 1969, por 2 a 1, com dois gols de Dadá, e o triunfo do Atlético Mineiro contra a própria Seleção de Saldanha, em setembro do mesmo ano, por 2 a 1, em partida comemorativa da Independência do Brasil e da classificação para a Copa.

Apesar das evidências de intervenção política, Dadá relatou em entrevista ao programa “Os Canalhas” que considerou a associação de ser chamado para a Seleção somente por pedido do presidente como “o momento mais triste da sua vida” (Dadá Maravilha, 2020). Ainda assim, nunca deixou de manifestar gratidão pelo apoio de Médici: “Quero dizer que eu sou super agradecido ao Médici, porque ele falou que eu tinha de ser convocado porque era o maior centroavante do mundo” (Dadá Maravilha, 2020).

Ao ser questionado sobre a suposta solicitação do ditador, Saldanha reafirmou sua autoridade sobre a equipe. Em entrevista concedida à imprensa gaúcha em 3 de março de 1970, declarou: “Somos gaúchos. Somos gremistas. Gostamos de futebol. E nem eu escalo ministério e nem o presidente escala time” (Duwe, 2025). Duas semanas após essa declaração,

---

<sup>76</sup> Dario José dos Santos, conhecido como Dadá Maravilha, foi um centroavante brasileiro marcado por seu estilo folclórico e faro de gol. Sua convocação para a Seleção Brasileira em 1970, supostamente indicada pelo presidente Emílio Garrastazu Médici, teria gerado atritos com o então técnico João Saldanha.

foi afastado do cargo de técnico da Seleção Brasileira. O episódio reforçou sua imagem pública de irreverência, motivo pelo qual Nelson Rodrigues o apelidou de “João Sem Medo”.

Entre os fatores apontados para a sua demissão, destacaram-se o desgaste no relacionamento com alguns jogadores, o temperamento explosivo — evidenciado em episódios como a ida armada ao vestiário do Flamengo<sup>77</sup> — e resultados insatisfatórios em amistosos preparatórios, como a derrota para a Argentina no Estádio Beira-Rio e o empate contra o Bangu, ambos em março de 1970. Esse último jogo é citado no podcast Estação Brasil, segundo o qual o então Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, teria convocado João Havelange para prestar esclarecimentos sobre o desempenho da equipe (Duwe, 2025).

Entretanto, tais justificativas não explicam de forma plena a decisão, já que também havia receio quanto ao êxito de uma equipe comandada por um jornalista declaradamente comunista. Como destaca Sônia Saldanha, “ele tinha consciência de que não terminaria este trabalho. Era um trabalho ‘PPT’, como a gente chamava, um trabalho de ‘Por Pouco Tempo’” (Costa, 2022). O próprio João Saldanha reconhecia essa percepção: “Que eu saí, é fácil de explicar. Difícil é entender como eu entrei” (Costa, 2022).

Sua saída ocorreu a apenas oito dias do início do Mundial do México, o que gerou apreensão na torcida brasileira. Enquanto Saldanha retornava ao jornalismo esportivo, consolidando-se como um dos mais importantes comunicadores do país, a Seleção passou a ser comandada por Mário Jorge Lobo Zagallo, ex-jogador e figura já conhecida do futebol nacional.

### 3.2 ZAGALLO E A IMPLEMENTAÇÃO DO ATLETA-SOLDADO NUMA SELEÇÃO MILITARIZADA

Após a polêmica saída de João Saldanha, ocorrida a poucos dias da Copa do Mundo de 1970, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) buscou, pela primeira vez em sua história, no Nordeste, o novo treinador da Seleção Brasileira. Natural de Atalaia, no estado de Alagoas, e nascido em 9 de agosto de 1931, Mário Jorge Lobo Zagallo foi o escolhido para substituir Saldanha, tornando-se responsável por comandar a equipe na busca pelo

---

<sup>77</sup> Episódio ocorrido em 1970, no qual João Saldanha, então técnico da Seleção Brasileira, teria ido armado com um revólver ao vestiário do Flamengo para confrontar o treinador Yustrich, após críticas públicas direcionadas a seu trabalho. O caso tornou-se um dos episódios mais emblemáticos de sua personalidade conflituosa.

tricampeonato mundial. Embora nordestino de nascimento, Zagallo também poderia ser considerado carioca, tendo em vista que se mudou ainda criança para o Rio de Janeiro com seus pais. Ademais, foi no futebol carioca que construiu e consolidou sua trajetória como jogador e, posteriormente, como treinador.

Criado no bairro da Tijuca, Zagallo iniciou sua trajetória no futebol atuando pelo América Futebol Clube nas categorias juvenis, entre os anos de 1948 e 1949. Em entrevista, recordou sua infância marcada pelas práticas esportivas informais, relatando que levava “vida de garoto, nós jogávamos peladas na rua, e o gol era até em diagonal porque na minha época não havia tanto carro na rua” (Museu da Pessoa, 2001). A ligação com o clube, entretanto, antecedeu sua participação como atleta, tendo em vista que herdou de seu pai a paixão pelo América onde, ainda na arquibancada, vivenciou intensamente o cotidiano esportivo. “Era obrigatório todo domingo o jogo do América em Campos Salles, nós estávamos presentes, acompanhava mesmo os campeonatos”, afirmou em depoimento concedido ao Museu da Pessoa (Museu da Pessoa, 2001).

Em 1950, deixou o juvenil do “Mecão do Rio” para servir ao serviço militar brasileiro. Inclusive, como policial do exército, esteve presente no “Maracanazo” e viu, de uma escadaria de acesso à arquibancada, Alcides Ghiggia avançar para marcar o gol do triunfo uruguaio em terras brasileiras. Em entrevista ao documentário *A volta do grande pequeno homem*, sobre a trajetória de Ghiggia, Zagallo revelou que os lenços brancos, que serviram para recepcionar a equipe na subida dos vestiários, serviram para o choro dos torcedores ao fim do jogo. Entretanto, garante que ele não chorou: “mantive a postura de um soldado”, comentou posteriormente sobre o período em que era um jovem militar (*A volta...*, 2014).

De início, dividiu as atenções quando se transferiu para os juniores do Clube de Regatas do Flamengo, clube pelo qual assinou seu primeiro contrato profissional no ano seguinte. Na equipe rubro-negra, conquistou o tricampeonato carioca consecutivo (1953, 1954 e 1955) e, desde então, passou a se dedicar exclusivamente ao futebol. Atuava como ponta-esquerda, posição na qual “havia poucos jogadores porque era uma posição que muita gente não gostava de jogar” (Zagallo, 2001), devido à menor participação no jogo, que, na época, era mais centralizado no setor intermediário.

Pela beirada do campo, Zagallo alcançou a Seleção Brasileira, sendo convocado para a disputa da Copa do Mundo de 1958. No time comandado por Vicente Feola, desempenhou papel fundamental justamente por exercer sua posição de origem e, ao mesmo tempo, contribuir na recomposição defensiva, atuando como um meio-campista. Essa característica permitia que a equipe atacasse em um inovador sistema 4-3-3 — em contraste ao tradicional

4-2-4 da época — e defendesse em uma variação próxima ao 4-4-2. Em entrevista ao blog Olho Tático, Zagallo explicou a relevância de sua função nos dois momentos do jogo: “Com a bola era um ponteiro. (...) Sem a bola, eu era o homem que dava vantagem numérica” (Rocha, 2013). Essas características ficaram evidenciadas na final do torneio, quando, primeiro, evitou de cabeça o que seria o segundo gol da Suécia, em um momento em que os anfitriões ainda venciam por 1 a 0. Posteriormente, marcou o quarto gol brasileiro na vitória por 5 a 2, resultado que garantiu ao Brasil, pela primeira vez, a conquista da Taça Jules Rimet.

Após o título mundial, o ponta-esquerda decidiu deixar o Flamengo, em razão de dificuldades na negociação para renovação contratual. Embora tenha recebido propostas de clubes como Palmeiras e Portuguesa, optou por permanecer no Rio de Janeiro, principalmente pelo fato de sua esposa, Alcina de Castro Zagallo, ter se formado recentemente como professora e ambos já terem estabelecido sua vida na capital carioca. Nesse contexto, Zagallo trocou o vermelho e preto da Gávea pelo preto e branco do Botafogo de Futebol e Regatas, onde passou a integrar um dos períodos mais vitoriosos da história do clube. No Glorioso reencontrou companheiros da seleção brasileira, como Garrincha, Didi e Nilton Santos, consolidando uma fase áurea para o time de General Severiano.

Vestindo a camisa alvinegra, Mário Jorge Lobo Zagallo conquistou títulos expressivos pelo Botafogo de Futebol e Regatas, incluindo os campeonatos cariocas de 1961 e 1962, além do bicampeonato do Torneio Rio-São Paulo em 1962 e 1964. Embora sua trajetória no Flamengo também tenha sido vitoriosa, foi no Botafogo que se consolidou como ídolo, tornando-se um dos grandes nomes da história do clube. A relevância de sua passagem é tamanha que, até os dias atuais, o “Dia do Botafoguense” é celebrado em 9 de agosto, data de seu aniversário. A ligação afetiva de Zagallo com a instituição foi expressa em suas próprias palavras: “Falar de Botafogo para mim chega a ser complicado, já que praticamente sempre esteve presente em minha vida” (Zagallo, 2011), conforme registrado no prefácio da obra de Júlio Gracco e Octavio Azeredo.

O destaque alcançado por Zagallo no cenário nacional e internacional garantiu sua presença em mais uma edição da Copa do Mundo, em 1962, quando foi titular da equipe comandada por Aymoré Moreira. Se, em 1958, havia marcado um gol na final, no torneio disputado no Chile coube a ele inaugurar o marcador brasileiro ao anotar o primeiro tento da vitória contra o México na estreia, seguido pelo gol de Pelé. Essa atuação consolidou sua posição entre os onze titulares ao longo de toda a competição. Mais uma vez, esteve entre os protagonistas da decisão, desempenhando papel decisivo mesmo sem balançar as redes: foi responsável pela construção da jogada que resultou no gol de empate marcado por Amarildo,

lance que deu início à virada brasileira no jogo final contra a seleção da Tchecoslováquia. Com o apito final do árbitro Nikolay Latyshev, Zagallo integrou o seletivo grupo de jogadores bicampeões mundiais, ao lado de outros companheiros que já haviam participado da conquista de 1958.

Ao término da Copa do Mundo de 1962, Zagallo retornou ao Botafogo, clube pelo qual atuou até 1965. Nesse período, acumulou a expressiva marca de 300 partidas disputadas e 46 gols marcados ao longo de sete anos de vínculo com a equipe alvinegra. A identificação com o clube era tamanha que, após encerrar a carreira de jogador em 1966, iniciou imediatamente sua trajetória como treinador, assumindo a categoria juvenil do Botafogo. O “Velho Lobo”<sup>78</sup> rapidamente demonstrou aptidão para a nova função e, em um curto espaço de tempo, foi promovido ao comando do time profissional. Sob sua liderança, o Botafogo conquistou o bicampeonato estadual em 1967 e 1968, além da Taça Brasil de 1968 — título que marcou a primeira conquista nacional da equipe entre os clubes cariocas. Ainda nesse período obteve também os títulos dos Torneios de Caracas, em 1967 e 1968, consolidando sua ascensão na carreira de técnico.

Esse rápido crescimento como treinador, somados à convivência com craques como Garrincha, Nilton Santos e Jairzinho, e a falta de contrariedade em relação ao regime, auxiliaram na pavimentação do caminho para que Zagallo se tornasse, pouco tempo depois, uma figura central também na Seleção Brasileira. Afinal, com a saída do polêmico João Saldanha, o comando da equipe nacional brasileira passaria a ser conduzida por alguém que trouxesse menos dores de cabeça aos líderes militares e que carregaria o fardo de lapidar o que já estava muito bem construído.

Se, futebolisticamente falando, Zagallo assumiu uma Seleção em fase espetacular após a grande campanha nas eliminatórias, muito se deve ao salto de desenvolvimento nas condições físicas dos jogadores convocados. Foi a partir dessa evolução que o regime militar encontrou a brecha necessária para se instalar na equipe. Conforme aponta a literatura sobre o tema, “a preparação da seleção, com a desculpa de utilização de métodos ‘científicos’, implantou o processo de militarização no futebol brasileiro” (Coutinho, 2014, p. 148).

Após o vexame da edição da Copa de 1966, a Seleção Canarina passou por intensas mudanças internas no que diz respeito à organização de sua equipe. Dentre elas, destaca-se “a introdução do pioneiro e minucioso projeto de preparação física, montado por especialistas da

---

<sup>78</sup> Apelido de Mário Jorge Lobo Zagallo, nascido em 09/08/1931. É uma das figuras mais vitoriosas da história do futebol mundial, tendo conquistado quatro Copas do Mundo, duas como jogador, uma como treinador e uma como coordenador técnico.

época na Escola de Educação Física do Exército (EsEFEEx)” (Soares; Bartholo; Salvador, 2007, p. 374), que se baseava em métodos científicos desenvolvidos a partir de intercâmbios com instituições estrangeiras e também em pesquisas realizadas no próprio país. Essa iniciativa representou um marco na profissionalização e na modernização dos treinamentos da Seleção Brasileira, evidenciando a crescente influência das práticas e do conhecimento militar na estrutura esportiva nacional.

O próprio João Saldanha, em entrevista à revista *High Sport* em março de 1970, admitiu que o Brasil estava ciente dos novos métodos de preparação física e apontou o intercâmbio entre equipes como fator preponderante nesse desenvolvimento: “O intercâmbio é muito grande, as escolas de Educação Física, que existem em todos os lugares, se correspondem, trocam informações” (Saldanha, 1970). As excursões internacionais desempenharam um papel crucial no desenvolvimento do futebol brasileiro ao proporcionarem às equipes a oportunidade de enfrentar diferentes estilos de jogo e, dessa forma, aprimorar habilidades técnicas e táticas. Além disso, tais viagens contribuíram significativamente para consolidar a reputação do futebol brasileiro no cenário internacional, reforçando sua imagem como uma modalidade marcada pela habilidade, criatividade e excelência esportiva.

Um exemplo significativo desse período de intercâmbios internacionais foi a excursão realizada pelo Santos Futebol Clube em 1968, quando a equipe promoveu uma série de partidas amistosas na Ásia, Oceania e América do Norte, visitando países como Japão, Hong Kong, Coreia do Sul, Tailândia, Austrália, Indonésia, Estados Unidos e Canadá. Ao longo dessa turnê, o Santos disputou 17 jogos, obtendo 15 vitórias e 2 empates, demonstrando o elevado padrão técnico do clube. Como reconhecimento por seu desempenho invicto, a equipe recebeu a honraria “Fita Azul”, concedida pelo jornal *A Gazeta Esportiva*, distinção atribuída aos clubes brasileiros que retornavam de excursões internacionais sem sofrer derrotas.

A presença de representantes das Forças Armadas na Seleção Brasileira de 1970 evidenciou a estreita relação entre o futebol e o regime militar vigente. Desde o espaço destinado aos treinamentos — a Escola de Educação Física do Exército — até a constituição da comissão técnica, observa-se a influência direta dos militares na estrutura da equipe. O preparador físico era o capitão do Exército Cláudio Coutinho, o preparador de goleiros, o tenente Raul Carlesso, e o chefe da delegação, o brigadeiro Jerônimo Bastos. Além dos nomes já citados, uma das nomeações que mais evidenciava a instalação militar na CBD foi a de Roberto Ypiranga, que anos depois estaria incluído no atentado à explosão do gasômetro no Rio de Janeiro, como a chefia da segurança da delegação brasileira. Sua chegada ao cargo,

“tinha como objetivo controlar informações que saíam de dentro da delegação ou do vestiário, este era a espécie de um mensageiro da ditadura” (ROSA, 2014, p. 446).

Após o fracasso na Copa do Mundo de 1966, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) iniciou um processo de reestruturação que marcou a entrada definitiva da ciência no futebol nacional. Sob forte influência da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), foram introduzidos métodos científicos de treinamento, que incluíam avaliações fisiológicas, controle rigoroso da alimentação, acompanhamento médico e estudos sobre rendimento físico. Essa abordagem, liderada por Cláudio Coutinho e fundamentada em técnicas aprendidas por meio de intercâmbio com centros de pesquisa esportiva estrangeiros, visava transformar a preparação dos atletas em um processo técnico e racional. Assim, o futebol brasileiro deixava de ser tratado apenas como uma expressão de talento e improviso, passando a incorporar práticas modernas de condicionamento e planejamento, em consonância com o discurso de eficiência e disciplina promovido pelo regime militar.

Essas inovações metodológicas, ao integrarem o conhecimento científico à prática esportiva, representaram um marco na história da preparação física e tática da Seleção Brasileira. A combinação entre disciplina militar e racionalidade técnica trouxe novos parâmetros de profissionalização e desempenho, moldando uma geração de atletas mais preparados física e psicologicamente para os desafios internacionais. Serão justamente essas transformações estruturais e conceituais que fornecerão as bases para a consolidação de um modelo de jogo mais organizado e competitivo, cujos reflexos se tornam visíveis nas etapas seguintes da trajetória da equipe nacional.

### 3.3 DISCIPLINA CONVERTIDA EM VITÓRIA

De acordo com o Dicionário Michaelis, ruptura é o ato ou efeito de romper, podendo representar quebra, interrupção ou rompimento de relações, acordos ou continuidade de algo. No entanto, apesar de a transição de comando técnico na Seleção Brasileira ter sido conturbada e marcada como um dos momentos mais emblemáticos do futebol nacional, a chegada de Zagallo, sobretudo pela proximidade com o início do Mundial, não pode ser considerada uma ruptura em relação à gestão de João Saldanha.

Enquanto a equipe de Saldanha era marcada pelo retorno da confiança e pela ofensividade, Zagallo utilizou sua experiência como bicampeão do mundo para refinar os aspectos táticos daquela seleção. Em um contexto no qual “os craques fazem a diferença” (Miranda, 2018), o Velho Lobo valeu-se da improvisação das jogadas, sustentada por uma

defesa baseada na cobertura e na obediência tática dos jogadores — características que o acompanhavam desde seus tempos como atleta.

Entre as principais alterações implementadas por Zagallo destacaram-se: o reposicionamento de Rivellino, as adaptações no sistema defensivo e a mudança de postura da equipe durante as partidas. O deslocamento de Rivellino, então camisa 10 do Corinthians, para o setor esquerdo do campo o transformou em um falso ponta. Acostumado a atuar centralizado como armador, o jogador passou a explorar maior dinamismo nas trocas de passes com Pelé e Gérson, abrindo espaço para a possibilidade de projeção ofensiva dos laterais ou de quem caísse pelo setor.

No que tange ao sistema defensivo, verificou-se a adoção de um modelo baseado na cobertura e na troca de posições entre pontas e laterais, movimento que ficou conhecido como “diagonal”. Nesse contexto, o treinador buscava uma aproximação entre o capitão Carlos Alberto Torres e Pelé, dupla que já apresentava entrosamento desde os tempos de Santos Futebol Clube. Para que tal articulação ocorresse de maneira eficiente, era essencial a participação de Everaldo, lateral esquerdo da equipe, na recomposição defensiva, evitando assim vulnerabilidades em eventuais contra-ataques adversários.

Além das alterações de ordem tática, a Seleção Brasileira que desembarcou no México em 1970 apresentou também uma mudança significativa em sua postura dentro de campo, especialmente em comparação ao modelo de jogo das chamadas “Feras de Saldanha”. Durante as eliminatórias, o Brasil caracterizava-se por um estilo ofensivo intenso, com predomínio da posse de bola no campo adversário e pressão constante sobre a saída de jogo rival. Essa abordagem criava uma sensação de sufocamento, na qual o oponente parecia ser gradualmente envolvido e dominado ao longo da partida.

No entanto, durante a Copa do Mundo de 1970, sob o comando de Mário Jorge Lobo Zagallo, observou-se uma transformação nesse comportamento. A equipe passou a adotar uma estratégia mais reativa, cedendo maior tempo de posse ao adversário e explorando, com eficiência, a velocidade e a criatividade ofensiva de seus jogadores. Essa escolha refletia a percepção de Zagallo de que o domínio territorial excessivo poderia favorecer a organização defensiva do oponente, permitindo-lhe estruturar retrancas compactas e utilizar contra-ataques ou ligações diretas como forma de neutralizar o ataque brasileiro.

Dessa forma, o treinador buscou um equilíbrio entre a espontaneidade do futebol praticado nas ruas do país e os princípios táticos e defensivos característicos das escolas europeias. O resultado foi uma equipe capaz de alternar entre momentos de controle e de resposta, unindo disciplina tática e talento individual, combinação que se tornaria uma das

marcas distintivas da conquista do tricampeonato mundial. E a estratégia pode ser considerada um sucesso, visto que de 19 gols marcados em 1970, nove saíram de contra-ataques.

Mas antes de falar da Copa em si, é importante lembrar que, além das mudanças no seu padrão de jogo, a Seleção Brasileira vinha passando por uma grande modernização na sua preparação física. E nas proximidades do torneio, alcançaria seu auge.

A reportagem de Marcel Rizzo, publicada pelo portal UOL, apresenta um estudo da FIFA sobre o mundial de 1970 que buscou compreender os motivos pelos quais aquela equipe parecia estar em um nível superior na disputa da época. De acordo com Rizzo, em cada edição do torneio, especialistas são convocados pela federação internacional para prepararem um relatório do esporte em seus detalhes técnicos, táticos e físicos. Este último tópico foi o que mais chamou a atenção dos recrutados daquele ano, um grupo composto por três britânicos, um alemão, um italiano e um luxemburguês, todos pertencentes à escola europeia de futebol (Rizzo, 2020).

“Nenhum outro país chegou perto de igualar a abrangência e extensão do programa de treinamento e jogos de preparação do que fez o Brasil. Se o sucesso de uma competição final depende disso, então os detalhes dos preparativos do Brasil merecem um estudo cuidadoso” (Fifa, 1970, p. 24).

Começando pela programação promovida pela CBD, que logo na primeira semana de apresentação já realizou exames médicos e testes físicos em cada um dos jogadores. Na sequência, reservou cerca de sete semanas para a prática de treinamentos físicos, técnicos e táticos com sessões médias e longas, também intercaladas por algumas folgas. O desembarque em terras mexicanas ocorreu no dia dois de maio de 1970. Por lá, a delegação brasileira foi recebida com festa por milhares de pessoas, sendo uma delas o embaixador do Brasil no México, João Batista Pinheiro.

Figura 1 – Tostão posando ainda no aeroporto utilizando um sombrero mexicano



Fonte: Primeira Página da Folha de 3 de maio de 1970 - Reprodução

Ao desembarcar em Guadalajara, a equipe comandada por Zagallo iniciou um processo de adaptação que ia além do domínio técnico com a bola: tratava-se de uma preparação fisiológica. O primeiro desafio consistiu em ajustar-se ao novo fuso horário, três horas a menos em relação ao horário oficial de Brasília. Paralelamente, os atletas precisaram se habituar à altitude de aproximadamente 1.566 metros acima do nível do mar, onde está situada a capital do estado de Jalisco<sup>79</sup>. Desde o início, a altitude apresentava-se como um dos principais obstáculos daquele mundial. A redução da densidade do ar e da pressão de oxigênio gerava preocupação entre os integrantes da delegação brasileira, uma vez que tais fatores “produzem efeitos opostos na resistência e na força do poder e habilidades mecânicas para o desempenho esperado dos atletas” (Neto, 2019, p. 21).

Diante dessas condições, a Seleção Brasileira incluiu em seu roteiro de preparação um período adicional de três semanas na cidade de Guanajuato, localizada a cerca de 350 quilômetros de Guadalajara e situada a mais de 2.000 metros de altitude. A escolha do local teve como objetivo favorecer a aclimatação dos jogadores às exigências impostas pela altitude mexicana. Em entrevista concedida ao portal UOL em 2020, Carlos Alberto Parreira — integrante da comissão técnica de 1970 — destacou a simplicidade das instalações que receberam a equipe, ressaltando sua relevância para o sucesso na competição: “Guanajuato não tinha nada na época, hoje cresceu. Ficamos em uma estância. Não era nem um hotel, e deu certo” (Parreira, 2020).

---

<sup>79</sup> O estado de Jalisco está localizado no oeste do México e teve sua capital, Guadalajara, como principal base da Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo de 1970. A região foi estratégica para a preparação da equipe ao longo do torneio.

Outro membro da preparação física daquela equipe que destacou a importância da passagem pela cidade foi Admildo Chirol<sup>80</sup>. Para ele, o excelente estado físico dos jogadores deveu-se ao fato de que o período em Guanajuato “aumentou em quase o dobro a taxa de glóbulos vermelhos do sangue, num período ideal para adaptação à altitude” (Jornal do Brasil, 1970, p. 22).

Além disso, uma mudança significativa na preparação daquela equipe esteve relacionada à elaboração de treinamentos físicos individualizados, substituindo o modelo coletivo adotado em ciclos anteriores. Essa nova abordagem permitia que as cargas de trabalho fossem ajustadas conforme as necessidades e condições de cada atleta. Jogadores como Gérson e Rivellino, por exemplo, realizavam, em determinadas ocasiões, sessões de menor intensidade a fim de evitar sobrecarga muscular e possíveis lesões que pudessem comprometer sua participação no torneio. Conforme relatou Parreira, a metodologia era inovadora para o período: “Tínhamos uma fichinha para cada atleta, marcávamos ali o treino individual de cada um. Isso hoje parece natural, mas naquela época não. Era original” (Parreira, 2020).

Em meio aos avanços na preparação da equipe, o calendário avançou junto, a estreia no Mundial já “batia na porta” e os “canarinhos” retornaram a Guadalajara, onde enfrentaram a Tchecoslováquia pela primeira rodada da fase de grupos daquele Mundial. Seu grupo era o B, formado também pela Inglaterra, então campeã do Mundo, e a Romênia, do capitão Mircea Lucescu. Com predominância de atletas que atuavam no eixo Rio-São Paulo, que totalizavam 17 dentre os 22 selecionados, Zagallo manteve grande parte dos nomes utilizados no time de Saldanha, realizando apenas algumas alterações entre os titulares.

A equipe que representou o Brasil na Copa do Mundo de 1970 foi formada por Félix (Fluminense), goleiro titular; Carlos Alberto (Santos) e Everaldo (Grêmio), laterais; Brito (Flamengo) e Piazza (Cruzeiro), zagueiros; Clodoaldo (Santos), Gérson (São Paulo) e Pelé (Santos), atuando no meio-campo; e Jairzinho (Botafogo), Tostão (Cruzeiro) e Rivelino (Corinthians) no ataque. Os jogadores reservas incluíam Ado (Corinthians) e Leão (Palmeiras), goleiros; Baldochi (Palmeiras), Fontana (Cruzeiro) e Joel (Santos), zagueiros; Marco Antônio (Fluminense) e Zé Maria (Portuguesa), laterais; e Dario (Atlético-MG), Edu (Santos), Paulo César (Botafogo) e Roberto (Botafogo), atacantes.

---

<sup>80</sup> Admildo Chirol foi um profissional ligado à preparação física da Seleção Brasileira em 1970. Atuou como estrategista nos métodos de condicionamento físico, contribuindo para garantir resistência e desempenho dos atletas nas partidas disputadas em altitude.

Após longa e intensa preparação, no dia três de junho de 1970, o Estádio Jalisco reunia um público superior a 52 800 pessoas para assistir o primeiro jogo do Brasil no torneio. A equipe titular, já citada anteriormente, não só fazia a sua estreia no Mundial como também atuava junta pela primeira vez, pois Everaldo ganharia a titularidade na equipe depois de Marco Antônio, sentir a perna depois de brincar de goleiro num dos “rachões” antes do campeonato. Mas, pela primeira vez na história das Copas, as atenções do jogo também se encontravam do lado de fora das quatro linhas. Afinal, aquele torneio foi o primeiro a permitir que os treinadores realizassem substituições durante a partida. Agora, além dos 11 jogadores de linha, cada técnico poderia levar cinco atletas para a reserva e realizar duas substituições por confronto.

A partida contra a Tchecoslováquia começou bem para o Brasil. Logo no início, Pelé teve a chance de abrir o placar, mas acabou desperdiçando um gol sem goleiro. Bastou, porém, uma falha da defesa brasileira para que os tchecos aproveitassem: aos 11 minutos, Ladislav Petráš inaugurou o marcador. O Brasil seguiu melhor no duelo e, na bola parada, encontrou o gol de empate. Após falta sofrida por Pelé na entrada da área, coube a Rivellino marcar o primeiro tento brasileiro naquele Mundial. A confiança parecia restabelecida, tanto que, poucos minutos depois, o camisa 10 tentou encobrir do meio de campo o goleiro Viktor, num dos lances de “quase gol” mais famosos da história do futebol, mas a bola saiu pela linha de fundo.

Na segunda etapa, Gérson seria o destaque. Com dois lançamentos primorosos, o “Canhotinha de Ouro” encontrou primeiro Pelé que, com muita técnica, ajeitou a bola no peito e estufou a rede dos tchecos, marcando a virada brasileira. O segundo passe, ainda mais longo, achou Jairzinho, que teve total frieza ao aplicar um chapéu no goleiro Viktor e empurrar a bola para o fundo do gol. O camisa 7, por sua vez, não parou por aí: aos 37 minutos do segundo tempo, marcou novamente após uma bela jogada individual, dando números finais à partida: Brasil 4, Tchecoslováquia 1.

Nascido e criado no Rio de Janeiro, Jairzinho parecia transformar o Estádio Jalisco em uma extensão de sua própria casa. O calor mexicano, intenso em meio ao torneio, parecia alimentar a chama do atacante do Botafogo. Após estreiar com dois gols, o “Furacão da Copa” voltaria a ser protagonista na segunda rodada daquele Mundial. Diante da Inglaterra, então campeã do mundo, o Brasil encararia um dos confrontos mais difíceis de sua trajetória no México. Destaque na estreia, Gérson foi desfalque por lesão e deu lugar a Paulo César Caju no meio de campo, que assumiu a dura missão de oferecer novas soluções ofensivas contra

uma equipe marcada pela solidez defensiva. Todos os ingredientes para uma partida dramática estavam postos. E o esperado se realizou.

Em um jogo truncado, com boas oportunidades criadas por Bobby Charlton e Francis Lee, o Brasil se viu, por diversas vezes, acuado pelos europeus. A melhor chance brasileira no primeiro tempo surgiu após um lançamento de Carlos Alberto para Jairzinho, que cruzou na medida para Pelé. O camisa 10 subiu mais alto que a defesa inglesa e cabeceou com firmeza, mas o goleiro Gordon Banks, em um lance que ficaria eternizado como “a maior defesa de todos os tempos”, espalmou de forma inacreditável e evitou o gol. Décadas depois, em fevereiro de 2019, ao lamentar a morte do lendário arqueiro, Pelé recordou o momento em suas redes sociais: “Estava pronto para comemorar quando vi Banks empurrar a bola para cima”. O milagre manteve o 0 a 0 no intervalo.

Para o segundo tempo, o Brasil voltou melhor, com Rivellino chutando uma bola na trave e, minutos depois, após grande jogada de Tostão, Pelé ajeitou para Jairzinho finalizar firme. Dessa vez, sem chances para o goleiro inglês: Brasil 1 a 0. Restou aos comandados de Zagallo, apelar nos minutos finais para os “chutões” e a retranca brasileira foi colocada em prática para assegurar a vitória. Apesar da enorme atuação de Banks, no lado canarinho, Félix não ficou para trás e fez defesas importantes no decorrer da partida. Num jogo tão disputado, venceu quem soube aproveitar ao menos uma das chances que teve.

A vitória sobre os "três leões" transformou a confiança brasileira em favoritismo. De acordo com Jairzinho, em reportagem especial do portal UOL, o impacto do confronto contra a Inglaterra foi tamanho que “todo mundo anunciou depois do jogo que era lamentável eles terem visto uma decisão antecipada” (Uol, 2019). Entretanto, na sequência dos triunfos, o Brasil ainda precisava assegurar a classificação para a fase final no jogo contra a Romênia. Uma derrota por três gols, somada a uma eventual vitória inglesa na última rodada, poderia levar os brasileiros ao terceiro lugar do grupo e a uma eliminação precoce.

Apesar das ausências importantes, o cenário para o último confronto da fase de grupos ainda era de otimismo e mantinha semelhanças com os duelos anteriores. Disputada novamente em Guadalajara, diante de mais de 50 mil espectadores, a partida contra a Romênia representou a consolidação da equipe brasileira no torneio. Sem poder contar com Gérson, pela segunda vez consecutiva, e também com Rivellino, lesionado, o técnico Mário Jorge Lobo Zagallo precisou reestruturar o meio de campo. Paulo César Caju foi mantido na equipe titular, enquanto Piazza<sup>81</sup>, originalmente volante, mas que vinha sendo utilizado na

---

<sup>81</sup> Wilson da Silva Piazza foi um jogador brasileiro que atuava como volante e zagueiro. Ídolo do Cruzeiro Esporte Clube, foi capitão da Seleção Brasileira na conquista do tricampeonato mundial em 1970.

zaga, retornou à sua posição de origem, formando dupla de contenção com Clodoaldo. Para recompor a defesa, o vascaíno Fontana assumiu a zaga ao lado de Brito, completando o sistema defensivo.

Mais uma vez, a seleção fazia um bom início de partida e numa falta cobrada por Pelé, aos 19 minutos, inaugurou cedo o marcador. E, num curto espaço de tempo, após boa jogada de Caju pela esquerda, Jairzinho ampliou o marcador, alcançando seu quarto gol naquele Mundial. Entretanto, o bom começo de jogo seria completamente transformado após uma série de mudanças. A primeira delas estava no estilo de marcação da Romênia, que passou a ser bastante agressiva. Além disso, aos 27 minutos da primeira etapa, o técnico romeno Angelo Niculescu surpreendeu e trocou o goleiro Stere Adamache, que não estava nada bem na partida, por Necula Răducanu. O Brasil optou por recuar seu domínio, enquanto a Romênia aproveitou dos espaços para diminuir o placar com Florea Dumitrache, ainda no primeiro tempo.

O segundo tempo se iniciava com indícios de drama. Coube novamente a Pelé, em jogada dentro da pequena área, ampliar o marcador e restabelecer a vantagem. O gol, entretanto, não refletia o desenrolar da partida, já que a seleção brasileira recuava cada vez mais, permitindo o crescimento do adversário. Mesmo com as entradas de Marco Antônio, no lugar de Everaldo, e de Edu<sup>82</sup>, substituindo Clodoaldo, o time sofreu novo gol nos minutos finais, tornando o desfecho dramático. Ainda assim, os comandados de Zagallo conseguiram sustentar o resultado por 3 a 2, garantindo a liderança do Grupo B e a classificação para as quartas de final da competição.

Ao avançar em primeiro lugar no Grupo B, o Brasil ingressou em uma chave composta pelo Uruguai, União Soviética e Peru, seu próximo adversário nas quartas de final. Do outro lado do chaveamento estavam os ingleses, que haviam ficado em segundo lugar no grupo brasileiro, ao lado de Alemanha Ocidental, Itália e do país anfitrião, o México. Entre essas equipes, chamaram maior atenção a Itália, que se classificou em primeiro no Grupo B, marcando apenas um gol nos três jogos disputados e não sofrendo nenhum; a Alemanha Ocidental, liderada por Gerd Müller, que se destacou como a equipe que mais marcou gols na fase de grupos; e a União Soviética, comandada pelo lendário goleiro Lev Yashin<sup>83</sup>. As

---

<sup>82</sup> Jonas Eduardo Américo, conhecido como Edu, foi um jogador brasileiro que atuava como ponta-esquerda. Destacou-se pelo Santos Futebol Clube e pela Seleção Brasileira nas décadas de 1960 e 1970, sendo reconhecido por sua habilidade técnica e versatilidade ofensiva.

<sup>83</sup> Lev Ivanovich Yashin foi um goleiro soviético, nascido em 22/10/1929 e falecido em 20/03/1990. Conhecido como “Aranha Negra”, é amplamente considerado o maior goleiro da história do futebol, tendo disputado quatro Copas do Mundo e vencido a Bola de Ouro em 1963.

seleções estreantes no torneio, El Salvador, Israel e Marrocos, terminaram em último lugar em seus respectivos grupos.

Mediante ao chaveamento, curiosamente, Zagallo reencontraria outro brasileiro bicampeão do Mundo nas quartas de final: Didi. O ex-meia, eleito melhor jogador do Mundial de 1958, assumiu a seleção peruana após bom trabalho à frente do Sporting Cristal<sup>84</sup>, sendo campeão nacional em 68 e se tornando ícone no país. A chegada da equipe ao México já poderia ser considerada um grande feito, por ter sido conquistada através de uma vitória em Lima e um empate em “La Bombonera” contra os argentinos, que ficaram sem a vaga para o Mundial pela última vez até os dias atuais. Em solo mexicano, na primeira fase, o Peru se classificou em segundo no grupo D, atrás somente da Alemanha Ocidental.

O duelo sul-americano foi realizado num palco que vinha trazendo bons frutos para os brasileiros, pois, novamente, o Estádio Jalisco cruzava o caminho verde e amarelo. O Brasil contava com o retorno de Gérson e Rivellino. Everaldo, por sua vez, perdeu a vaga para Marco Antônio na lateral-esquerda. Mas o ritmo eletrizante do início das partidas foi mantido e logo aos 11 minutos, após bom passe de Tostão, Rivellino abriu o placar num chute cruzado indefensável. Repetindo o feito contra a Romênia, pouco tempo depois de inaugurar o marcador, o Brasil ampliou para 2 a 0. Na inversão de papéis, Rivellino encontrou Tostão que marcou no espaço entre o goleiro Luis Rubinos e a trave para ampliar. A esperança peruana viria aos 28 minutos, quando Alberto Gallardo estufaria as redes do goleiro Félix.

Após um primeiro tempo agitado, o Brasil ampliou o placar com Tostão no início da segunda etapa. Os peruanos, contudo, não desistiram e reduziram a diferença com Teófilo Cubillas, que marcou seu quinto gol naquela edição, estabelecendo o placar em 3 a 2. Entretanto, fazendo valer a tônica dos jogos anteriores, Jairzinho selou o resultado final, carimbando a classificação para as semifinais com uma vitória por 4 a 2. Em entrevista ao ex-jogador Walter Casagrande, para o portal ge.globo, Rivellino destacou a dificuldade do confronto e a qualidade do adversário: “O Peru era um time perigosíssimo, é que o momento da seleção brasileira era fantástico” (Casagrande, 2021).

A Copa do Mundo de 1970, que não contou com seleções como França, Portugal e Argentina, apresentou, pela primeira vez, quatro campeãs mundiais nas semifinais: Brasil, Uruguai, Itália e Alemanha. De um lado, a rivalidade entre uruguaios e brasileiros, que voltaram a se enfrentar em um confronto decisivo. Do outro, italianos e alemães

---

<sup>84</sup> O Sporting Cristal é um tradicional clube de futebol do Peru. Foi a equipe onde Didi, nascido em 08/10/1928 e falecido em 12/05/2001, realizou um trabalho de destaque como treinador antes de assumir o comando da seleção peruana.

protagonizaram o que ficou conhecido como o “Jogo do Século”. Naquela ocasião, a Itália venceu por 4 a 3, com cinco gols marcados apenas na prorrogação. Em artigo publicado em 2022, a federação internacional relembrou a declaração de Gerd Müller, autor de dois gols alemães no tempo extra, que destacou o impacto emocional do duelo: “Ainda me deixa louco pensar nisso e não me recuperei até hoje” (FIFA, 2022). A partida originou um monumento no Estádio Azteca, no México, imortalizando o jogo épico que selou a classificação da Azzurra a mais uma final.

Simultaneamente ao duelo entre os europeus, do lado sul-americano da chave, Brasil e Uruguai se enfrentaram num jogo que viria a enterrar de vez o fantasma do “Maracanazo”. Nas semifinais, Zagallo optou pelo retorno de Everaldo à lateral-esquerda, voltando a contar com a exata escalação que iniciou o Mundial. Enquanto o Brasil chegava naquela fase com vitórias convincentes, a Celeste vinha de resultados tortuosos ao longo daquela edição. Vitória na estreia contra Israel por 2 a 0, empate na base da retranca contra a Itália por 0 a 0 e derrota para a Suécia por 1 a 0, na fase de grupos. Nas quartas, a classificação só veio no final da prorrogação em uma vitória curta por 1 a 0 contra a União Soviética. Com isso, o favoritismo se voltava todo a seleção brasileira, o que não soava bem perante o vexame de 1950.

O início do jogo trouxe péssimas lembranças aos brasileiros pois, após falha de Brito, Cubillas recebeu pela direita e bateu fraquinho no canto de Félix, que acabou aceitando o “frango”. Os uruguaios se fecharam e partiram para um jogo mais violento, dando indícios de grande dificuldade de reação para o Brasil. Porém, após boa descida de Clodoaldo, que era considerado um volante que pouco avançava ao ataque, o Brasil chegou ao gol de empate com o seu fator surpresa. Jogo empatado e primeiro tempo encerrado.

Na metade final do jogo, o Brasil voltou com tudo. Os comandados de Zagallo decidiram responder às jogadas violentas, colocando o árbitro espanhol José Maria Mendibil para trabalhar. A partida fez jus a inovação dos cartões, que pela primeira vez apareciam numa edição de Copa do Mundo, para advertir os atletas durante os jogos. Ao todo, foram 4 cartões amarelos distribuídos no decorrer dos 90 minutos. Na bola, os canarinhos viviam melhor fase e tinham o controle do jogo, que seria traduzido no gol da virada, nos pés de Jairzinho. Após jogada em velocidade, o Furacão bateu de perna direita para colocar o país na frente. O Uruguai tentava uma resposta, mas parou nas mãos de Félix. Enfim, aos 44 minutos de jogo, Pelé ajeitou da ponta esquerda para o meio e Rivellino não perdoou: Brasil 3, Uruguai 1.

Nos minutos finais, o “rei do futebol”<sup>85</sup> ainda realizou uma jogada memorável. Depois de uma jogada rápida, Pelé recebeu livre no centro do ataque, cara a cara com o goleiro Mazurkiewicz. Na ânsia por afastar o perigo, o defensor uruguaio veio com tudo, mas acabou caindo num drible de corpo do Camisa 10 brasileiro que, desequilibrado, finalizou e viu a bola passar rente a trave para a linha de fundo. Mais um dentre os lances emblemáticos, que representavam a genialidade do maior jogador de todos os tempos naquela Copa. “Fantasma” enterrado e Brasil classificado para mais uma decisão de Copa do Mundo.

A semifinal daquela edição marcaria a despedida do time de Zagallo da cidade de Guadalajara, pois a final seria realizada no Estádio Azteca, na Cidade do México. Além disso, a decisão entre Brasil e Itália marcava o primeiro encontro de dois ex-campeões mundiais no jogo do título. Informações que justificam a presença de mais de 107 mil pessoas no “Coloso de Santa Úrsula”<sup>86</sup>. Segundo Nelson Rodrigues, o duelo marcava o embate entre o estilo físico dos italianos e a técnica brasileira, definida pelo autor como “a arte que os ‘entendidos’ negam e renegam” (Rodrigues, 1993, p. 214). Apesar de uma primeira fase discreta, a Azzurra chegava à final com o moral elevado após vencer o México por 4 a 1 nas quartas de final e superar a Alemanha na semifinal.

Pela primeira vez naquele torneio, Zagallo conseguiu repetir a escalação em jogos seguidos e o Brasil entrava em campo com a mesma escalação que havia vencido os uruguais na fase anterior. Com isso, a seleção brasileira começou bem e logo aos 18 minutos já havia inaugurado o marcador. Após lançamento de Rivellino, Pelé subiu de cabeça para abrir o placar e comemorar nos braços de Jairzinho. O gol trouxe confiança para os brasileiros. Entretanto, foi pelo excesso dela que Clodoaldo acabou vacilando numa tentativa de calcanhar no meio de campo, que originou o contra-ataque e o gol de Roberto Boninsegna, na parte final do primeiro tempo. As duas equipes acabaram indo empatadas para o intervalo, já que o apito soou poucos segundos antes de Pelé estufar as redes italianas, num gol invalidado pelo árbitro alemão Rudi Glöckner.

Como em outras partidas daquela edição, o segundo tempo reservou o melhor que o Brasil tinha a demonstrar. Por isso, a relevância da preparação física avançada e citada no anteriormente. Com os adversários cansados e um alto poder de criatividade de sua equipe, Zagallo parecia ter sempre uma “carta na manga” nos jogos daquele torneio. E foi nos 45

---

<sup>85</sup> A expressão “rei do futebol” é tradicionalmente usada para se referir a Pelé, considerado por muitos como o maior jogador de futebol de todos os tempos. O título simboliza sua supremacia e legado no esporte, sendo reconhecido mundialmente por seu talento, carisma e conquistas dentro e fora dos campos.

<sup>86</sup> Apelido pelo qual é conhecido o Estádio Azteca, localizado na Cidade do México. O estádio entrou para a história por sediar as finais das Copas do Mundo de 1970 e 1986, ambas vencidas por seleções sul-americanas.

minutos finais daquele jogo, que tudo isso se comprovou: aos 66 minutos, Gérson acertou um foguete de canhota, sem chances para o goleiro Enrico Albertosi. Poucos minutos depois, após falta cobrada na área e ajeitada de Pelé, Jairzinho aproveitou a brecha da defesa italiana para estufar as redes e alcançar o feito inédito: se tornou o único jogador a balançar as redes em todos os jogos de uma edição de Copa. Era o terceiro gol brasileiro na partida.

A "cereja do bolo" viria aos 86 minutos de partida. Em uma jogada que sintetizava a identidade da equipe de Zagallo — na qual um total de oito jogadores de linha tocaram na bola —, Pelé rolou para o capitão Carlos Alberto, que finalizou com precisão no canto do gol italiano: 4 a 1 para o Brasil. O autor do último gol do torneio, por ostentar a braçadeira, foi o responsável por levantar pela última vez a Taça Jules Rimet. A Copa, que pela primeira vez era transmitida com imagens coloridas, apresentou a conquista do mundo pelo Brasil pela terceira vez. “Amigos, foi a mais bela vitória do futebol mundial em todos os tempos” (Rodrigues, 1993, p. 215), assim noticiava Nelson Rodrigues a conquista do tricampeonato mundial. Um país em festa e uma conquista memorável; porém, a vitória do “país do futebol” ocorreu em tempos em que o grito de gol convivia com o silêncio forçado da repressão política.

### 3.4 O BRASIL PARA ALÉM DO MÉXICO

Enquanto Carlos Alberto Torres erguia a taça no México e fazia com que o povo brasileiro não tivesse “mais vergonha de ser patriota” (Rodrigues, 1970), na parte sul do continente americano, o cenário não se resumia a festejos. O Brasil seguia em meio aos “Anos de Chumbo”, um período em que a violência se tornara cotidiana na vida daqueles que discordavam do governo. Sob a gestão de Emílio Garrastazu Médici, a repressão política se intensificou, assim como a censura aos meios de comunicação e a perseguição aos opositores.

A consolidação desse período está intrinsecamente ligada ao fortalecimento de órgãos como o DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna), que tinha carta branca para investigar, prender e, em muitos casos, torturar indivíduos considerados “subversivos”. Paralelamente, o regime enfrentava focos de resistência que se formavam por meio dos movimentos estudantis, sindicais e de grupos de luta armada.

O endurecimento político que marcou o final da década de 1960 teve como marco o Ato Institucional nº 5 (AI-5), promulgado em dezembro de 1968. De acordo com Pedro Henrique Pedreira Campos, o AI-5 representou um “golpe dentro do golpe” e simbolizou o

“acirramento da feição ditatorial do regime político instalado” (Campos, 2016, p. 2). Com esse dispositivo, o governo passou a dispor de poderes praticamente ilimitados, ampliando o controle sobre a sociedade e silenciando as diversas formas de oposição ao regime.

Esse instrumento autoritário teve impacto direto na vida política, social e econômica do país. Como observa Campos, “logo após o Ato Institucional, abateu-se uma enorme repressão em todo o país, com perseguição a estudantes, políticos, sindicalistas, trabalhadores e artistas” (Campos, 2016, p. 4). O clima de medo e insegurança tornou-se parte do cotidiano, intensificado pela ação de órgãos de repressão e pelo uso sistemático da tortura como ferramenta do Estado.

Em entrevista concedida ao programa Roda Viva em 1987, o ex-técnico da Seleção Brasileira, João Saldanha, afirmou: “Eu levei uma pilha de documentos de 3 mil e tantos presos, três mil e tantos mortos, e três mil e tantos torturados para o México” (Saldanha, 1987). Saldanha revelou ainda que “era obrigado a estar no Brasil três dias após a Copa”, confessando que seu passaporte tinha validade apenas para o México. Suas declarações escancaram a dimensão da repressão e a vigilância constante do regime, mesmo sobre figuras públicas de grande projeção nacional.

Além do controle político, o AI-5 conferiu ao governo poder para conduzir a economia conforme seus próprios interesses. Como destaca Campos, “o AI-5 permitiu que o governo tivesse maior flexibilidade e liberdade de ação em termos de decisão em matéria econômica, o que levou a um novo rearranjo da distribuição de renda e nova correlação de forças no conflito distributivo entre as classes sociais” (Campos, 2016, p. 2). O chamado “milagre econômico” apoiava-se, portanto, na concentração de renda e na repressão aos movimentos de trabalhadores.

Nesse contexto, “toda essa política de grandes obras, orçamento dilatado e projetos vultosos convergia com a diretriz da Ditadura de apoio ao grande capital e à concentração de recursos em grandes grupos econômicos” (Campos, 2016, p. 7). A repressão, portanto, não era apenas política, mas também social e econômica. Como explica o autor, “fora aprovada uma lei que proibia as greves na maior parte dos casos” (Campos, 2016, p. 10), e a repressão política aos trabalhadores sofreu uma escalada ainda mais significativa após o AI-5. A medida reforçou a “intervenção em sindicatos e nas relações de trabalho entre empregadores e empregados” (Campos, 2016, p. 10). Assim, percebe-se que a “suposta ‘luta contra a subversão e o comunismo’ servia como mecanismo para coibir os pleitos dos operários por melhores condições de trabalho e salário” (Campos, 2016, p. 11).

A política econômica autoritária contribuiu para o aprofundamento das desigualdades sociais. Com “a população e os movimentos sociais amordaçados, os gastos previstos para o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e Ministério da Saúde (MS) foram se reduzindo ano a ano após o AI-5” (Campos, 2016, p. 14). Em sentido oposto, “iam se acumulando e reforçando os orçamentos de ministérios como o dos Transportes, o de Minas e Energia e os militares” (Campos, 2016, p. 14). Dessa forma, conclui-se que “o regime autoritário causou a pauperização das classes subalternas e ampliou o abismo social que caracteriza a formação econômico-social brasileira” (Campos, 2016, p. 14).

Esse contexto de cerceamento e censura atingiu de forma direta a imprensa. Durante os anos de 1969 e 1970, o governo controlava o conteúdo veiculado pelos jornais, rádios e emissoras de televisão, proibindo a divulgação de denúncias de tortura e de perseguição política. Ao mesmo tempo, incentivava a exaltação de feitos esportivos e de slogans nacionalistas. A vitória no México de 1970 foi amplamente explorada por esse sistema de comunicação oficial, transformando-se em uma ferramenta simbólica de propaganda do regime.

Assim, enquanto a euforia do tricampeonato tomava as ruas, o país vivia o auge da repressão. A conquista esportiva serviu como instrumento político para tentar mascarar as contradições de uma sociedade marcada pela violência de Estado, pela censura e pela desigualdade. O futebol tornou-se, então, o espetáculo perfeito para um regime que buscava reafirmar seu poder por meio da emoção popular e do controle ideológico e, além disso, tentar consolidar os apelos à disciplina e à obediência, através da exaltação ao patriotismo.

O endurecimento político instaurado a partir do AI-5 criou um ambiente em que a oposição institucional foi praticamente aniquilada. A censura, o controle da imprensa e o medo constante limitaram o espaço para manifestações. Diante desse cenário, grupos clandestinos de esquerda decidiram adotar a luta armada como forma de resistência ao regime, acreditando que somente por meio da ação direta seria possível desestabilizar o poder militar e denunciar as violações de direitos humanos.

Entre os diversos movimentos de resistência que surgiram, destacaram-se a Ação Libertadora Nacional (ALN)<sup>87</sup>, o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8)<sup>88</sup>, a

---

<sup>87</sup> A Ação Libertadora Nacional foi uma organização guerrilheira de esquerda que atuou na resistência à ditadura militar brasileira. Defendia a luta armada como estratégia para combater o regime instaurado após o golpe de 1964.

<sup>88</sup> O Movimento Revolucionário 8 de Outubro foi uma organização de esquerda que participou de ações de grande impacto contra a ditadura militar, destacando-se pelo sequestro do embaixador dos Estados Unidos no Brasil, em 1969.

Vanguarda Popular Revolucionária (VPR)<sup>89</sup> e a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares). Esses grupos, formados majoritariamente por jovens estudantes, intelectuais e ex-militantes de organizações políticas extintas após o golpe de 1964, inspiravam-se em experiências revolucionárias internacionais, como a Revolução Cubana e as guerrilhas latino-americanas.

Um dos episódios mais emblemáticos da resistência foi o sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, em setembro de 1969, no Rio de Janeiro. A ação foi articulada pela ALN e pelo MR-8, que exigiram a libertação de quinze presos políticos e a leitura de um manifesto em rede nacional denunciando as práticas de tortura e censura no Brasil. O governo, pressionado pela repercussão internacional, atendeu às exigências, libertando os presos e enviando-os ao México. A operação revelou ao mundo as contradições de um país que se apresentava como moderno e próspero, mas que, internamente, era marcado por repressão e silenciamento.

Pouco tempo depois, em novembro do mesmo ano, o regime respondeu de maneira brutal. Carlos Marighella<sup>90</sup>, líder da ALN e um dos mais procurados opositores do governo, foi morto em uma emboscada em São Paulo. Sua execução, anunciada como resultado de uma troca de tiros, foi planejada pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). A morte de Marighella simbolizou o avanço das forças repressivas e o enfraquecimento das organizações de esquerda urbana.

Mesmo após a eliminação de suas principais lideranças, as ações de resistência continuaram. Em junho de 1970, durante a Copa do Mundo do México, a VPR e o MR-8 sequestraram o embaixador da Alemanha Ocidental<sup>91</sup>, Ehrenfried von Holleben, exigindo novamente a libertação de presos políticos. Enquanto a seleção brasileira encantava o mundo e o tricampeonato era usado pelo governo como instrumento de propaganda, o país vivia um período de intensificação da repressão.

No mesmo ano, a violência do Estado atingiu novas proporções. Em outubro, Joaquim Câmara Ferreira, conhecido como “Toledo” e considerado o sucessor de Marighella na ALN,

---

<sup>89</sup> A Vanguarda Popular Revolucionária foi uma organização que atuou na luta armada contra a ditadura militar brasileira. Entre suas lideranças esteve o capitão Carlos Lamarca, uma das figuras mais emblemáticas da resistência armada no período.

<sup>90</sup> Carlos Marighella foi um político e guerrilheiro brasileiro, principal dirigente da Ação Libertadora Nacional. Tornou-se um dos símbolos mais conhecidos da resistência armada ao regime militar, sendo morto em 1969, em São Paulo.

<sup>91</sup> A Alemanha Ocidental foi um Estado existente entre 1949 e 1990, no contexto da divisão alemã durante a Guerra Fria. Sua seleção nacional destacou-se no futebol mundial, conquistando a Copa do Mundo de 1974 e figurando como uma das principais adversárias do Brasil no Mundial de 1970.

foi preso e morto sob tortura. Sua morte foi oficialmente registrada como “resistência à prisão”, expediente frequentemente utilizado para encobrir execuções e desaparecimentos.

Esses episódios ilustram o contraste entre a imagem pública de um Brasil vitorioso e a realidade sombria vivida por aqueles que ousavam desafiar o regime. A Copa do Mundo de 1970 serviu como uma tentativa de instrumentalizar a conquista para um clima de distração e exaltação nacionalista, amplamente explorado pela propaganda oficial. Enquanto as ruas celebravam os gols de Pelé e Jairzinho, nas celas do DOI-CODI e do DOPS predominavam o silêncio e o sofrimento dos presos políticos.

A repressão sistemática, as prisões arbitrárias e as mortes de opositores marcaram profundamente a sociedade brasileira. A memória desses episódios foi, por muito tempo, silenciada, sendo resgatada apenas com o fim da ditadura e, mais recentemente, com as investigações da Comissão Nacional da Verdade (2014). Essa retomada permitiu compreender a dimensão das violações e resgatar o papel daqueles que resistiram.

Dessa forma, o período de 1969 e 1970 revela um Brasil dividido entre a exaltação esportiva e o endurecimento político. Enquanto a seleção brasileira simbolizava o orgulho nacional e servia como vitrine para o regime, a realidade cotidiana era marcada pelo medo, pela censura e pela violência de Estado. A euforia provocada pelas vitórias em campo contrastava com o silêncio imposto nas ruas, nas redações e nas universidades.

Nesse contexto, o futebol se tornou não apenas um espetáculo esportivo, mas também um instrumento do regime de exploração para a propaganda política. O tricampeonato mundial, celebrado como símbolo de grandeza e união, coexistiu com a repressão que calava vozes e apagava histórias. Entre o som dos gritos de gol e o eco das celas do DOI-CODI, consolidou-se um país em que o silêncio era tão ensurdecedor quanto os aplausos.

Esse contraste entre a festa e o medo, entre o aplauso e o silêncio, estendeu-se também ao ambiente esportivo. Muitos jogadores, transformados em heróis nacionais, permaneceram distantes das discussões políticas, seja por convicção, seja por receio de retaliações. Assim, o fim da década de 1960 marcou não apenas o auge do futebol brasileiro, mas também um dos períodos em que o silêncio — dentro e fora dos estádios — tornou-se uma das mais poderosas expressões do tempo em que se vivia.

#### 4 QUANDO O GRITO DE GOL TORNA-SE A PROPAGAÇÃO DE UMA IDEIA

Enquanto os capítulos anteriores estabeleceram as bases históricas e a militarização da estrutura, este momento do trabalho se dedica a decifrar como a engrenagem apresentada funcionou na prática discursiva e simbólica. O título deste capítulo é mais que uma mera metáfora, mas sim a síntese do fenômeno de transmutação onde a popular celebração do futebol, o gol, é capturada para servir como veículo de uma mensagem ideológica estatal. Para entender essa dinâmica, torna-se necessário mergulhar no que se convencionou chamar de “gramado que pensa em silêncio”, um cenário onde o triunfo futebolístico convivia com a mordada política.

A pesquisa que se segue parte de uma premissa base: o silêncio dos jogadores de 1970 não foi um vácuo de opinião, mas um subproduto direto de um sistema de vigilância que transformou ídolos em instrumentos. Ao estudar a postura de figuras como Pelé e Piazza, contrastadas à resistência de Afonsinho, percebe-se que o “Presidente Torcedor”, Emílio Garrastazu Médici, não ocupava as tribunas por mera paixão, mas também por um cálculo estratégico de aproximação ao povo. Médici personificou o conceito de “pão e circo” numa versão modernizada pela comunicação de massa, onde a Seleção tornou-se um grande espetáculo capaz de gerar um sorriso doloroso em uma nação, na época, sob censura.

Para fundamentar cientificamente essa percepção, o capítulo se organiza em três eixos analíticos complementares. Primeiramente, explora-se a dimensão humana e o peso da juventude de um elenco que, apesar de vitorioso, operava sob o medo e a falta de garantias civis. Posteriormente, recorre-se às “leis da propaganda”, de Jean-Marie Domenach e à estrutura da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) para entender como slogans e repetições orquestradas criaram um clima de otimismo forçado. Por fim, o trabalho chega à sua etapa empírica: a Análise de Conteúdo das capas do jornal “O Globo”.

Por meio da metodologia de Laurence Bardin, as páginas do jornal deixam de ser meros registros de jogos para se tornarem documentos de uma época. Analisar a hierarquia das manchetes, o enquadramento das fotografias e o silenciamento das crises externas em favor da exaltação esportiva permite desvelar como a imprensa atuou como o tecido conectivo entre o sucesso dos gramados e a legitimação do autoritarismo. Entramos, portanto, no campo das evidências, onde o papel impresso revela as costuras de um Brasil que tentava, a todo custo, parecer inabalável.

#### 4.1 UM GRAMADO QUE PENSA EM SILÊNCIO E “O PRESIDENTE TORCEDOR”

Como já visto nos subcapítulos anteriores, o início da década de 1970 correspondeu a um período em que a repressão do estado no Brasil atingiu níveis especialmente intensos. Após o Ato Institucional nº5, o regime militar consolidou mecanismos de controle que restringiam liberdades, silenciavam opositores e ampliavam a censura a manifestações entendidas como ameaças à ordem política. Com a ampliação do número e do poder de intervenção dos órgãos de segurança, que passaram a atuar com liberdade crescente, apareceram novas denúncias de tortura, enquanto desaparecimentos e perseguições se tornaram parte do cotidiano de setores que se opunham ao governo. Esse clima de vigilância generalizada produziu um ambiente em que figuras públicas, inclusive atletas, precisavam considerar cuidadosamente qualquer posicionamento público. A Seleção Brasileira que disputaria a Copa do México estava inserida nesse contexto e passou a ser observada não apenas como um time, mas como um símbolo nacional, que o governo desejava incorporar à sua narrativa de grandeza e estabilidade para o país.

Ao ampliar o olhar para outros cenários históricos, é possível perceber uma relação semelhante entre regimes autoritários e o futebol, o que contribui para compreender parte das dinâmicas que cercaram o esporte no Brasil daquele período. Um caso marcante ocorreu em 1942, quando ex-jogadores do Dínamo de Kiev, de origem soviética e então prisioneiros de guerra, formaram uma equipe chamada Start (“o começo”) e enfrentaram o time da Luftwaffe, formado por soldados nazistas em plena ocupação alemã. Mesmo com fome e submetidos a condições desumanas, venceram por cinco a três. Após a partida, foram executados, no episódio que ficou conhecido como o “Jogo da Morte”. O uso político da partida pelos nazistas e o destino trágico dos atletas ajudam a compreender a percepção de que regimes autoritários entendem o potencial simbólico do futebol e não hesitam em manipulá-lo.

Trazendo para as proximidades da América do Sul, outro exemplo significativo surge do documentário “Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor”, no episódio que trata da Ditadura no Chile. Nele, o depoimento do ex-jogador da seleção chilena, Leonardo Véliz<sup>92</sup>, destaca que “mais do que tudo, e isso é próprio das ditaduras, era preciso criar circos para o povo” (Memórias..., 2012). E lamentando a sua participação neste processo de “ilusão”, Véliz complementa afirmando que “infelizmente, nós éramos parte disso, mas

---

<sup>92</sup> Leonardo Véliz é um ex-jogador da seleção chilena que, após encerrar sua carreira esportiva, tornou-se um crítico contundente da relação entre esporte e regimes autoritários na América Latina, especialmente no contexto das ditaduras do Cone Sul.

felizmente digo que fui um palhaço mas consciente de que fazia o povo rir apesar de ser um sorriso muito doloroso”. A reflexão do chileno demonstra de maneira direta como os jogadores podiam se perceber como instrumentos de distração e propaganda, ainda que, muitas vezes, mantivessem consciência crítica sobre o papel que lhes era imposto.

Esses episódios internacionais servem como pontos importantes para compreender o contexto brasileiro de 1970. A apropriação simbólica do futebol por governos autoritários aparece como um padrão recorrente e a posição dos jogadores diante desse ambiente tende a ser condicionada pela repressão, pelas expectativas políticas e pelo risco real de consequências caso expressassem opiniões divergentes. Essa comparação histórica auxilia no entendimento do ambiente no qual a equipe que foi ao México estava envolvida durante o governo Médici e oferece elementos para entender os comportamentos que serão analisados nos próximos trechos do trabalho.

Se me perguntarem em relação ao regime militar, infelizmente, nós brasileiros, principalmente esportistas e jogadores da época, a gente não tinha muita consciência. Parece que a gente nasceu para jogar futebol só. Infelizmente, como cidadão, nós não tivemos tanta participação, assim, consciente referente ao processo. (Piazza, 2012)

Muitos dos atletas recordariam anos depois que não possuíam clareza sobre o funcionamento político da época, algo ilustrado pelo depoimento de Piazza, em documentário do Núcleo de Audiovisual e Documentário da FGV/CPDOC. Ao observar o contexto interno, percebe-se que o número de manifestações políticas feitas pelos jogadores convocados por Zagallo foi extremamente reduzido. O ambiente de repressão do período, somado à formação social do elenco e à estrutura do futebol nacional, produziu um cenário em que os posicionamentos públicos eram raros e, muitas vezes, evitados com cuidado. A seleção era vista como símbolo nacional, como vitrine internacional do país e como instrumento de promoção da imagem de estabilidade defendida pelo governo, o que reforçava entre os jogadores a percepção de que certas declarações seriam interpretadas como afronta à autoridade. Esse reconhecimento tardio indica que a ausência de posicionamentos não pode ser compreendida apenas como indiferença, mas como resultado de uma formação política limitada, reforçada por um contexto que reprimia manifestações e valorizava o silêncio.

Em meio à fuga dos holofotes, a figura de Pelé adquire contornos ainda mais complexos. Maior jogador da história e ídolo nacional, ele ocupava uma posição distinta dos

demais atletas, visto que qualquer declaração proferida poderia gerar repercussões diplomáticas, institucionais e esportivas. Essa dimensão amplificada fez com que sua postura pública durante os anos de ditadura fosse frequentemente alvo de debates. Paulo César Caju, companheiro de equipe em 1970, sintetiza esse conflito no documentário Pelé: “Eu amo o Pelé, mas não posso deixar de criticá-lo” (Pelé, 2021). A observação refere-se ao fato de o camisa 10 jamais ter se manifestado politicamente contra as violações cometidas pelo regime. Essa crítica, no entanto, convive com elementos que revelam como a posição de Pelé era atravessada por pressões, receios e vigilância constante.

O próprio jogador reconheceu o peso desse contexto. A frase que abre o documentário mencionado anteriormente é reveladora: “A Copa do Mundo foi importante para o país. Mas, naquele momento, eu não queria ser Pelé” (Pelé, 2021). Ao longo da produção, o ex-atleta admite que possuía conhecimento das práticas de tortura realizadas pelo regime: “Se eu disser que não sabia que existiam torturas, que nunca fiquei inteirado disso, eu estaria mentindo. É uma mentira” (Pelé, 2021). Entretanto, sua fala também revela incerteza diante das informações que recebia no exterior durante as excursões com o Santos: “Agora, tinha muitas coisas também que a gente não tinha certeza [...]. Como que você vai saber se é verdade ou se é mentira?” (Pelé, 2021). A combinação de consciência parcial e insegurança demonstra que o atleta percebia a gravidade do momento, mas também avaliava os riscos concretos de qualquer posicionamento público.

O relato prossegue com a lembrança de que sua rotina no Brasil era cercada por orientações de segurança: “Aqui no Brasil, a gente era sempre orientado a tomar cuidado. Não sair do hotel. Eu me sentia preocupado” (Pelé, 2021). A menção direta ao medo ajuda a compreender por que sua postura pública se manteve prudente. Diversos comentaristas destacam que Pelé não dispunha das garantias que outros ídolos esportivos de regimes democráticos possuíam. Um exemplo disso é encontrado no ídolo do boxe, Muhammad Ali<sup>93</sup>, que foi condenado após se recusar a servir nas Forças Armadas dos EUA. O jornalista Juca Kfoury afirma que “Ali sabia que, ao ser preso por deserção, ele não corria o menor risco de ser maltratado, de ser torturado. O Pelé não tinha essa garantia. Ditaduras são ditaduras, só quem viveu sabe onde é que arde” (Kfoury, 2021). Essa comparação esclarece nitidamente a diferença entre contestar um governo com características não autoritárias e enfrentar um regime que legitimava perseguições e violência institucionalizada. Assim, as críticas ao

---

<sup>93</sup> Muhammad Ali, nascido em 17/01/1942 e falecido em 03/06/2016, foi um lendário boxeador norte-americano. Tornou-se um ícone global da resistência civil e da luta por direitos humanos ao se recusar a lutar na Guerra do Vietnã.

silêncio de Pelé devem sempre considerar que sua posição não era apenas a de um atleta influente, mas também a de um cidadão submetido às mesmas estruturas repressivas que atingiam milhões de brasileiros.

A compreensão desse ambiente de opressão e da postura cautelosa dos jogadores fica ainda mais clara quando se observa casos de atletas que desafiaram estruturas de poder e sofreram consequências diretas. Entre os exemplos mais expressivos está o de Afonsinho<sup>94</sup>, meia atacante do Botafogo, frequentemente lembrado como símbolo da luta por autonomia no futebol nacional. Sua habilidade em campo era amplamente reconhecida e seu talento não ficava atrás de nomes como Dirceu Lopes, Rivellino ou Gérson. Ainda assim, sua carreira foi marcada por obstáculos que extrapolavam o plano esportivo. Afonsinho militava em defesa dos direitos dos atletas e se opunha abertamente às regras que os mantinham presos aos clubes, em uma relação que muitos comparavam à servidão moderna. Essa postura crítica atraiu não apenas a antipatia de dirigentes, mas também a vigilância e a resistência de setores do regime militar, que percebiam no jogador um elemento de contestação em um ambiente onde se esperava disciplina e alinhamento.

A tentativa de impedir sua presença na Seleção Brasileira expressa de maneira clara como o regime utilizava mecanismos diretos e indiretos para controlar a imagem do país no esporte. Afonsinho passou a ser visto como figura incômoda, alguém cuja postura destoava da narrativa que o governo tentava projetar para o mundo. Sua luta pelo passe livre, mais tarde reconhecida como marco na história da autonomia dos atletas, acabou custando-lhe oportunidades na seleção e abriu um precedente que demonstrou aos demais jogadores os riscos concretos enfrentados por quem ousasse questionar as estruturas instituídas. Sobre essa trajetória, Paulo César Caju ressaltou a dimensão da coragem necessária para o enfrentamento institucional: “Você tinha que ser muito ousado e corajoso. [...] Tinha que ter muita coragem para encarar, além dos militares, os dirigentes de futebol” (Caju, 2010).

O caso de Afonsinho evidencia que qualquer sinal de dissidência era percebido como ameaça. A repressão institucional não se limitava ao campo político tradicional, mas atravessava diferentes esferas da sociedade, incluindo o futebol. A resposta dura enfrentada pelo atleta funcionava como aviso silencioso aos demais jogadores, que observavam o quanto uma postura contestadora poderia comprometer carreira, reconhecimento e estabilidade. Dessa forma, a ausência de posicionamentos na seleção de 1970 não pode ser compreendida

---

<sup>94</sup> Afonso Celso Garcia Reis, conhecido como Afonsinho, foi um jogador brasileiro e médico. Destacou-se por sua luta judicial pela liberdade do passe no futebol brasileiro, tornando-se símbolo da defesa dos direitos trabalhistas dos atletas.

sem levar em conta os exemplos daqueles que ousaram se colocar contra o sistema e viram sua trajetória ser marcada pela intervenção de forças políticas e esportivas, que buscavam preservar a harmonia aparente projetada pelo regime.

A análise sobre o silêncio político da Seleção de 1970 também se fortalece quando observamos a composição etária daquele grupo. A equipe que foi ao México tinha média de idade de 23 anos, o que demonstra um predomínio de atletas muito jovens, ainda em fase de afirmação profissional e pessoal. O lateral Marcos Antônio, com apenas 19 anos, representava o extremo dessa juventude, enquanto o goleiro Félix, aos 32, era o mais velho do elenco. Ao lado dessa característica, o comando técnico também carregava essa marca geracional, já que Zagallo assumiu a seleção com 38 anos, idade incomum para treinadores de seleções nacionais naquele período.

Quando esses elementos são observados em conjunto com o clima político do país, a leitura se torna mais nítida. Jogadores jovens, muitos deles recém-integrados ao ambiente da seleção, tendiam a encarar qualquer manifestação pública com receio. O Brasil vivia uma ditadura que monitorava, censurava e punia com rigor os gestos considerados politicamente inconvenientes, o que produzia entre atletas uma sensação frequente de vulnerabilidade. A ideia de confrontar o regime se tornava ainda mais distante para aqueles que dependiam da estabilidade de suas carreiras para garantir espaço no futebol nacional e internacional. Isso ajuda a explicar por que a mesma geração que conviveu com casos de resistência, como o de Afonsinho, preferiu adotar um comportamento discreto diante das tensões políticas do país.

A juventude daquele elenco contrasta diretamente com figuras que enfrentaram a estrutura repressiva mesmo inseridas no mesmo contexto histórico. A postura de jogadores como Afonsinho evidencia que algum nível de consciência crítica existia entre jogadores da época, ainda que de forma isolada. Porém, a maioria dos convocados de 1970 vivia uma etapa inicial da carreira, numa fase em que a dependência de dirigentes, clubes e da própria imagem pública era intensa. Essa condição contribuiu para que o temor a represálias se tornasse um fator determinante no comportamento coletivo da equipe, oferecendo um panorama que dialoga com a ausência de manifestações políticas mais contundentes e com o silêncio que caracterizou os principais nomes do elenco.

O temor que permeava os jogadores da Seleção de 1970 também se relacionava diretamente com a presença constante de Emílio Garrastazu Médici no universo do futebol brasileiro. A juventude daquele elenco, já marcada pela insegurança diante do ambiente político, encontrava um fator adicional de pressão na figura de um presidente que não apenas apreciava o esporte, mas o utilizava como forma de aproximação simbólica com o povo.

Médici se apresentava como o torcedor que compartilhava das mesmas paixões nacionais, o que gerava um clima de vigilância indireta e reforçava a necessidade de cautela por parte dos atletas. O silêncio político dos jogadores se torna mais compreensível quando inserido no contexto de um governante que acompanhava de perto treinos, escalações e vitórias, transmitindo a ideia de que a seleção funcionava como uma vitrine do próprio regime.

A imagem construída em torno de Médici reforça esse cenário. Jarbas Passarinho, então Ministro da Educação, afirmava que “todos conhecem seu nacionalíssimo gosto pelo futebol. Dou meu testemunho da emoção com que o presidente assistiu a todos os jogos, torcendo com entusiasmo do brasileiro normal e do homem comum que o elevado cargo não modificou” (Folha de S. Paulo, 1970, p. 6). O discurso buscava situar o presidente como uma figura simples, acessível e espontânea, alinhando-o ao torcedor comum, o que funcionava como estratégia para estreitar a identificação popular com o governo.

A performance pública de Médici após a conquista do tricampeonato reforçou ainda mais essa narrativa. No dia seguinte à vitória, o presidente recebeu torcedores no Palácio do Planalto e, conforme registro da Folha de S. Paulo, “saiu para o meio do povo, enrolado em uma bandeira brasileira. Os torcedores o carregaram. Quando o puseram no solo, o presidente pegou uma bola dos netos e começou a mostrar sua habilidade no esporte [...]. Fez embaixadas e chegou a dar umas de calcanhar, sendo estimulado pelos fãs” (Folha de S. Paulo, 1970, p. 1). Essa cena sintetiza o projeto de representação: Médici tornava-se o chefe de Estado que dividia a euforia popular, encarnando o papel do torcedor bem-humorado e festivo.

Os jornais da época reforçaram essa associação entre governo e seleção. O Estado de São Paulo caracterizou a vitória como elemento de forte identificação institucional ao afirmar que “é verdade que este governo, mais do que qualquer outro, identificou-se muito com a vitória, graças ao fato de ser o próprio presidente da República um sincero e ardoroso torcedor”. A narrativa produzida pela imprensa dialogava diretamente com o trabalho desenvolvido pela Assessoria Especial de Relações Públicas, órgão central da propaganda oficial, responsável por consolidar a figura de Médici como líder popular.

A relação do presidente com o futebol era incentivada tanto por inclinação pessoal quanto por estratégia política. Médici era torcedor confesso de Grêmio e Flamengo, frequentava partidas no Maracanã com um rádio de pilha ao ouvido e demonstrava envolvimento direto com as decisões da Seleção Brasileira. Relatos indicam que ele participou da definição da composição da equipe e esteve presente em treinamentos preparatórios para o Mundial de 1970. Para Branco, essa participação pessoal “angariou

definitivamente a simpatia popular, elemento importante para a construção da imagem positiva do ditador, bem como sua associação às camadas populares” (Branco, 2006). Esse tipo de atuação projetava um governante próximo do cotidiano nacional, reforçando a ideia de que a seleção e o regime caminhavam em simbiose no momento de maior euforia esportiva do país.

Inserida nesse ambiente, a seleção não era apenas um time vitorioso, mas uma peça estratégica da comunicação política. Para jogadores tão jovens, conscientes da presença do presidente e da apropriação simbólica do futebol pelo governo, qualquer gesto público ganhava peso adicional. A convivência com essa vigilância difusa contribuiu para que o grupo adotasse uma postura discretamente alinhada às expectativas oficiais, reforçando o quadro de silêncio político que marcou aquela geração e que se articula com a forma como o tricampeonato foi utilizado para fortalecer a imagem do governo Médici.

#### 4.2. AS TÁTICAS DA PROPAGANDA POLÍTICA

A aproximação do governo ditatorial brasileiro com a seleção de futebol é quem origina a tese de que a mesma teria sido uma ferramenta simbólica de consenso. Assim como defendia a noção de capital simbólico, para Pierre Bourdieu, o tricampeonato mundial poderia ser apropriado pelo regime para reforçar a imagem de força, unidade e competência nacional.

A prática não seria uma novidade na era moderna, sendo apenas mais um caso do uso destes instrumentos, visto casos como a Revolução Francesa, o regime facista de Mussolini, o nazismo de Hitler e o comunismo stalinista. Na verdade, quando tornamos os olhares para o Império Romano, encontramos um conceito que apesar de remontar aos tempos do Século I e II, se faz bastante presente na contemporaneidade.

A expressão “pão e circo” (em latim, *panem et circenses*), originada na Roma Antiga a partir das críticas do poeta satírico Juvenal em sua Sátira X, demonstrava uma lamentação em relação ao povo romano. Afinal, a mudança de uma população outrora dotada de expressiva vida cívica, que passou a se contentar meramente com alimentos e espetáculos, trazia frustração para aqueles que conseguiam discernir a verdadeira situação em que se encontrava a sociedade.

Conforme explica Funari, a prática consistia em medidas como a distribuição gratuita de grãos ou pão para a plebe, somada à oferta de lutas de gladiadores, jogos públicos e festivais realizados em teatros e circos oficiais (Funari, 2002, p. 84). Dessa maneira, o império buscava realizar o apaziguamento superficial das massas, justamente num momento em que a

participação política direta se via ameaçada. Por isso, a crítica de Juvenal se mostra contrária à apatia cidadã e uma sociedade anestesiada perante seu governo.

Essa tradição histórica fornece um suporte teórico e empírico importante na compreensão de como os regimes modernos, em especial os autoritários, podem se utilizar do entretenimento, dos eventos de massa e do esporte, como ferramenta de controle social.

Especialmente no caso de regimes autoritários, a mobilização de elementos populares e de forte envolvimento emocional — como o futebol para os brasileiros — tende a funcionar como maneira de reforçar os sentimentos de unidade nacional e confiança no governo. Conforme aponta Domenach, esse tipo de instrumentalização não é exclusividade de uma corrente ideológica específica, mas um traço marcante e recorrente em sistemas que utilizam o controle das narrativas públicas (Domenach, 1963).

Nesse sentido, o autor observa que “um dos fenômenos dominantes da primeira metade do século XX é a propaganda política. Sem ela, os grandes acontecimentos da nossa época: a revolução comunista e o fascismo, não seriam sequer concebíveis” (Domenach, 1963, p. 8). Ao afirmar isso, Domenach assume que, independentemente da ideologia, governos distintos recorreram a estratégias similares de persuasão coletiva.

Essa lógica aparece também na valorização histórica do consentimento popular defendida por Napoleão Bonaparte, ao afirmar que “a força fundamenta-se na opinião. Que é o Governo? Nada, se não dispuser da opinião pública” (Domenach, 1963, p. 10). A reflexão reforça a ideia de que a construção de uma opinião favorável é parte estruturante de governos que visam à estabilidade e à legitimidade, principalmente em cenários de baixo apreço pelas instituições democráticas.

Ao considerarmos tais referências, torna-se possível pensar que, no Brasil em 1970, o entusiasmo nacional em torno da Copa do Mundo do México e a paixão brasileira pelo futebol surgiram como oportunidade estratégica, possibilitando ao regime uma associação a um símbolo positivo da identidade coletiva do país. Desse modo, a seleção brasileira pode ter assumido, naquele momento, um papel para além do esportivo, funcionando potencialmente como veículo de sentimentos patrióticos alinhados às necessidades de afirmação política do período.

Porém, a propagação de suas ideias dependia também do modo com que a mensagem chegaria até a população. Portanto, em janeiro de 1968, o Regime cria a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), instituída como a agência oficial da propaganda da Ditadura Brasileira. O órgão, originalmente fundado para unificar a comunicação governamental (na época, fragmentada entre diversos órgãos) e concentrar a divulgação de “verdades” oficiais,

que visavam moldar a opinião pública a favor do Estado, durante o Governo Médici passou a ter um novo papel: a difusão de filmes, propagandas e campanhas de massa que exaltam valores como ordem, família, progresso e patriotismo.

Nesse sentido, a compreensão das “leis” estabelecidas por Domenach apresenta-se em conformidade com as características da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP). A primeira delas é a “Lei da Orquestração e Repetição”, na qual o autor afirma que a propaganda deve repetir incansavelmente temas simples (Domenach, 1963). A Ditadura Militar aplicou esse padrão por meio de slogans ufanistas, como “Ninguém segura este país”, “Pra frente Brasil” e “Brasil: ame-o ou deixe-o”, veiculados principalmente via rádio e televisão. O uso da repetição criava uma atmosfera de otimismo forçado, que buscava encobrir as violações de direitos humanos e a profunda desigualdade social do período.

Seguindo no texto de Domenach, vemos outra de suas leis sendo apresentadas no cenário ditatorial brasileiro: a “Lei do Inimigo Único”. De acordo com o francês, o regime deve simplificar sua luta política focando num único adversário, por vez. No Brasil, toda a oposição, desde estudantes a guerrilheiros armados, foi intitulada sob o rótulo de “subversivos” e “comunistas”. A Doutrina de Segurança Nacional<sup>95</sup> operava sob essa lógica binária, legitimando a repressão policial (que, como Domenach previu, vinha apoiada na preparação psicológica da propaganda) contra qualquer um que não se enquadrasse no “mito” do Brasil potência.

Por fim, chegamos no dilema da “Democracia Fingida”, onde o autor aponta que regimes autoritários tentam manter a fachada da legitimidade. Esta tentativa vai desde a esfera política aos meios de comunicação do país. O Brasil viveu isso com o funcionamento controlado do Congresso e o bipartidarismo (ARENA e MDB). Enquanto isso, a censura e a repressão aos jornais da época, tentavam vender a imagem de normalidade democrática, da frase positivista “Ordem e Progresso”, estampada na bandeira nacional, se utilizando da eliminação dos “fatos” que contradizem a “verdade do Estado”, exatamente como descrito no modelo de propaganda hitlerista analisado pelo autor.

Diante desse uso estratégico, pode-se considerar que a imprensa teria funcionado como um dos principais meios de circulação das mensagens idealizadas pelo governo. Uma vez que, conforme sugere Domenach, a propaganda política depende da seleção controlada de informações e da manipulação de símbolos coletivos, torna possível supor que a mídia

---

<sup>95</sup> A Doutrina de Segurança Nacional foi a base ideológica que sustentou o regime militar brasileiro. Defendia a centralidade da segurança interna do Estado e o combate ao chamado “inimigo interno”, associado ao avanço do socialismo e das ideias de esquerda.

brasileira daquele período tenha sido usada como um canal privilegiado para estruturar uma narrativa de unidade nacional e de exaltação do regime.

Nesse cenário, a censura desempenhou um papel central no enquadramento do que poderia ou não ser veiculado. Como argumenta Marcos Napolitano, a relação entre imprensa e regime nos anos iniciais da década de 1970 já demonstrava tensões permanentes. Segundo o autor, “a censura à imprensa, sem dúvida foi o maior fator de tensão entre os jornais e o governo entre 1970 e 1974” (Napolitano, 2017, p. 357). A constatação sugere que, mesmo diante do discurso oficial de abertura e normalidade democrática, o controle sobre a informação seguia rígido e orientado a conter qualquer forma de divergência. Não por acaso, o autor observa que “o Governo Médici que prometera a ‘plenitude democrática’ deixou-nos como saldo ainda menos democracia” (Napolitano, 2017, p. 360).

A atuação cotidiana da censura reforça essa percepção. Conforme descreve João Batista de Abreu, as orientações enviadas às redações eram muitas vezes informais e arbitrárias, o que indica uma dinâmica de vigilância constante e pouco transparente. O autor destaca que “as proibições são passadas pelo telefone e continuam valendo por tempo indeterminado, mesmo não havendo nenhum documento escrito que garanta sua autenticidade” (Abreu, 2020, p. 196). Essa ausência de procedimentos formalizados criava um ambiente em que os jornalistas precisavam antecipar mentalmente o que poderia ser interpretado como inadequado, resultando no fenômeno da autocensura.

Além disso, compreender os sentidos das publicações durante o período exigia do público uma leitura cuidadosa, marcada por camadas implícitas de significação que tentavam sobreviver às barreiras impostas pelo regime. Como observa Abreu, “tal disposição fazia parte do jogo de pique-esconde entre a imprensa, o ouvinte e a censura. Compreender eufemismos, ler nas entrelinhas, associar matérias aparentemente desconexas eram pré-condições para entender o processo” (Abreu, 2020, p. 202). Dessa forma, a suposta normalidade da circulação de notícias convivia com um sistema que, mesmo sem impedir totalmente a existência de mensagens críticas, limitava sua inteligibilidade.

Fica terminantemente proibida publicação de crítica ao sistema censura, seu fundamento e sua legitimidade, bem como qualquer notícia, crítica ou referência, escrita, falada e televisada, direta ou indiretamente formulada, contra órgãos de censura, censores, legislação censória até posterior liberação. Esta ordem é para qualquer programa (Abreu, 2020, p. 198).

A rigidez das proibições fica evidente em determinações formais emitidas pelo regime. O trecho acima pertence à uma nota oficial de 5 de junho de 1973, que esclarecia o estabelecimento de um controle que ia além da simples restrição de notícias. A amplitude da instrução sugere que a censura não se limitava a temas sensíveis, mas também impedia que a própria prática censória fosse discutida.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que a propaganda buscava mobilizar elementos simbólicos associados ao tricampeonato, a imprensa operava sob rígido controle estatal. A combinação entre seleção estratégica de conteúdos, fiscalização permanente e censura explícita aponta para um ambiente comunicacional no qual a construção de uma imagem positiva do regime ocorria em paralelo à supressão de vozes dissonantes. Essa dinâmica pode sugerir que a cobertura da Copa de 1970 tenha funcionado como instrumento eficiente de exaltação do governo, ao mesmo tempo em que limitava a circulação de narrativas alternativas sobre o contexto político do país.

#### 4.3 A APLICAÇÃO DO OLHAR TÉCNICO E ANALÍTICOS SOBRE A CONQUISTA

Ao buscar compreender o papel da imprensa como espaço de múltiplas disputas simbólicas, a exigência de atenção e cautela sobre os mecanismos de visibilidade e silenciamento que atuam nos veículos de comunicação se mostra fundamental. Considerando o contexto do país, no início da década de 1970, é importante frisar a ampla atuação do jornalismo impresso que, mais do que um transmissor de fatos, agia como um mediador central na construção da opinião pública, ao articular narrativas em meio a um cenário de extrema complexidade política. Por isso, este capítulo busca investigar como esses sentidos foram construídos durante uma das maiores conquistas da história esportiva nacional, a Copa do Mundo de 1970, se dedicando à estruturação e fundamentação da análise das capas do jornal O Globo.

O processo analítico se inicia pelo reconhecimento do papel estratégico em que é inserida a capa de um jornal. Destacada como a “vitrine” do periódico e o ponto de contato inicial entre emissor e receptor, a primeira página age como um sumário hierarquizado que orienta a interpretação da realidade e comunica as prioridades editoriais do veículo. Analisar a capa significa, portanto, decifrar uma síntese discursiva que une interesses comerciais, mercadológicos e, principalmente, políticos.

O Globo foi escolhido como objeto de estudo por sua trajetória de expansão e modernização sob o comando de Roberto Marinho, quando se consolidou como um dos

jornais de maior influência e circulação nacional no período. Entender a maneira com que este veículo atuou durante os anos de chumbo permite a compreensão de como um grande grupo de comunicação navegou pelas restrições do período e como sua linha editorial tratou temas que uniam a paixão popular brasileira ao sentimento de nacionalismo.

Para obter os objetivos propostos e a conferência de um rigor científico a essa pesquisa, a Análise de Conteúdo - fundamentada por Laurence Bardin - foi a metodologia escolhida. Este método permite ultrapassar a leitura superficial dos textos, possibilitando uma interpretação sistemática dos indicadores, sejam eles textuais ou visuais, que formam a mensagem. A partir da descrição objetiva de fragmentos como manchetes, fotografias e a própria hierarquia espacial da página, procura-se realizar inferências sobre as condições de produção e recepção desses discursos em um contexto marcado pela Ditadura Militar.

A estruturação desta análise é organizada através de um sistema de categorização analítica, que corresponde desde a pré-análise e a codificação temática à compreensão do enquadramento político e dos recursos visuais empregados. Estas categorias buscam garantir que a leitura das capas não se faça de maneira isolada ao seu tempo, relacionando cada unidade de registro ao seu ambiente histórico e social. Por fim, torna-se importante destacar que, a definição do corpus documental obedece a critérios cronológicos pré-definidos, fornecendo a base material necessária para que seja alcançada resposta do principal questionamento deste estudo: de que forma a narrativa sobre o futebol e o exercício do poder se entrelaçaram ao ponto de propagar o ideal de progresso nacional e outros valores defendidos pelo regime ditatorial brasileiro nas páginas de um dos maiores jornais do país.

#### **4.3.1 Jornalismo Impresso e o poder da Capa**

Ao pensar em imprensa, o jornalismo impresso atua com papel importante na consolidação da mesma como um espaço de circulação de ideias e disputas simbólicas na sociedade, em especial ao considerarmos a realidade dos meios de comunicação da década de 1970. Durante sua trajetória, os jornais firmaram como mediação na relação acontecimentos x público leitor, tendo papel importante na formação da opinião pública e para o debate social e político. Em meio a este processo, tornaram-se veículos fundamentais, visto que, historicamente, estes lutaram “por sua importância como espaço público de debate” (Santos, 2019, p. 48), diversificando-se para atender a um público que anseia por informação.

Dentro desse contexto, a capa de jornal ganha um caráter estratégico essencial. Ela representa o contato inicial do leitor com o veículo, concentrando escolhas editoriais que

orientam a interpretação dos acontecimentos. Essa "primeira página" possui uma função vital, pois “[...] funciona como um sumário do conteúdo da edição e como uma vitrine para atrair e seduzir o leitor à compra” (Travassos, 2010, p. 15). Assim, os elementos visuais e as manchetes não apenas informam, mas também comunicam prioridades ideológicas e disputam a atenção do público em meio ao cenário político.

A relação entre a capa e a decisão de consumo do periódico é evidenciada pela centralidade de sua relevância no ato da compra. Afinal, “[...] é através da capa que o leitor se decide ou não pela compra do jornal, pois nela encontra uma relação entre o que deseja ler e o conteúdo do jornal que está apresentado” (Travassos, 2010, p. 32). Esse aspecto reforça a ideia de que a primeira página atua como espaço de mediação entre as expectativas do público e a narrativa determinada pelo veículo, influenciando diretamente a circulação e o alcance das informações.

Além disso, a capa ultrapassa sua função informativa e passa a desempenhar um papel importante no posicionamento do jornal no mercado e na esfera pública. Isso ocorre porque ela pode ser compreendida como “[...] primeiro e mais poderoso instrumento de comunicação e marketing” do jornal (Santos, 2013, p. 68). Tal característica enfatiza o poder de articulação das dimensões editoriais, simbólicas e comerciais, evidenciando sua centralidade tanto na lógica do jornalismo impresso quanto na relação com o leitor.

Dessa maneira, torna-se indispensável, ao analisar o jornalismo impresso, considerar a capa de jornal como um espaço privilegiado de visibilidade e síntese discursiva. Seja pela sua disposição nas bancas ou por sua capacidade de condensar e hierarquizar os acontecimentos conferem a ela um valor essencial na construção das narrativas jornalísticas e na forma como os fatos são apresentados. Serão elas, portanto, que guiarão este trabalho na compreensão de da utilização, por parte do regime militar, da conquista brasileira em 1970.

#### **4.3.2 Jornal “O Globo”**

Em meio às décadas de 1960 e 1970, o jornalismo impresso ocupava posição central no sistema de comunicação brasileiro. Veículos como “O Estado de São Paulo”, “Jornal do Brasil”, “Folha de São Paulo” e “O Globo” emergiram entre os principais formadores de opinião do país, possuindo forte influência sobre o debate público no país, principalmente, em relação aos principais acontecimentos do país. Num contexto de censura e repressão política, estes veículos desempenhavam papel ambíguo, ora tensionando limites impostos pelo regime, ora adaptando-se às restrições institucionais para manter sua circulação e relevância.

Mediante o cenário apresentado, O Globo consolidou-se como um dos periódicos de maior destaque no país. Fundado em 1925 por Irineu Marinho, na cidade do Rio de Janeiro, o jornal passou inicialmente à direção de Eurycles de Matos após o falecimento precoce de seu fundador. Com a morte de Matos, seis anos depois, Roberto Marinho, primogênito de Irineu, assumiu o comando do veículo, cargo que ocupou por mais de sete décadas. Conforme aponta Silva (2021, p. 65), foi sob a gestão de Roberto Marinho que o periódico passou por um acentuado processo de expansão e modernização, consolidando-se na comunicação brasileira. Em site dedicado à memória do jornal, destaca-se que “sob seu comando, O Globo teve um crescimento exponencial, com instalações ampliadas e modernizadas constantemente” (Silva, 2021, p. 65).

Durante o período da ditadura militar brasileira, “O Globo” teve uma atuação que pode ser entendida quando observado o tratamento diferenciado dispensado pelo regime a determinados veículos de imprensa. “A Folha de São Paulo foi, juntamente com o Globo, um dos veículos de imprensa menos visados pelo regime militar (Fernandes, 2017, p.38). Essa condição sugere que estes ocupavam uma posição específica no sistema midiático da época, marcado por maior margem de circulação e incidência menor de censura quando comparados a outros jornais que enfrentaram intervenções mais severas.

Essa menor vigilância não significava ausência de controle, mas indicava uma melhor relação entre estes dois veículos e o governo militar. Considerando o ambiente de repressão institucionalizada, àqueles que possuíam amplo alcance nacional necessitavam do equilíbrio da manutenção de sua circulação com os limites vigentes na época. Portanto, “O Globo” se consolidava como um jornal capaz de dialogar com o poder político sem comprometer sua posição no mercado editorial, o que facilita a compreensão da sua relevância e influência durante os anos mais duros da ditadura.

Diante desse histórico, a escolha do “O Globo” como objeto de análise neste trabalho se justifica por sua centralidade no campo jornalístico brasileiro e por sua atuação durante o período da Ditadura Militar. A partir da análise de suas capas, torna-se possível observar como um dos principais veículos de comunicação do país construiu suas narrativas, hierarquizou acontecimentos e se posicionou durante eventos simbólicos, como o tricampeonato mundial conquistado pela seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970, num contexto que pode ser observado como de instrumentalização do futebol como elemento de propaganda do regime.

### 4.3.3 Metodologia

Perante o objetivo geral do trabalho, isto é, estabelecer um recorte analítico da cobertura jornalística da Copa do Mundo do México, em 1970, pelo jornal “O Globo” e buscando compreender a utilização do bom desempenho brasileiro naquele Mundial como uma possível forma de propaganda para o regime militar vigente, optou-se pela Análise de Conteúdo como método de investigação. Ao utilizar materiais jornalísticos, esta metodologia permite examinar não somente o que é dito, mas também como os discursos são construídos, hierarquizados e apresentados ao seu público leitor.

[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações, que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem as inferências de conhecimentos relativos de condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2004, p. 41)

De acordo com a definição de Laurence Bardin, esse método pode ser compreendido como uma forma capaz de sistematizar e interpretar mensagens de forma rigorosa, permitindo inferências sobre os contextos de produção e circulação dos discursos. Portanto, sustenta a adequação desta metodologia para a análise de capas e conteúdos jornalísticos, uma vez que possibilita identificar padrões discursivos, recorrências temáticas e escolhas editoriais.

No contexto deste trabalho, a análise de conteúdo é aplicada às capas do Jornal “O Globo”, nos seguintes períodos: um mês antes da estreia brasileira no Mundial; um dia antes de cada jogo, o dia da partida e o dia posterior aos confrontos; por fim, também foi analisada a edição de um mês posterior à conquista brasileira. Na análise foram considerados elementos textuais e visuais. Manchetes, fotografias, ausência ou presença de legendas, chamadas secundárias e a hierarquização das notícias são observadas como unidades significativas. Estes são elementos compreendidos como portadores de sentidos, que auxiliam na construção de uma narrativa específica sobre o evento esportivo mundial e seu valor político no contexto da Ditadura Militar.

A utilização desse método permite examinar de forma sistemática se a conquista do tricampeonato foi apresentada como uma realização meramente esportiva ou se foi articulada a discursos de exaltação nacional, unidade e ordem, pilares frequentemente associados à retórica do regime. A análise não parte de pressupostos conclusivos, porém busca identificar

indícios e regularidades que sustentem a hipótese de que o jornal contribuiu, seja direta ou indiretamente, para a legitimação simbólica dos ditadores que detinham o poder no período.

Assim, a análise de conteúdo se apresenta como ferramenta fundamental para a compreensão do trabalho do jornal “O Globo” na construção de sentidos sobre a seleção brasileira comandada pelo técnico Mário Jorge Lobo Zagallo. Relacionando os discursos presentes nas capas com o contexto político e institucional da época, o método possibilita uma leitura crítica do material jornalístico selecionado, respeitando a complexidade do objeto e contribuindo para a reflexão sobre as relações dos três pilares que conduzem este estudo: a imprensa, o futebol e o exercício de poder em meio à Ditadura Militar.

#### **4.3.4 Categorização da Análise**

A análise de conteúdo desenvolvido neste estudo é estruturada a partir de um conjunto de categorias analíticas que buscam organizar e interpretar sistematicamente o material selecionado. Essa categorização foi elaborada visando permitir uma leitura orientada das capas do jornal “O Globo”, considerando tanto seus elementos textuais quanto visuais, assim como o contexto histórico e político em que estão inseridas. Como citado anteriormente, parte-se do entendimento de que a capa constitui um espaço privilegiado de gênese de sentido num veículo, onde distintos discursos se articulam de maneira estratégica.

Primeiramente, a apresentação do material analisado cumpre a função de contextualizar o corpus da pesquisa. Nesta etapa, são identificadas informações básicas como a data de publicação, quantidade de manchetes, número de imagens e temas com certo predomínio em cada edição. Dessa forma, contribui para situar o leitor a delimitar o recorte empírico adotado, além de dotar uma base descritiva que antecipa as interpretações mais aprofundadas.

Dando sequência, na pré-análise, temos um momento de maior exploração acerca do material, onde é realizada uma leitura preliminar das capas com o objetivo de identificar padrões recorrentes, destaques editoriais e possíveis eixos temáticos. Esta fase não possui caráter conclusivo, mas auxilia na formulação de hipóteses analíticas, que serão testadas ao longo do estudo. Dessa forma, a pré-análise permite uma aproximação inicial com o corpus e auxilia na organização das categorias subsequentes.

As unidades de registro consistem nos elementos específicos do material que efetivamente são observados e analisados. No caso das capas, essas unidades podem incluir fotografias, manchetes, legendas, textos informativos e boxes editoriais. Parte-se da hipótese

de que esses fragmentos portam significados relevantes e recorrentes, sendo passíveis de codificação. A definição das unidades de registro visam garantir maior rigor metodológico, ao delimitar de maneira mais clara os elementos considerados na análise.

Correlacionada com as unidades de registro, as unidades de contexto se referem ao entendimento do ambiente histórico, político e social mais amplo no qual os conteúdos estão inseridos. Essa categoria permite relacionar os elementos da capa ao contexto da Ditadura Militar brasileira e à realização da Copa do Mundo de 1970, compreendendo como esses acontecimentos foram noticiados e influenciaram na construção do discurso jornalístico. Esta fase contribui para evitar o isolamento das leituras, sem deslocá-las do período analisado, possibilitando interpretações mais consistentes.

A codificação consiste no ato de agrupar as unidades de registros a partir de temas recorrentes que foram identificados no *corpus* analisado. Nesta etapa, os assuntos são organizados em categorias temáticas, como futebol, política, segurança ou nacionalismo. Dessa forma, entende-se que a repetição e a ênfase de determinados temas indicam prioridades editoriais e estratégias discursivas do jornal. A codificação torna possível a identificação de padrões narrativos e de possíveis articulações entre esporte e política.

A análise de hierarquia editorial considera a disposição em que os conteúdos são apresentados na capa, observando o tamanho das manchetes, a localização das imagens e a organização espacial dos textos. A partir disso, é seguida a hipótese de que a hierarquização visual demonstra a importância atribuída a determinados assuntos. Assim, conteúdos posicionados no topo ou em áreas centrais da capa tendem a assumir maior destaque simbólico, enquanto temas secundários tendem a ser deslocados para áreas periféricas.

A construção narrativa refere-se à forma em que os diferentes fragmentos da capa se articulam para a construção de um sentido global. Esta fase busca entender como textos e imagens se complementam, reforçam ou tensionam determinados discursos, orientando a leitura do público. Entende-se que a capa não é limitada à soma de informações isoladas, mas sim organiza os conteúdos de modo a construir uma narrativa coerente sobre os acontecimentos do dia.

O enquadramento político se refere à maneira como os fatos são apresentados sob determinadas perspectivas ideológicas. Esta categoria pretende identificar valores, julgamentos e posicionamentos implícitos ou explícitos nos conteúdos analisados. No contexto desta pesquisa, observa-se especialmente como o esporte e os eventos políticos conseguem ser enquadrados de forma a reforçar discursos de ordem, unidade nacional e

legitimidade do regime ditatorial vigente, ainda que tais interpretações sejam tratadas de forma hipotética.

O uso de recursos visuais determina uma categoria fundamental da análise, visto que as imagens desempenham papel crucial na comunicação jornalística. Por isso, são observados aspectos como enquadramento fotográfico, presença ou ausência de legendas, tamanho das imagens e sua relação com os textos. Parte-se da hipótese de que estes recursos auxiliam na concepção de emoções e significados, podendo reforçar narrativas específicas associadas à seleção brasileira e ao contexto político do período.

Por fim, as considerações finais da análise reúnem os principais elementos que puderam ser observados em cada uma das edições analisadas, buscando articular os resultados parciais às hipóteses gerais da pesquisa. Essa etapa não deve encerrar definitivamente a interpretação, mas sim sintetizar tendências e recorrências identificadas ao longo do corpus, contribuindo para a compreensão do uso simbólico da Seleção Brasileira de 1970 no contexto da Ditadura Militar.

#### **4.3.5 Foco na bola ou na bala: Como “O Globo” contou a Copa do Mundo de 1970?**

O corpus documental desta pesquisa seguiu critérios de cronologia e estratégia, buscando capturar as particularidades jornalísticas em momentos-chave da Copa do Mundo de 1970 e seu impacto na opinião pública. A seleção das capas do jornal “O Globo” baseou-se, primeiramente, na edição publicada exatamente um mês antes da estreia da seleção brasileira naquele Mundial, servindo como ponto inicial para observar a construção do clima pré-Copa e as suas primeiras expectativas. Para o período do torneio, o critério de amostragem se baseou no ciclo imediato de cada jogo, sendo analisado a tríade composta pela edição de véspera (pré-jogo), a edição do próprio dia da partida e a edição subsequente (pós-jogo), permitindo uma análise detalhada da construção narrativa, desde a preparação para os duelos até repercussão dos resultados.

De maneira complementar, o trabalho também inclui a análise de uma capa publicada um mês depois da conquista do título, buscando verificar a permanência dos símbolos nacionalistas e a consolidação do discurso da vitória na memória editorial. Torna-se fundamental ressaltar que, devido à indisponibilidade técnica dos arquivos digitais do jornal em seu site oficial, as capas de pré-jogo, dia do jogo e pós-jogo que coincidiram com os domingos não puderam ser integradas à análise por falta de acesso, limitando o estudo às

edições circuladas nos demais dias da semana, sem prejuízo à compreensão global das estratégias discursivas do período.

4.3.5.1 Capa 1 - 02/05/1970

Figura 2 – Capa do “O Globo” (02/05/1970)



Fonte: Acervo Digital “O Globo”

**Apresentação do material analisado:**

A edição reúne notícias das tensões externas, entretenimento, cobertura da seleção brasileira e factuais de ocorrências policiais. A hipótese desta análise parte do pressuposto de que a equipe comandada por Zagallo pode ter sido utilizada como forma de propagação dos ideais do regime vigente no país. Neste sentido, num primeiro momento, a manchete que trata sobre a ida à Copa de 70 parece agir como uma maneira de alívio, servindo como agente de mobilização emocional em meio à um período tão conturbado.

**Pré-análise:**

Uma rápida leitura da capa permite perceber uma estrutura onde conflitos internacionais dividem espaços com notícias de forte envolvimento popular, o que reforça a

hipótese de busca por equilíbrio, onde a seleção brasileira parecia ter a função da união nacional e de alívio.

Um ponto que chama a atenção é a ausência de qualquer notícia sobre o regime da época, mas sim o uso de expressões como “Boa sorte, Brasil”. Além disso, em meio a tantas manchetes sobre a Guerra do Vietnã<sup>96</sup>, torna-se rapidamente notável a percepção de quem deveria ser visto como ameaça (comunistas) e quem estava ditando o ritmo do conflito (os Estados Unidos da América).

**Unidades de registro:**

- Uma manchete principal <sup>97</sup>e outras sete manchetes “secundárias”;
- Chamadas visuais e textuais relacionadas à seleção brasileira;
- Cinco fotografias, sendo boa parte delas sem legenda;
- Box factual (Caso Iracema)<sup>98</sup>;
- Uso de um mapa para representar a região do principal conflito noticiado na Capa;

**Unidade de contexto:**

- Guerra Fria e do Vietnã;
- Ano eleitoral no Brasil (1970) e reforço do nacionalismo promovido pelo regime;
- Proximidade da Copa do Mundo do México,
- Perfil editorial historicamente alinhado com o governo militar;

**Codificação:**

**Temas predominantes:**

- Conflitos internacionais (Camboja e Vietnã)<sup>99</sup>;

---

<sup>96</sup> A Guerra do Vietnã foi um conflito armado ocorrido entre 1955 e 1975, envolvendo o Vietnã do Norte, de orientação socialista, e o Vietnã do Sul, apoiado pelos Estados Unidos e seus aliados. Inserida no contexto da Guerra Fria, tornou-se símbolo do confronto ideológico global entre capitalismo e socialismo, além de gerar forte repercussão internacional devido à violência, às imagens veiculadas pela imprensa e às crescentes críticas à atuação norte-americana.

<sup>97</sup> A expressão refere-se à organização gráfica da capa do jornal, na qual uma manchete de maior destaque ocupa a posição central ou superior da página, acompanhada por outras sete manchetes de menor hierarquia visual. Essas manchetes secundárias costumam apresentar temas diversos e funcionam como chamadas complementares, oferecendo ao leitor um panorama geral dos assuntos abordados naquela edição.

<sup>98</sup> O chamado Caso Iracema refere-se ao assassinato de Iracema Ferreira, de 28 anos, ocorrido nas proximidades do km 11 da Rodovia Presidente Dutra. A vítima, identificada por um vestido amarelo rasgado e por tatuagens no corpo, era apontada pela imprensa como traficante de tóxicos e ex-companheira de um criminoso conhecido como Lilico, morto no ano anterior. As reportagens destacavam que Iracema vinha recebendo ameaças de morte e evitava sair de sua residência na favela do Buraco da Lacraia. O caso foi tratado com forte carga sensacionalista, expondo a vida pessoal da vítima e enfatizando a violência urbana, característica recorrente da cobertura policial do período.

<sup>99</sup> O conflito entre Camboja e Vietnã intensificou-se no final da década de 1960 e início dos anos 1970, inserido no desdobramento regional da Guerra do Vietnã. A instabilidade política no Camboja, agravada pelo regime do Khmer Vermelho, contribuiu para confrontos armados, crises humanitárias e deslocamentos populacionais, frequentemente retratados pela imprensa internacional como parte do avanço do comunismo no Sudeste Asiático.

- Segurança pública (Iracema);
- Futebol (Seleção Brasileira);
- Cultura de massa e festividade;

**Hierarquia editorial:**

- No topo: Manchetes longas e detalhadas, voltadas para as tensões geopolíticas;
- Na área central: uma grande fotografia da Seleção com uma manchete mais curta;
- Na parte inferior: Manchetes mais curtas e objetivas, sobre temas de caráter popular;

**Construção narrativa:**

- As notícias de cunho internacional se encontram com tom dramático, predominando palavras de impacto, como: “Ordem é arrasar o pentágono vermelho<sup>100</sup>”;
- Por outro lado, o futebol traz um tom de celebração, afetividade e popular.
- Enquanto isso, a violência urbana é tratada com tamanho sensacionalismo. Inclusive, até mesmo o seu título “Iracema, a mulher tatuada” se assemelha com uma novela.

**Enquadramento político:**

- Torna-se evidente que em meio a tantas notícias da política estadunidense, o jornal parece seguir alinhamento aos norte americanos, por muita das vezes, dando ênfase aos “inimigos vermelhos”, os comunistas;
- Chama a atenção o posicionamento do jornal ao destacar a morte de Iracema, como da “mulher tatuada”. Isso parece revelar um tom mais conservador e disciplinado da sociedade ao noticiar o caso.
- Vemos o poder popular da seleção brasileira ao ser destacado o apoio dado pelos torcedores que “em nome dos 90 milhões de brasileiros”, que foram desejar boa sorte aos jogadores em sua partida ao México.

**Uso de recursos visuais:**

- Uma grande fotografia do capitão da seleção brasileira Carlos Alberto com uma criança em seu colo, o que reforça o caráter emotivo e de ligação da equipe ao seu povo. Além disso, a imagem que registra a cena apresenta muitas pessoas, o que reitera o apoio popular ao time brasileiro.
- O mapa do sudeste asiático traz maior tecnicidade na cobertura dos conflitos na região;

---

<sup>100</sup> A expressão Pentágono Vermelho era utilizada pela imprensa ocidental para se referir, de forma simbólica, ao centro de decisões militares e estratégicas do bloco socialista, em oposição ao Pentágono dos Estados Unidos. O termo reforçava a retórica da Guerra Fria e a ideia de uma ameaça permanente representada pelo comunismo internacional.

- Em meio às imagens conflituosas, o retrato de Nelson Ned<sup>101</sup>, no colo de um policial militar, traz uma harmonia inexistente entre as forças de segurança pública e a cultura. Na imagem do conflito na Camboja, o destaque para as primeiras prisões no local trazem consigo o sentimento de superioridade americana, como se estivessem vencendo o conflito.

**Considerações finais:**

Através dessa codificação dos elementos, percebe-se em primeiro plano uma fuga de noticiar a política interna brasileira e muito menos os problemas da ditadura no país. Além disso, a todo tempo, torna-se nítida a oposição entre o “caos” no restante do globo, enquanto o Brasil parecia viver em clima de festa e harmonia. Isso contribuiu para reforçar a ideia de unidade nacional, onde o país parecia se consolidar como potência e elevar o sentimento de orgulho nacional.

4.3.5.2 Capa 2 - 02/06/1970

Figura 3 – Capa do “O Globo” (02/06/1970)



Fonte: Acervo Digital “O Globo”

<sup>101</sup> Nelson Ned d’Ávila Pinto foi um cantor brasileiro de grande popularidade nas décadas de 1960 e 1970. Reconhecido por sua voz marcante e por canções românticas, tornou-se uma figura recorrente na mídia, sendo frequentemente associado à cultura popular de massa no período.

### **Apresentação do material analisado:**

A edição analisada reúne majoritariamente matérias de cunho internacional, com destaque para acontecimentos políticos e tragédias externas, além de conteúdos relacionados à Copa do Mundo do México e notas de caráter nacional. Parte-se da hipótese de que, assim como observado em edições anteriores, o jornal utiliza a cobertura da Seleção Brasileira como elemento de mobilização emocional, ao mesmo tempo em que evita problematizações diretas sobre o regime militar brasileiro. Nesse contexto, a capa parece equilibrar tensões internacionais, espetacularização da dor e apelos nacionalistas ligados ao futebol.

### **Pré-análise:**

A observação inicial da capa evidencia novamente o predomínio de matérias internacionais ocupando a parte superior do jornal, com manchetes longas e detalhadas, marcadas por forte carga dramática. O principal destaque é a matéria sobre a condenação e o sepultamento de Pedro Eugenio Aramburu<sup>102</sup>, tratado como “ex-presidente” argentino, sem referência direta ao seu papel como ditador. Esse enquadramento parece conferir um caráter legalista à figura vitimada, enquanto os sequestradores são associados a movimentos de resistência. A fotografia da viúva do ex-ditador argentino, com legenda destacando o seu choro, contribui para intensificar a dramaticidade do fato.

Paralelamente, a matéria sobre a Seleção Brasileira apresenta um tom de apoio e expectativa, enfatizando a estreia no Mundial e reforçando a ideia de que a atenção dos brasileiros estaria concentrada na vitória no México. Observa-se, mais uma vez, a coexistência entre notícias de tensão externa e conteúdos de forte apelo emocional e popular.

### **Unidades de registro:**

- Oito manchetes distribuídas pela capa;
- Uma manchete relacionada diretamente à Seleção Brasileira;
- Cinco fotografias, sendo quatro acompanhadas de legendas;
- Matérias internacionais ocupando grande parte do espaço superior e central;
- Presença de chamadas sobre política nacional, cultura popular e segurança pública.

### **Unidade de contexto:**

- Instabilidade política na América Latina, com destaque para a Argentina;

---

<sup>102</sup> Pedro Eugenio Aramburu foi um militar e político argentino que exerceu a presidência do país após o golpe de Estado que depôs Juan Domingo Perón, em 1955. Tornou-se símbolo do antiperonismo e foi sequestrado e executado em 1970 por integrantes do grupo guerrilheiro Montoneros, episódio que marcou profundamente a história política argentina.

- Conflitos e tragédias internacionais, como o terremoto no Peru<sup>103</sup>;
- Realização da Copa do Mundo de 1970 no México;
- Governo Médici e fortalecimento do discurso nacionalista e populista;
- Atuação da imprensa em um contexto de censura e alinhamento institucional.

### **Codificação:**

#### **Temas predominantes:**

- Política e conflitos internacionais;
- Tragédias humanitárias;
- Futebol e Copa do Mundo;
- Cultura popular brasileira;
- Segurança pública nacional.

#### **Hierarquia editorial:**

- Parte superior: manchete extensa e detalhada sobre o caso Aramburu, com forte carga dramática;
- Região central: matéria da Seleção Brasileira, posicionada logo abaixo das tensões internacionais;
- Área central lateral: notícia sobre viagem do presidente Médici ao Nordeste<sup>104</sup>;
- Parte inferior: matérias sobre urbanização do Rio de Janeiro, terremoto no Peru, cultura popular e segurança pública.

#### **Construção narrativa:**

- As matérias internacionais são construídas com linguagem alarmante e emocional, destacando mortes, sofrimento e conflitos políticos. O caso Aramburu é narrado de forma a despertar empatia pela vítima, enquanto o terremoto no Peru ganha contornos dramáticos por meio da quantificação das mortes e da imagem de militares em ação.
- Em contraste, a cobertura da Seleção Brasileira adota um tom positivo e mobilizador, apresentando informações sobre escalação, transmissão televisiva e expectativas para os jogos. A Copa é chamada de “Taça do Mundo”, reforçando um caráter solene e grandioso do evento. Já as matérias de cultura popular e segurança pública assumem tons de despedida, nostalgia ou exposição direta dos envolvidos.

---

<sup>103</sup> O terremoto ocorrido no Peru em 1970 foi um dos mais devastadores da história do país, atingindo principalmente a região de Ancash. O desastre causou dezenas de milhares de mortes e ampla destruição, sendo amplamente noticiado pela imprensa internacional, que destacou tanto a tragédia humanitária quanto a mobilização de ajuda externa.

<sup>104</sup> As viagens do presidente Emílio Garrastazu Médici ao Nordeste brasileiro integravam uma estratégia de aproximação simbólica do regime militar com regiões historicamente marcadas por desigualdades sociais. A cobertura dessas visitas enfatizava obras, discursos e gestos públicos, buscando projetar a imagem de um governo presente e atento às demandas populares.

### **Enquadramento político:**

- Observa-se um possível alinhamento do jornal a perspectivas conservadoras e legalistas ao tratar Aramburu como ex-presidente, omitindo seu vínculo com a ditadura argentina. A matéria sobre a viagem de Médici ao Nordeste apresenta um viés populista, enfatizando sua presença física na região e a suposta preocupação com os efeitos da seca.
- A proximidade espacial entre matérias do governo e da Seleção Brasileira pode indicar uma tentativa de associação simbólica entre o regime e o sentimento de união nacional promovido pelo futebol. Além disso, a recorrência de imagens militares em contextos de auxílio e ordem contribui para uma representação positiva das Forças Armadas.

### **Uso de recursos visuais:**

- Fotografia da viúva de Aramburu, reforçando o tom emocional da matéria principal;
- Imagem de militares socorrendo vítimas do terremoto no Peru, associando o Exército à ideia de proteção e auxílio;
- Fotografia de Cido Monteiro<sup>105</sup> com camisa do Flamengo, aproximando samba e futebol como expressões da cultura popular;
- Imagem de Doroteu<sup>106</sup>, identificado nominalmente como criminoso, reforçando a personalização da violência;
- Distribuição visual que privilegia temas internacionais e o futebol em detrimento de questões internas do regime.

### **Considerações finais:**

A análise da capa sugere a permanência de uma estratégia editorial que privilegia acontecimentos externos e conteúdos emocionalmente mobilizadores, enquanto questões internas do regime militar brasileiro permanecem marginalizadas ou suavizadas. A Seleção Brasileira surge novamente como elemento de coesão simbólica, posicionada em meio a notícias de conflito e tragédia, reforçando a ideia de unidade nacional e esperança coletiva.

Nesse sentido, a capa parece contribuir para a construção de um cenário em que o Brasil é apresentado como um espaço de harmonia e expectativa positiva, contrastando com o

---

<sup>105</sup> Cido Monteiro foi um narrador esportivo brasileiro, conhecido por sua atuação no rádio e pela cobertura de eventos futebolísticos de grande repercussão. Sua voz tornou-se associada à transmissão de partidas da Seleção Brasileira, contribuindo para a construção da memória sonora do futebol nacional.

<sup>106</sup> Doroteu, identificado nominalmente como criminoso em reportagens policiais, exemplifica a personalização da violência na cobertura jornalística do período. A nomeação direta reforçava a construção de personagens individuais como símbolos do crime, deslocando o foco de análises estruturais para trajetórias pessoais.

caos internacional, o que pode ter colaborado para a legitimação simbólica do regime vigente por meio do futebol e do nacionalismo.

4.3.5.3 Capa 3 - 03/06/1970

Figura 4 – Capa do “O Globo” (03/06/1970)

<p><b>INGLATERRA 1 ROMÊNIA 0</b></p> <p>Jogando como sempre do mundo, a seleção inglesa comemora o título tanto no momento exato</p>	<p><b>PERU 3 BULGÁRIA 2</b></p> <p>Virada empolgante os comandados de Didi perfuram de 2x0 e triunfam como substitutos íntegros</p>	<p><b>URUGUAI 2 ISRAEL 0</b></p> <p>Na sua estreia num campeonato mundial, a seleção de Israel não resistiu à força de "Celeste"</p>
--	---	--

**A ESTRÉIA DO BRASIL  
EM GUADALAJARA, A ARRANCADA**

**O GLOBO**  
FUNDACÃO DE IRINEU MARINHO  
Diretor-Presidente: ROBERTO MARANHÃO | Diretor-Executivo: ROBERTO MARANHÃO  
Diretor-Administrativo: RICARDO BARROSO | Diretor-Administrativo: RICARDO BARROSO

COM UMA ÚNICA ALIBRAGÃO — EVERALDO NO LUGAR DE MARCO ANTONIO, O BRASIL ESTREIA CONFIANTE NA FAIXA

**O júbilo dos peruanos**

CELOS DA VITÓRIA INTERNACIONAL, A ESPERANÇA SUPRIM

**A pujança britânica**

HURST VENIU ADAMACHE, MARCANDO O TERÇO INGLÊS SUPR

**A vivacidade da "Celeste"**

MÚSICA MARCA O SÍMBOLO "TOTAL" DOS URUGUAIOS SUPR

**Último comunicado:**

**ARAMBURU EXECUTADO**

**Ongania: Pena de morte**

O Presidente Pedro Pablo Kuczynski anunciou a pena de morte para o general Juan José Aramburu, responsável pelo golpe de 1955 que pôs fim à República Peruviana. A decisão foi anunciada após o julgamento de Aramburu por crimes de guerra cometidos durante a ocupação japonesa do Peru em 1941-42.

**LIRA NA ACADEMIA**

O presidente da Academia Brasileira de Letras, José de Alencar, anunciou a inclusão da palavra "lira" no dicionário da língua portuguesa. A palavra refere-se ao instrumento musical e também ao símbolo da moeda italiana.

**OBTIDA SÍNTESE TOTAL DO GENE**

Os cientistas da Universidade de Cambridge anunciaram a obtenção da síntese total do gene. Este é um avanço significativo na genética e na compreensão da hereditariedade.

Fonte: Acervo Digital “O Globo”

**Apresentação do material analisado:**

A edição analisada apresenta uma mudança significativa em relação às capas anteriores ao dedicar mais da metade de seu espaço editorial à Copa do Mundo do México. A hipótese que orienta esta análise considera que o jornal intensifica o uso da Seleção Brasileira como elemento central de mobilização emocional e de coesão simbólica, em um momento em que o país vivia sob forte repressão política. A capa privilegia imagens, manchetes e narrativas ligadas ao futebol, ao mesmo tempo em que temas políticos sensíveis aparecem de forma reduzida e objetiva.

**Pré-análise:**

Uma leitura inicial da capa evidencia o protagonismo absoluto do mundial do México, tanto em termos visuais quanto textuais. Das seis fotografias presentes na primeira página, quatro são dedicadas diretamente à Copa, incluindo imagens de partidas já disputadas e da preparação da Seleção Brasileira. A manchete principal destaca a estreia do Brasil, utilizando um vocabulário que reforça a ansiedade coletiva dos torcedores e a centralidade do evento para a população.

Na parte superior, as notícias internacionais surgem com um tom mais positivo, destacando os resultados dos confrontos da Copa, com uso de boxes explicativos para cada partida. Em contraste, os temas políticos aparecem concentrados na parte inferior da capa, com manchetes curtas, diretas e com menor apelo visual, o que sugere uma hierarquização editorial favorável ao entretenimento esportivo.

**Unidades de registro:**

- Seis fotografias na capa, sendo quatro relacionadas à Copa do Mundo;
- Uma manchete principal dedicada à estreia da Seleção Brasileira;
- Boxes informativos com resultados e resumos dos jogos do Mundial;
- Manchetes curtas sobre política internacional e nacional;
- Presença de imagens institucionais envolvendo autoridades do governo.

**Unidade de contexto:**

- Realização da Copa do Mundo de 1970 no México;
- Consolidação da Ditadura Militar brasileira durante o governo Médici;
- Instabilidade política na Argentina, com repressão aos opositores;
- Expansão da televisão como meio de comunicação de massa no Brasil;
- Uso do futebol como elemento de identidade e mobilização nacional.

**Codificação:****Temas predominantes:**

- Futebol e Copa do Mundo;
- Política internacional, com foco na Argentina;
- Governo militar e presença institucional;
- Avanços científicos e tecnológicos;
- Comunicação de massa e televisão.

**Hierarquia editorial:**

- Parte superior e central: ampla cobertura da Copa do Mundo, com destaque para a estreia do Brasil;

- Lateral direita: imagens e títulos metafóricos<sup>107</sup> dos jogos disputados no dia anterior;
- Parte inferior: matérias políticas internacionais e nacionais, com menor destaque visual;
- Canto inferior direito: notícia científica apresentada de forma isolada e objetiva.

#### **Construção narrativa:**

- A narrativa da Copa do Mundo é construída com forte carga emocional, destacando sentimentos de ansiedade, expectativa e confiança coletiva. O uso recorrente da figura do torcedor brasileiro reforça a ideia de participação nacional no evento, enquanto expressões como “O Brasil todo vai parar” sugerem uma suspensão simbólica da vida cotidiana em função do futebol.
- A fotografia central da Seleção em aquecimento enfatiza disciplina, organização e preparo físico, valores que podem ser associados a ideais de ordem e eficiência. Em contraponto, as matérias políticas utilizam linguagem direta e econômica, como no título “Aramburu executado”, reduzindo a complexidade dos acontecimentos e evitando aprofundamentos críticos.

#### **Enquadramento político:**

O tratamento dado à execução de Pedro Eugênio Aramburu revela um tom de piedade em relação ao ex-ditador argentino, com destaque às falas oficiais que classificam o ato cometido pela resistência argentina como “sentença desumana”. A decisão do governo argentino de instituir a pena de morte a opositores é apresentada como medida necessária diante de uma suposta ameaça de guerra civil, o que pode indicar uma naturalização da repressão política.

No âmbito nacional, a presença do presidente Médici na cerimônia da Academia Brasileira de Letras reforça a imagem do governo inserido em espaços simbólicos da sociedade civil, como a educação e a cultura. A proximidade visual e editorial entre o governo e eventos de prestígio social parece contribuir para a legitimação do regime.

#### **Uso de recursos visuais:**

- Fotografia central da Seleção Brasileira em treinamento, enfatizando disciplina, foco e preparação;

---

<sup>107</sup> As expressões citadas correspondem a títulos utilizados para ilustrar jogos disputados por outras seleções no dia anterior. Esses títulos recorrem a metáforas e adjetivações para caracterizar o desempenho das equipes, funcionando como recurso estilístico comum na cobertura esportiva, com o objetivo de tornar a leitura mais atrativa e expressiva.

- Imagens dos jogos do Mundial com títulos metafóricos que destacam força e vigor das seleções;
- Fotografia de Aramburu em trajes formais, humanizando o vitimado;
- Registro fotográfico de Médici cumprimentando Lira Tavares<sup>108</sup>, aproximando o governo de instituições culturais;
- Distribuição visual que equipara, em dimensão, imagens do futebol e do poder político.

### **Considerações finais:**

A capa de 03 de junho de 1970 sugere uma intensificação do uso da Copa do Mundo como elemento central da narrativa jornalística, relegando temas políticos sensíveis a espaços secundários e de menor elaboração. O futebol assume papel de espetáculo totalizante, capaz de mobilizar emocionalmente a população e de reforçar sentimentos de unidade nacional.

Nesse contexto, a Seleção Brasileira parece funcionar como um instrumento simbólico de coesão social, enquanto a repressão política, tanto no Brasil quanto na Argentina, é tratada de forma acrítica e não questionadora. Tal configuração editorial pode ter contribuído para a construção de um ambiente de normalidade e orgulho nacional em meio a um período de forte autoritarismo.

#### *4.3.5.4 Capa 4 - 04/06/1970*

Figura 5 – Capa do “O Globo” (04/06/1970)

---

<sup>108</sup> Aurélio de Lyra Tavares foi um militar brasileiro que integrou a Junta Militar de 1969 e posteriormente ocupou cargos de destaque no governo. O registro fotográfico de Médici cumprimentando Lira Tavares contribui para aproximar simbolicamente o regime militar de instituições culturais e civis, reforçando a imagem de normalidade institucional.

# Brasil estreia goleando: 4 x 1

Com um elenco de 46 jogadores, o Brasil estreia com uma vitória decisiva e goleada na Copa do Mundo. O primeiro gol foi marcado por Pelé, aos 12 minutos de jogo. O segundo, aos 25 minutos, foi marcado por Jairzinho. O terceiro, aos 35 minutos, foi marcado por Rivelino. O quarto, aos 45 minutos, foi marcado por Pelé. O jogo terminou com o placar de 4 a 1.



## FÚRIA E TÉCNICA ESMAGAM TCHECOS



JAIRZINHO, AQUI, ENCORRE O GOLLEIRO TCHECO, ADRIANA, O TERCEIRO TENTO DO BRASIL.



IRREMEDIABILMENTE BATIDO, VIKTORI VE FELE MARCAR O SEGUNDO TENTO DA SELECÇÃO BRASILEIRA (APF)

### UMA VILA ESPERA A CHUVA OU A MORTE

Na Vila de São Paulo, os habitantes aguardam a chegada da chuva ou a morte. A situação é crítica devido à falta de infraestrutura e saneamento básico.



### Carnaval no Rio festeja vitória

O Carnaval carioca festeja a vitória do Brasil na Copa do Mundo. As ruas são tomadas por milhares de pessoas que celebram o sucesso da seleção.

**O GLOBO**  
FUNDACÃO DE IRINEU MARINHO

Redação: Rua do Ouvidor, 15 - Rio de Janeiro - RJ  
Telefones: 251 1111 - 251 1112 - 251 1113 - 251 1114 - 251 1115 - 251 1116 - 251 1117 - 251 1118 - 251 1119 - 251 1120 - 251 1121 - 251 1122 - 251 1123 - 251 1124 - 251 1125 - 251 1126 - 251 1127 - 251 1128 - 251 1129 - 251 1130 - 251 1131 - 251 1132 - 251 1133 - 251 1134 - 251 1135 - 251 1136 - 251 1137 - 251 1138 - 251 1139 - 251 1140 - 251 1141 - 251 1142 - 251 1143 - 251 1144 - 251 1145 - 251 1146 - 251 1147 - 251 1148 - 251 1149 - 251 1150 - 251 1151 - 251 1152 - 251 1153 - 251 1154 - 251 1155 - 251 1156 - 251 1157 - 251 1158 - 251 1159 - 251 1160 - 251 1161 - 251 1162 - 251 1163 - 251 1164 - 251 1165 - 251 1166 - 251 1167 - 251 1168 - 251 1169 - 251 1170 - 251 1171 - 251 1172 - 251 1173 - 251 1174 - 251 1175 - 251 1176 - 251 1177 - 251 1178 - 251 1179 - 251 1180 - 251 1181 - 251 1182 - 251 1183 - 251 1184 - 251 1185 - 251 1186 - 251 1187 - 251 1188 - 251 1189 - 251 1190 - 251 1191 - 251 1192 - 251 1193 - 251 1194 - 251 1195 - 251 1196 - 251 1197 - 251 1198 - 251 1199 - 251 1200

**O IRMÃO DE RIVELINO**

### Peru vive novo drama:

Os peruanos vivem um novo drama devido à situação política e econômica do país.

### Lagos despejam-se sobre as cidades

Os lagos despejam águas poluídas sobre as cidades, causando danos ambientais e à saúde pública.

### Passa dos limites

A situação econômica do Brasil está passando dos limites, com preocupações sobre o futuro do país.

**PERU VIVE NOVO DRAMA:** O Peru vive um novo drama devido à situação política e econômica do país. O governo enfrenta críticas por sua falta de eficiência e corrupção.

**LAGOS DEPEJAM-SE SOBRE AS CIDADES:** Os lagos despejam águas poluídas sobre as cidades, causando danos ambientais e à saúde pública. As autoridades devem tomar medidas urgentes para resolver o problema.

**PASSA DOS LIMITES:** A situação econômica do Brasil está passando dos limites, com preocupações sobre o futuro do país. O governo precisa implementar reformas para evitar uma crise econômica.

**O IRMÃO DE RIVELINO:** Rivelino, o jogador brasileiro que marcou o primeiro gol da seleção, é o irmão de um jogador tcheco. A história de amizade e rivalidade entre os dois jogadores é muito interessante.

Fonte: Acervo Digital "O Globo"

### Apresentação do material analisado:

A edição analisada dedica ampla maioria de seu espaço editorial à vitória da Seleção Brasileira em sua estreia na Copa do Mundo do México. Parte-se da hipótese de que o jornal intensifica, de forma ainda mais evidente, a associação entre o sucesso esportivo e a construção de um sentimento coletivo de orgulho nacional. A capa privilegia imagens, manchetes e narrativas ligadas ao triunfo brasileiro, enquanto outros temas surgem de maneira residual, ainda que carregados de forte dramaticidade.

### Pré-análise:

A leitura inicial da capa revela um domínio quase absoluto da temática esportiva. Das sete fotografias presentes, seis estão diretamente relacionadas à vitória da Seleção Brasileira, todas acompanhadas de legendas. Das sete manchetes distribuídas pela página, quatro tratam especificamente do triunfo contra a Tchecoslováquia. A parte superior e central da capa concentra os principais destaques da vitória brasileira, reforçando visualmente sua centralidade editorial.

No topo da página, o placar expressivo da estreia ganha protagonismo absoluto, seguido por um resumo detalhado da partida que valoriza a atuação coletiva da equipe. Nesse

contexto, o futebol é apresentado como espetáculo técnico e emocional, enquanto outros assuntos, mesmo relevantes, são deslocados para as margens da capa.

**Unidades de registro:**

- Sete fotografias, sendo seis relacionadas à vitória da Seleção Brasileira;
- Sete manchetes distribuídas pela capa;
- Quatro manchetes dedicadas diretamente ao triunfo brasileiro;
- Uso recorrente de legendas explicativas e descritivas;
- Presença de box editorial e matérias de cunho social e internacional.

**Unidade de contexto:**

- Copa do Mundo de 1970 no México;
- Governo Médici e consolidação do discurso nacionalista;
- Forte controle da informação e vigência da censura;
- Desigualdades sociais persistentes, como a seca no Nordeste;
- Tragédias internacionais, como o terremoto no Peru.

**Codificação:**

**Temas predominantes:**

- Futebol e vitória da Seleção Brasileira;
- Nacionalismo e celebração popular;
- Governo militar e discurso oficial;
- Questões sociais internas, como a seca no Nordeste;
- Tragédias internacionais e censura.

**Hierarquia editorial:**

- Parte superior e central: manchetes e imagens relacionadas à vitória do Brasil;
- Região central: fotografias dos gols e destaque para jogadores-chave;
- Faixa inferior: matérias sociais, internacionais e box editorial sobre censura;
- Canto inferior direito: box de opinião com crítica ao Decreto-Lei nº 1.077/1970.

**Construção narrativa:**

- A narrativa esportiva é construída de maneira eufórica, destacando não apenas o resultado, mas valores simbólicos atribuídos à Seleção, como técnica, força e coletividade. Expressões como “futebol-arte” reforçam uma identidade nacional associada à excelência esportiva. O destaque dado a jogadores como Pelé, Rivelino, Jairzinho e Gerson contribui para a construção de heróis nacionais.
- A presença do presidente Médici no texto, apresentado como representante do sentimento de “90 milhões de brasileiros”, sugere uma tentativa de aproximação

simbólica entre o governo e a vitória esportiva. Apesar do tom celebratório, nota-se uma cobrança implícita pela manutenção do desempenho, o que confere à narrativa um caráter de expectativa contínua.

- Em contraste, matérias como a da seca no Nordeste e a situação no Peru introduzem um tom dramático e denunciatório, criando uma dissonância com o clima festivo predominante na capa.

#### **Enquadramento político:**

O enquadramento da vitória brasileira reforça a ideia de unidade nacional e orgulho coletivo, frequentemente associados ao discurso oficial do regime. A menção direta ao presidente Médici em meio à cobertura esportiva pode ser interpretada como uma tentativa de legitimação simbólica do governo por meio do futebol.

Por outro lado, a presença de um box editorial com críticas ao decreto de censura representa um elemento dissonante. O destaque dado ao tema, mesmo meses após a promulgação do decreto, sugere que o jornal escolhe um momento de euforia nacional para abordar a questão, quando a repressão poderia ser percebida como mais naturalizada ou temporária, enquadrada como um “estado de sítio”.

#### **Uso de recursos visuais:**

- Fotografias dos gols brasileiros, destacando momentos decisivos da partida;
- Retratos dos autores dos gols, com foco nos rostos e expressões;
- Imagem com orientação vertical de um gol de Jairzinho, dialogando diretamente com a manchete principal;
- Fotografia da comemoração popular no Rio de Janeiro, associando futebol e festa coletiva;
- Imagem da população nordestina em ato de fé, complementando o clima festivo da capa;
- Box editorial em destaque visual incomum para o contexto de censura.

#### **Considerações finais:**

A capa de 04 de junho de 1970 evidencia uma intensificação do uso do futebol como eixo central da narrativa jornalística, ocupando a maior parte do espaço simbólico e visual da página. A vitória da Seleção Brasileira é apresentada não apenas como um feito esportivo, mas como um acontecimento capaz de mobilizar emoções, reforçar identidades e produzir uma sensação de unidade nacional.

Nesse cenário, temas sociais, políticos e internacionais surgem como contrapontos dramáticos, porém secundários. A associação entre a vitória esportiva, o discurso oficial e a

celebração popular sugere que o futebol atuou como um poderoso instrumento simbólico em um contexto de repressão e censura, contribuindo para a construção de um imaginário coletivo de orgulho e coesão em meio às tensões do período.

4.3.5.5 Capa 5 - 06/06/1970

Figura 6 – Capa do “O Globo” (06/06/1970)



Fonte: Acervo Digital “O Globo”

**Apresentação do material analisado:**

A edição analisada apresenta uma diminuição relativa do protagonismo da Copa do Mundo em comparação às capas anteriores, embora o futebol ainda ocupe posição de destaque simbólico. A hipótese desta análise considera que, mesmo com menor volume visual dedicado à Seleção Brasileira, o jornal segue utilizando o Mundial como espaço de construção discursiva associada à disciplina, seriedade e controle emocional, valores recorrentes no contexto do regime militar.

**Pré-análise:**

A leitura inicial da capa revela um equilíbrio maior entre temas esportivos, políticos e factuais. Das sete imagens presentes, apenas duas possuem ligação direta com a Copa do Mundo, ambas localizadas na parte superior da página. Ainda assim, as principais manchetes esportivas concentram-se no topo da capa, destacando o confronto entre Brasil e Inglaterra e reforçando a importância simbólica da partida.

Observa-se que, ao lado da expectativa esportiva, a capa volta a dar espaço significativo a notícias internacionais e nacionais de caráter trágico ou dramático, como a repercussão da morte de Aramburu, um acidente fatal em São Paulo e conflitos urbanos no Rio de Janeiro. O futebol, nesse contexto, parece dividir espaço com narrativas de tensão e instabilidade.

**Unidades de registro:**

- Sete imagens distribuídas pela capa;
- Três fotografias acompanhadas de legenda;
- Duas imagens diretamente relacionadas à Copa do Mundo;
- Manchetes esportivas concentradas na parte superior;
- Presença de matérias internacionais, factuais urbanos e políticas nacionais.

**Unidade de contexto:**

- Copa do Mundo de 1970 no México;
- Governo Médici e consolidação do discurso de ordem e disciplina;
- Repercussões políticas na Argentina após a morte de Aramburu;
- Persistência de problemas sociais como a seca no Nordeste;
- Crescimento urbano e acidentes em grandes centros brasileiros..

**Codificação:****Temas predominantes:**

- Futebol e Copa do Mundo;
- Política internacional, com foco na Argentina;
- Segurança pública e acidentes urbanos;
- Obras públicas e urbanização;
- Governo federal e ações frente à seca.

**Hierarquia editorial:**

- Parte superior: manchetes e imagens relacionadas ao confronto Brasil x Inglaterra;
- Região central: manchete principal sobre a postura da Seleção Brasileira;
- Faixa central esquerda: repercussão da morte de Aramburu;

- Parte central inferior direita: acidente trágico em São Paulo;
- Parte inferior: box sobre obras no Leme e matéria sobre visita de Médici ao Recife.

#### **Construção narrativa:**

- A narrativa esportiva é construída com ênfase na cautela e na maturidade da Seleção Brasileira. Expressões como “vacinado contra os riscos do já ganhou” reforçam a ideia de humildade, disciplina e controle emocional, atributos que contrastam com o clima festivo observado em capas anteriores. As imagens descontraídas dos jogadores são acompanhadas por legendas que neutralizam qualquer interpretação de excesso de otimismo, reforçando a seriedade da equipe.
- Em paralelo, as matérias não esportivas assumem tom marcadamente dramático. A situação argentina é descrita como “sombria”, mantendo viva a repercussão da morte de Aramburu por meio de uma narrativa de mistério e insegurança. Acidentes urbanos e transtornos causados por obras públicas são tratados de forma objetiva, ainda que visualmente impactante.

#### **Enquadramento político:**

O enquadramento da Seleção Brasileira parece dialogar com valores caros ao regime militar, como disciplina, prudência e hierarquia, projetados simbolicamente sobre o futebol. A insistência em alertar contra o “já ganhou” sugere uma valorização do controle e da obediência à liderança técnica.

A presença de Médici na capa, em matéria curta sobre reunião extraordinária no Recife para tratar da seca, reforça novamente a imagem do presidente como gestor atento às dificuldades nacionais. A fotografia, ainda que sem legenda, constrói um retrato de proximidade e serenidade, sugerindo popularidade e autoridade equilibrada.

#### **Uso de recursos visuais:**

- Fotografias descontraídas das seleções brasileira e inglesa, acompanhadas de legendas explicativas;
- Imagem associada à repercussão do caso Aramburu, reforçando o clima de mistério e tensão;
- Fotografias do acidente em São Paulo, com forte impacto visual;
- Imagem aérea das obras no Leme, sem legenda, destacando a dimensão urbana do problema;
- Fotografia de Médici acompanhado por militares, sugerindo liderança e proximidade com a população.

#### **Considerações finais:**

A capa de 06 de junho de 1970 sugere um reposicionamento editorial em relação à Copa do Mundo, que deixa de ocupar quase integralmente o espaço da página, mas mantém seu papel simbólico central. O futebol passa a ser enquadrado menos como festa e mais como exercício de disciplina, responsabilidade e preparo, valores que dialogam com o discurso oficial do período.

Ao mesmo tempo, a presença constante de matérias trágicas, políticas e factuais cria um ambiente de tensão que contrasta com a expectativa esportiva. Nesse cenário, a Seleção Brasileira continua a funcionar como elemento de estabilidade simbólica, enquanto o governo aparece associado à ordem, à gestão e à tentativa de resposta aos problemas nacionais, reforçando a construção de legitimidade em meio a um contexto autoritário.

#### 4.3.5.6 Capa 6 - 08/06/1970

Figura 7 – Capa do “O Globo” (08/06/1970)



Fonte: Acervo Digital “O Globo”

Apresentação do material analisado:

A edição analisada dedica integralmente sua capa à vitória da Seleção Brasileira sobre a Inglaterra na Copa do Mundo de 1970. Parte-se da hipótese de que o jornal utiliza o triunfo esportivo como eixo totalizante da narrativa, promovendo uma exaltação nacionalista intensa e simbólica. Diferentemente de capas anteriores, não há espaço para outros temas que não estejam diretamente vinculados ao futebol, o que sugere uma suspensão momentânea de conflitos e tensões externas em favor de uma celebração coletiva.

#### **Pré-análise:**

A leitura inicial da capa revela uma homogeneidade temática absoluta. As cinco fotografias presentes estão diretamente relacionadas à vitória brasileira, assim como as nove manchetes distribuídas pela página. O futebol ocupa todos os espaços editoriais e visuais, transformando a capa em um verdadeiro painel comemorativo.

No topo da página, a exaltação individual de Jairzinho como “estrela da Copa” se soma a manchetes curtas e objetivas que reforçam a eliminação dos ingleses e a classificação do Brasil. O conjunto sugere não apenas a vitória, mas a superação simbólica dos campeões mundiais de 1966, conferindo ainda maior valor ao resultado alcançado.

#### **Unidades de registro:**

- Cinco fotografias, todas relacionadas à vitória brasileira;
- Três fotografias acompanhadas de legenda;
- Nove manchetes, todas sobre o triunfo do Brasil;
- Uso de metáforas e linguagem emotiva nas manchetes;
- Presença de textos opinativos e crônicas esportivas.

#### **Unidade de contexto:**

- Copa do Mundo de 1970 no México;
- Consolidação do governo Médici e do discurso nacionalista;
- Futebol como principal elemento de mobilização popular;
- Uso recorrente do esporte como símbolo de identidade nacional;
- Ampliação da cobertura emocional e simbólica do Mundial.

#### **Codificação:**

##### **Temas predominantes:**

- Vitória da Seleção Brasileira;
- Nacionalismo e orgulho coletivo;
- Heroificação de jogadores;
- Emoção e dramatização esportiva;

- Aproximação simbólica entre governo e futebol.

#### **Hierarquia editorial:**

- Topo da capa: manchetes curtas exaltando Jairzinho, a queda dos campeões e a classificação do Brasil;
- Parte superior central: grande manchete metafórica enaltecendo a superioridade brasileira;
- Região central esquerda: destaque para a ausência de Gérson<sup>109</sup>;
- Região central direita e inferior: crônicas esportivas e imagens simbólicas da vitória;
- Parte inferior esquerda: matéria sobre o presidente Médici e sua família;
- Parte inferior central: fotografia da comemoração popular nas ruas.

#### **Construção narrativa:**

- A narrativa construída pela capa é marcadamente triunfalista. A vitória é apresentada como um feito histórico, capaz de humilhar simbolicamente o adversário, como expresso na manchete que descreve Bobby Moore enxugando lágrimas na camisa de Pelé. O uso de metáforas, ironia e exagero reforça a superioridade moral e técnica do Brasil.
- A ausência de Gérson é resignificada como prova de união e comprometimento coletivo, ao destacar seu sofrimento fora de campo. As falas atribuídas ao jogador ajudam a construir uma imagem de seleção emocionalmente envolvida e solidária. As crônicas esportivas intensificam o tom épico, utilizando linguagem poética, histórica e dramática para ampliar o impacto simbólico da vitória.

#### **Enquadramento político:**

O enquadramento da vitória extrapola o campo esportivo ao inserir o presidente Médici e sua família na narrativa. A descrição detalhada da forma como o presidente assistiu à partida, em ambiente de silêncio e disciplina, sugere uma associação entre os valores do regime e o sucesso da Seleção.

A presença de figuras do governo ligadas ao futebol reforça a ideia de integração entre esporte e poder político. A vitória é apresentada como um momento de unidade nacional, onde governo, seleção e povo parecem compartilhar o mesmo sentimento de orgulho e ordem.

#### **Uso de recursos visuais:**

- Fotografias de Jairzinho em destaque, reforçando sua condição de herói da partida;

---

<sup>109</sup> A ausência do jogador Gérson em determinado momento é resignificada pela narrativa jornalística como prova de união e comprometimento coletivo da Seleção Brasileira. O destaque ao sofrimento do atleta fora de campo transforma a ausência em elemento de coesão emocional do grupo.

- Imagens de Bobby Moore com a camisa de Pelé, simbolizando reconhecimento e superioridade;
- Fotografia central da comemoração dos jogadores, enfatizando união e emoção;
- Registro da comemoração popular nas ruas do Rio de Janeiro, associando futebol e festa coletiva;
- Distribuição visual que privilegia expressões faciais, emoção e símbolos nacionais.

**Considerações finais:**

A capa de 08 de junho de 1970 sugere o auge da exploração simbólica da Copa do Mundo como instrumento de mobilização emocional e de construção de identidade nacional. Ao dedicar todos os seus espaços ao triunfo da Seleção Brasileira, o jornal parece suspender qualquer outra narrativa que não esteja alinhada ao clima de euforia coletiva.

Nesse contexto, a vitória esportiva assume contornos políticos e simbólicos, reforçando valores como disciplina, união e superioridade nacional. A associação entre jogadores, governo e povo contribui para a construção de um imaginário de coesão e orgulho, que pode ter servido como elemento legitimador do regime militar em um período marcado pela repressão e pela censura.

*4.3.5.7 Capa 7 - 09/06/1970*

Figura 8 – Capa do “O Globo” (09/06/1970)



Visualmente, a parte superior da capa é dominada pela sucessão de manchetes, textos e imagens sobre a deposição de Onganía <sup>110</sup>e a ascensão de Alejandro Agustín Lanusse, reforçando um clima de tensão, ruptura e transição de poder. A Seleção Brasileira aparece de forma secundária, localizada na faixa inferior, com abordagem contida e discursivamente controlada.

**Unidades de registro:**

- Cinco fotografias, todas acompanhadas de legenda;
- Sete manchetes distribuídas pela capa;
- Duas fotografias relacionadas à Seleção Brasileira;
- Predomínio de imagens e textos sobre política internacional;
- Presença de box editorial e box institucional sobre o próprio jornal.

**Unidade de contexto:**

- Copa do Mundo de 1970 no México;
- Crise política e deposição de Onganía na Argentina;
- Repercussões do assassinato de Aramburu;
- Consolidação do regime militar brasileiro sob Médici;
- Vigência da censura e debate institucional sobre seus limites.

**Codificação:**

**Temas predominantes:**

- Política internacional e instabilidade na Argentina;
- Reconfiguração do poder militar;
- Futebol e Seleção Brasileira em segundo plano;
- Censura e liberdade de imprensa;
- Força e alcance da mídia impressa.

**Hierarquia editorial:**

- Topo da capa: manchetes curtas e diretas sobre a sucessão política argentina;
- Parte superior central: grande manchete descritiva sobre a queda de Onganía;
- Faixa central: matérias internacionais de caráter dramático;
- Parte inferior central e direita: cobertura da Seleção Brasileira;
- Canto inferior esquerdo: box editorial sobre censura.

---

<sup>110</sup> A deposição do general Juan Carlos Onganía, na Argentina, ocorreu em 1970, em meio a crises políticas e sociais. Sua substituição por Alejandro Agustín Lanusse marcou uma tentativa de reorganização do regime militar argentino, mantendo, contudo, a tutela das Forças Armadas sobre o processo político.

### **Construção narrativa:**

- A narrativa política é construída com tom de tensão e seriedade, especialmente com relação aos problemas políticos enfrentados pela Argentina, com destaque para a figura de Lanusse como “o homem forte” e retratando Onganía com expressões de incerteza. O uso de imagens de militares no entorno do Palácio do Governo reforça visualmente a centralidade das Forças Armadas no processo de transição.
- A cobertura esportiva, por sua vez, adota uma linguagem moderada e disciplinada. A manchete “Humildade é a palavra de ordem”, atribuída a Zagallo, reforça uma narrativa de controle emocional e respeito aos adversários. As imagens de Rivellino lesionado e de Jairzinho sorridente equilibram esforço, sacrifício e confiança, sem recorrer ao tom eufórico observado em edições anteriores.

### **Enquadramento político:**

O enquadramento da crise argentina parece naturalizar a intervenção militar como solução para o impasse político, ao apresentar a deposição de Onganía como resultado de disputas internas das Forças Armadas. A recorrente menção ao caso Aramburu reforça a ideia de instabilidade e ameaça permanente, legitimando medidas de força.

No plano nacional, o box editorial sobre censura adota um discurso crítico moderado. Ao questionar a censura prévia, o jornal parece buscar uma posição de equilíbrio, sugerindo que a revogação do decreto não representaria uma derrota do regime, mas uma correção necessária para o fortalecimento da própria Revolução Militar. Tal enquadramento sugere uma crítica institucional sem ruptura com o poder vigente.

### **Uso de recursos visuais:**

- Fotografias em plano fechado de Lanusse e Onganía, enfatizando tensão e contraste entre força e fragilidade;
- Imagem de militares no Palácio do Governo, simbolizando o poder armado;
- Fotografia de mãe e criança em caso de sequestro aéreo<sup>111</sup>, gerando empatia e dramaticidade;
- Imagem de Rivellino lesionado, reforçando esforço e sacrifício;
- Fotografia de Jairzinho sorridente, equilibrando a narrativa esportiva com leveza e confiança.

### **Considerações finais:**

---

<sup>111</sup> O registro fotográfico de uma mãe com uma criança durante um sequestro aéreo envolvendo jovens tchecos reforça a construção de empatia e dramaticidade na narrativa jornalística. A imagem humaniza o episódio e amplia seu impacto emocional junto ao público leitor.

A capa de 09 de junho de 1970 sugere um deslocamento estratégico do foco editorial, priorizando a instabilidade política argentina e reduzindo a centralidade do futebol. Ainda assim, a Seleção Brasileira permanece presente como símbolo de disciplina, humildade e organização, valores que dialogam com o discurso institucional do regime militar brasileiro.

A crítica à censura, apresentada de forma cautelosa e conciliadora, indica os limites da atuação jornalística no período, onde o questionamento ao poder ocorre sem romper com sua legitimidade. Dessa forma, a capa parece reforçar a ideia de normalização do autoritarismo, tanto no Brasil quanto nos países vizinhos, ao mesmo tempo em que utiliza o futebol como elemento estabilizador do imaginário coletivo.

4.3.5.8 Capa 8 - 10/06/1970

Figura 9 – Capa do “O Globo” (10/06/1970)

**ZAGALO**  
**Vencer, se possível com muitos "goals"**

**BRASIL**  
 — Nessa última vez jogou em terras estrangeiras, para não perder a tradição brasileira e o espírito da Copa. Zagalo quer ser o primeiro brasileiro a vencer com muitos gols.

**ROMÊNIA**  
 — Não vamos pedir o indulto, mas a greve que faremos em 1970 será contra a Brasi. Mas não será greve de jogadores de futebol, porque eles não são jogadores.

**JUNTA ARGENTINA REITERA COMPROMISSO DEMOCRÁTICO**  
**Os erros de Onganía**

**15 PRISÕES NO SINDICATO DO CRIME**

**Guanabara reprime uso de bombas**

Fonte: Acervo Digital “O Globo”

Apresentação do material analisado:

A capa de 10 de junho de 1970 apresenta uma divisão temática relativamente equilibrada entre futebol, política internacional e segurança pública. Parte-se da hipótese de que o jornal articula a expectativa em torno da Seleção Brasileira com discursos de ordem, disciplina e controle, ao mesmo tempo em que mantém a política argentina como tema recorrente e central no noticiário internacional..

**Pré-análise:**

A observação inicial da capa revela que a faixa superior é inteiramente dedicada à Seleção Brasileira, criando uma atmosfera de preparação, seriedade e concentração pré-jogo. Das cinco fotografias presentes, três estão diretamente ligadas à equipe brasileira no México. Apesar disso, apenas uma das cinco manchetes faz referência direta ao futebol, indicando que, embora visualmente dominante no topo da página, o tema esportivo convive com outros eixos editoriais relevantes.

Na parte central e inferior, o foco se desloca para a política argentina e para ações de segurança interna, com textos e imagens que reforçam a atuação do Estado e das forças de repressão.

**Unidades de registro:**

- Cinco fotografias, todas com legenda;
- Cinco manchetes distribuídas pela capa;
- Três imagens relacionadas à Seleção Brasileira;
- Um box editorial de grande dimensão;
- Matérias sobre política internacional e segurança pública.

**Unidade de contexto:**

- Copa do Mundo de 1970 no México;
- Preparação do Brasil para o confronto contra a Romênia;
- Continuidade da crise política argentina após a queda de Onganía;
- Consolidação do regime militar brasileiro;
- Discurso de ordem, segurança e disciplina no espaço público.

**Codificação:**

**Temas predominantes:**

- Preparação e seriedade da Seleção Brasileira;
- Política argentina e promessa de democratização;
- Segurança pública e repressão a práticas consideradas perigosas;
- Atuação das forças policiais;
- Debate sobre autoritarismo e abertura política.

**Hierarquia editorial:**

- Parte superior da capa: cobertura exclusiva da Seleção Brasileira;
- Centro da página: grande manchete sobre a junta argentina;
- Parte inferior central: matérias sobre segurança e repressão;
- Lado direito, do centro ao inferior: box editorial analítico.

**Construção narrativa:**

- A narrativa esportiva é construída a partir de um discurso de seriedade e respeito aos adversários. A fala de Zagallo, destacada na manchete, enfatiza o objetivo da vitória sem abdicar de uma postura disciplinada. As imagens do treinamento e os retratos em plano fechado dos treinadores reforçam a ideia de concentração e responsabilidade.
- A presença da fala do técnico romeno contribui para legitimar o confronto, apresentando o adversário como digno e comprometido com o espetáculo esportivo. Esse enquadramento parece evitar a arrogância, reforçando uma imagem de equilíbrio e controle emocional da Seleção Brasileira.
- Na sequência, a narrativa política sobre a Argentina adota tom institucional e formal. A manchete extensa e a imagem da junta militar reunida constroem uma aparência de normalidade e compromisso com a democracia, ainda que mediada pelo poder militar. O texto sugere uma transição controlada, conduzida pelas próprias Forças Armadas.

**Enquadramento político:**

O enquadramento da política argentina parece buscar uma conciliação entre autoridade militar e promessa democrática, apresentando a junta como fiadora de um futuro republicano. Tal abordagem pode ser interpretada como um espelho discursivo que dialoga com o contexto brasileiro, no qual a abertura política ainda era restrita.

No plano interno, as matérias sobre bombas artesanais e prisões no chamado Sindicato do Crime<sup>112</sup> reforçam a narrativa de ordem, vigilância e repressão. A ênfase na atuação da polícia federal e da Secretaria de Segurança sugere a legitimação do uso da força estatal como instrumento de proteção social.

**Uso de recursos visuais:**

- Fotografia ampla do treino da Seleção Brasileira, ocupando espaço privilegiado;
- Retratos em plano fechado de Zagallo e do técnico romeno, reforçando autoridade e seriedade;

---

<sup>112</sup> O chamado Sindicato do Crime refere-se a uma organização criminoso atuante no Nordeste brasileiro, denunciada em reportagens que abordavam mortes por encomenda e pistolagem. A prisão de diversos envolvidos, incluindo figuras políticas locais, foi apresentada como resultado da ação da Polícia Federal, reforçando a narrativa de combate ao crime organizado.

- Imagem institucional da junta argentina durante pronunciamento oficial;
- Fotografia de materiais apreendidos sendo descartados no mar, simbolizando controle e punição;
- Ausência de imagens de conflito direto, priorizando cenas de ordem e organização.

**Considerações finais:**

A capa de 10 de junho de 1970 sugere uma articulação simbólica entre futebol, política e segurança. A Seleção Brasileira é apresentada como organizada, respeitosa e focada, atributos que dialogam com valores defendidos pelo regime militar. Ao mesmo tempo, a cobertura da Argentina reforça a ideia de que regimes militares podem conduzir processos de transição democrática, desde que mantenham o controle institucional.

As matérias sobre repressão e prisões complementam esse discurso ao reforçar a noção de disciplina social e atuação firme do Estado. Assim, a capa parece contribuir para a naturalização da autoridade militar, enquanto o futebol funciona como elemento de coesão simbólica e estabilidade no imaginário coletivo.

*4.3.5.9 Capa 9 - 11/06/1970*

Figura 10 – Capa do “O Globo” (11/06/1970)



**Unidades de registro:**

- Cinco fotografias, sendo três legendadas;
- Sete manchetes distribuídas pela página;
- Três imagens relacionadas à Copa do Mundo;
- Textos informativos, editoriais e notas de curiosidade;
- Forte presença de temas internacionais.

**Unidade de contexto:**

- Copa do Mundo de 1970 no México;
- Classificação antecipada do Brasil e preparação para as quartas de final;
- Conflitos armados no Oriente Médio;
- Atuação de esquadrões da morte no Brasil;
- Instabilidade política e sucessão militar na Argentina.

**Codificação:****Temas predominantes:**

- Vitória e desempenho da Seleção Brasileira;
- Projeção do próximo confronto no Mundial;
- Violência política e conflitos internacionais;
- Violência urbana e repressão;
- Crise política argentina e controle militar do poder.

**Hierarquia editorial:**

- Parte superior: cobertura da Seleção Brasileira e da Copa do Mundo;
- Centro da página: conflito internacional na Jordânia;
- Faixa central direita: imagem institucional de autoridade política local;
- Parte inferior esquerda: violência e morte no Brasil;
- Parte inferior direita: crise política e sucessão na Argentina.

**Construção narrativa:**

- A narrativa esportiva enfatiza uma vitória construída com esforço, conforme sugere a manchete “Vitória suada”. O título projeta a imagem de uma seleção combativa, resiliente e comprometida, mesmo em uma partida disputada após a classificação já garantida. As duas fotografias sequenciais do gol de Pelé reforçam visualmente o protagonismo do craque e transformam o lance decisivo em um acontecimento épico.
- O texto-resumo do jogo adota tom mais contido do que em edições anteriores, reconhecendo momentos de superioridade técnica do Brasil, mas deslocando o foco

para o confronto seguinte contra o Peru. Tal escolha sugere uma narrativa de continuidade, em que a vitória presente serve como preparação para desafios futuros.

### **Enquadramento político:**

O enquadramento dos temas não esportivos apresenta forte carga dramática. A manchete central sobre a morte de um diplomata americano na Jordânia <sup>113</sup>associa o noticiário internacional à instabilidade e à violência, ampliada pelos números elevados de mortos no conflito. A política argentina reaparece em dois momentos distintos da capa, ambos marcados por incerteza e sofrimento.

As matérias sobre Aramburu reforçam a dramaticidade por meio do apelo emocional à família e à religiosidade, enquanto o texto sobre a sucessão presidencial explicita que o poder seguirá sob controle militar, ainda que revestido de um processo formal de escolha. Tal abordagem pode ser interpretada como uma naturalização da tutela militar sobre a política.

### **Uso de recursos visuais:**

- Duas fotografias sequenciais e horizontais do gol de Pelé, com forte impacto visual;
- Imagem do governador Negrão de Lima<sup>114</sup> sorridente, associando autoridade política a lazer e modernidade;
- Fotografia da família de Aramburu, explorando a emoção e a dor;
- Uso de imagens para reforçar dramaticidade, curiosidade e identificação emocional;
- Distribuição visual que conduz o olhar do futebol à tragédia.

### **Considerações finais:**

A capa de 11 de junho de 1970 sugere uma articulação entre triunfo esportivo, tensão política e violência. A Seleção Brasileira é apresentada como eficiente, combativa e focada no objetivo maior, funcionando como elemento de coesão simbólica em meio a um cenário noticioso marcado por conflitos e mortes.

Ao mesmo tempo, a recorrência da política argentina e o destaque para a permanência do poder militar indicam um discurso que tende a legitimar a tutela das Forças Armadas como solução para momentos de crise. Assim, o futebol aparece não apenas como espetáculo, mas como contraponto positivo e estabilizador diante de um mundo retratado como instável e ameaçador.

---

<sup>113</sup> A morte do adido militar norte-americano Robert Perry ocorreu durante confrontos armados entre guerrilheiros palestinos e forças do governo jordaniano, no contexto do chamado Setembro Negro. O episódio evidenciou a instabilidade no Oriente Médio e a internacionalização do conflito.

<sup>114</sup> Francisco Negrão de Lima foi um político brasileiro que exerceu o cargo de governador do estado da Guanabara entre 1965 e 1971. Sua atuação esteve associada a disputas políticas e administrativas em um período de forte centralização do poder federal.

4.3.5.10 Capa 10 - 13/06/1970

Figura 11 – Capa do “O Globo” (13/06/1970)



Fonte: Acervo Digital “O Globo”

**Apresentação do material analisado:**

A capa de 13 de junho de 1970 apresenta como eixo central o sequestro do embaixador alemão Ehrenfried von Holleben, articulando o episódio à defesa explícita do regime militar e à convocação de união nacional contra o que o jornal denomina como “terror”. Parte-se da hipótese de que o jornal constrói uma narrativa de legitimação do poder autoritário ao associar violência política a uma ameaça externa e ideológica, enquanto o futebol surge de forma secundária, mas estrategicamente posicionado no espaço visual.

**Pré-análise:**

A observação inicial indica que a capa é dominada por temas políticos e de segurança nacional. Das quatro fotografias presentes, três estão relacionadas diretamente ao sequestro e às suas consequências, enquanto apenas uma imagem remete à Seleção Brasileira. A maior

manchete da página ocupa a parte superior e estabelece o tom dramático e alarmista da edição.

As cinco manchetes distribuídas ao longo da capa revelam uma hierarquia clara, com predominância absoluta do tema do sequestro, seguido pela manifestação presidencial e, por fim, pela Copa do Mundo, tratada como informação complementar.

**Unidades de registro:**

- Quatro fotografias, sendo três com legendas;
- Cinco manchetes distribuídas pela capa;
- Textos informativos, editoriais e convocatórios;
- Forte uso de linguagem emotiva e ideológica;
- Presença pontual do futebol.

**Unidade de contexto:**

- Sequestro do embaixador Ehrenfried von Holleben;
- Intensificação do discurso de combate ao terrorismo;
- Consolidação do governo Médici;
- Copa do Mundo de 1970 e fase de quartas de final;
- Ambiente de repressão política e censura.

**Codificação:**

**Temas predominantes:**

- Violência política e terrorismo;
- Legitimação do regime militar;
- Mobilização nacional e discurso anticomunista;
- Humanização das forças de segurança;
- Futebol como elemento secundário e estabilizador.

**Hierarquia editorial:**

- Parte superior: sequestro do embaixador e posicionamento do governo;
- Faixa central esquerda: editorial ideológico de defesa do regime;
- Faixa central: pronunciamento de Médici;
- Parte inferior direita: Copa do Mundo e Seleção Brasileira;
- Disposição visual que conduz do medo à convocação política.

**Construção narrativa:**

- A narrativa principal é construída em tom fortemente dramático, destacando a posse da mensagem dos sequestradores pelo governo e autorizando sua divulgação. O texto

ênfatiza expressões como “chavões comunistas”, “ofensas ao Brasil” e “ódio importado”, sugerindo que a violência política teria origem externa e ideológica.

- A humanização do policial morto, Irlando Régis, aparece como elemento central para a comoção do leitor. O destaque dado aos sonhos interrompidos e ao sofrimento familiar reforça a dicotomia entre um Estado protetor e inimigos desumanizados. A presença do filho do embaixador como “mais uma vítima” amplia a noção de terror indiscriminado.

#### **Enquadramento político:**

O enquadramento político é explicitamente favorável ao regime militar. O box editorial associa a violência contemporânea a eventos históricos como a Revolução Russa, sugerindo que a tolerância política levaria inevitavelmente à barbárie. A “Revolução de 1964” é apresentada como resposta necessária e legítima para impedir esse ciclo.

A manchete “Médici aos brasileiros: unam-se contra o terror” reforça a convocação nacional, buscando construir uma imagem de liderança protetora e mobilizadora. O discurso presidencial condena a violência extrema, ainda que tal posicionamento soe contraditório diante das práticas repressivas do próprio regime.

#### **Uso de recursos visuais:**

- Fotografias emotivas dos familiares do policial assassinado;
- Imagem de Médici confortando a família, reforçando a figura paternal do presidente;
- Uso estratégico da ausência de legendas em algumas imagens para intensificar o impacto emocional;
- Fotografia da Seleção Brasileira posicionada ao lado da imagem presidencial;
- Aproximação visual entre poder político e futebol.

#### **Considerações finais:**

A capa de 13 de junho de 1970 sugere uma clara instrumentalização do medo e da comoção social para reforçar a legitimidade do regime militar. Ao associar a violência política a uma ameaça externa e ideológica, o jornal constrói uma narrativa que justifica a repressão como mecanismo de defesa nacional.

O futebol, embora secundário, aparece estrategicamente posicionado próximo à imagem presidencial, sugerindo uma convivência simbólica entre a força do Estado e a força da Seleção Brasileira. Tal articulação reforça a hipótese de que o esporte, mesmo quando não central, atua como elemento de normalização e coesão em um contexto marcado por autoritarismo e repressão.

## 4.3.5.11 Capa 11 - 15/06/1970

Figura 12 – Capa do “O Globo” (15/06/1970)



Fonte: Acervo Digital “O Globo”

### Apresentação do material analisado:

A capa de 15 de junho de 1970 é majoritariamente dedicada à Copa do Mundo do México, com forte destaque para a vitória da Seleção Brasileira sobre o Peru e para a aproximação da equipe da fase decisiva do torneio. Parte-se da hipótese de que o jornal constrói uma narrativa de entusiasmo controlado, combinando exaltação esportiva, cautela diante do próximo adversário e, simultaneamente, a manutenção de temas ligados à segurança nacional e ao sequestro do embaixador Von Holleben.

### Pré-análise:

A capa apresenta oito imagens, das quais sete possuem legenda e cinco estão diretamente relacionadas à Copa do Mundo. Das seis manchetes distribuídas pela página, quatro tratam do Mundial. A hierarquia visual privilegia o futebol, ocupando a maior parte da

área superior e central da capa, enquanto temas políticos e de segurança aparecem concentrados na faixa inferior.

**Unidades de registro:**

- Oito fotografias, sendo sete legendadas;
- Seis manchetes distribuídas pela capa;
- Predominância de imagens de gols e comemorações;
- Textos esportivos, políticos e de segurança pública;
- Uso recorrente de linguagem metafórica e cautelosa.

**Unidade de contexto:**

- Copa do Mundo de 1970 em fase de semifinais;
- Classificação do Brasil após vitória sobre o Peru;
- Sequestro do embaixador alemão Von Holleben;
- Atuação do governo Médici em meio à crise política;
- Ambiente de repressão e controle institucional.

**Codificação:**

**Temas predominantes:**

- Exaltação da Seleção Brasileira;
- Heroificação de jogadores, especialmente Tostão e Rivellino;
- Cautela estratégica frente ao Uruguai;
- Mobilização popular em torno do futebol;
- Segurança nacional e repressão aos chamados subversivos.

**Hierarquia editorial:**

- Parte superior e central: Copa do Mundo e desempenho da Seleção Brasileira;
- Ênfase visual nos gols e nas figuras de destaque do time;
- Faixa central secundária: repercussões do sequestro do embaixador;
- Faixa inferior: temas de segurança pública e política interna;
- Organização que conduz da euforia esportiva à tensão política.

**Construção narrativa:**

- A narrativa esportiva da capa destaca Tostão como protagonista da vitória brasileira, enfatizando sua eficiência ofensiva e sua importância no resultado contra o Peru. A manchete principal reforça a ideia de que o Brasil se aproxima do título, mas adota tom cauteloso ao definir o Uruguai como “penúltimo obstáculo”, sugerindo respeito ao adversário e evitando triunfalismo excessivo.

- As fotografias de gols, especialmente a de Rivellino, ocupam grande espaço e reforçam visualmente a superioridade técnica da equipe. A presença de torcedores comemorando e a mobilização popular indicam uma tentativa de construção simbólica de unidade nacional em torno da Seleção.
- Paralelamente, a narrativa política se mantém ativa ao noticiar os desdobramentos do sequestro do embaixador. A matéria sobre o envio de presos políticos à Argélia<sup>115</sup> contribui para responsabilizar os sequestradores pela demora na libertação, reforçando a ideia de ameaça à ordem e à segurança do país.

#### **Enquadramento político:**

O enquadramento político sugere apoio implícito às ações do governo ao tratar os sequestradores como entraves à resolução do caso e ao destacar a logística estatal para cumprir as exigências impostas. A fotografia dos presos políticos em deslocamento é apresentada com forte carga dramática, contribuindo para uma representação negativa desses brasileiros.

A imagem da criança levando flores à residência do embaixador funciona como símbolo de apoio popular e de humanização da vítima, reforçando a narrativa de solidariedade nacional e de condenação à violência política.

#### **Uso de recursos visuais:**

- Fotografias de gols em momentos decisivos do jogo;
- Ênfase em jogadores em ação e em expressões de esforço e entrega;
- Imagens de torcida reforçando a mobilização nacional;
- Uso de crianças como recurso simbólico de inocência e empatia;
- Contraste entre euforia esportiva e tensão política na composição da capa.

#### **Considerações finais:**

A capa de 15 de junho de 1970 sugere uma articulação entre o sucesso esportivo da Seleção Brasileira e a manutenção de uma narrativa de controle político e social. O futebol ocupa papel central como elemento de coesão e orgulho nacional, enquanto temas ligados à segurança e à repressão aparecem de forma secundária, mas estrategicamente posicionados.

Tal composição reforça a hipótese de que o jornal utiliza a euforia da Copa do Mundo como pano de fundo para suavizar ou normalizar práticas autoritárias, ao mesmo tempo em

---

<sup>115</sup> O envio de presos políticos à Argélia ocorreu como parte das negociações para a libertação do embaixador alemão. Os banidos foram transportados em avião da VARIG, sob coordenação do Ministério da Justiça, evidenciando a utilização do exílio forçado como instrumento político do regime.

que projeta a Seleção Brasileira como símbolo de força, disciplina e superação coletiva em um contexto marcado pela repressão do regime militar.

4.3.5.12 Capa 12 - 16/06/1970

Figura 13 – Capa do “O Globo” (16/06/1970)



Fonte: Acervo Digital “O Globo”

**Apresentação do material analisado:**

A capa de 16 de junho de 1970 é marcada pela predominância do caso do sequestro do embaixador alemão Von Holleben, ocupando a maior parte do espaço editorial e visual do jornal. Parte-se da hipótese de que o futebol, embora presente, aparece de forma residual, enquanto a narrativa principal se concentra na legitimação das ações do Estado, na condenação dos sequestradores e na construção de um cenário de tensão e dramaticidade associado à segurança nacional.

**Pré-análise:**

A capa apresenta sete imagens, sendo seis acompanhadas de legenda. Apenas duas fotografias possuem relação direta com a Copa do Mundo. Das seis manchetes distribuídas pela página, somente uma se refere ao Mundial do México. A organização visual prioriza os acontecimentos políticos e policiais, relegando o futebol a um espaço secundário e concentrado em um box informativo na parte inferior direita.

**Unidades de registro:**

- Sete fotografias, sendo seis legendadas;
- Seis manchetes distribuídas pela capa;
- Predominância de imagens e textos sobre o sequestro do embaixador;
- Linguagem de forte cunho dramático e condenatório;
- Presença marginal do tema esportivo.

**Unidade de contexto:**

- Sequestro do embaixador alemão Von Holleben;
- Banimento de presos políticos para a Argélia;
- Intensificação do discurso de segurança nacional;
- Continuidade da Copa do Mundo de 1970;
- Ambiente de repressão e vigilância institucional.

**Codificação:**

**Temas predominantes:**

- Segurança nacional e repressão política;
- Criminalização dos opositores ao regime;
- Legitimação das ações do Estado brasileiro;
- Dramaticidade e vitimização das autoridades e aliados;
- Futebol como tema secundário e periférico.

**Hierarquia editorial:**

- Parte superior e central da capa: sequestro do embaixador e cumprimento das exigências;
- Ênfase visual em imagens ligadas à dor, vigilância e policiamento;
- Parte inferior esquerda: política internacional e violência política na Argentina;
- Parte inferior central: ciência e corrida espacial;
- Canto inferior direito: Copa do Mundo em formato de box informativo.

**Construção narrativa:**

- A narrativa central da capa constrói um discurso de cumprimento rigoroso das exigências impostas pelos sequestradores, reforçando a ideia de que o governo teria

feito sua parte no acordo. A manchete “Cumpridas todas as exigências” sugere um posicionamento quase oficial, aproximando o texto jornalístico de um comunicado estatal.

- Os presos políticos enviados à Argélia são sistematicamente classificados como terroristas, o que contribui para a deslegitimação das motivações políticas desses grupos. A associação com organizações estrangeiras, como os Panteras Negras, reforça a ideia de ameaça externa e de subversão importada.
- As imagens que mostram policiamento, vestígios de sangue e familiares das vítimas intensificam o tom dramático da cobertura, reforçando a construção de um cenário de violência e comoção. A presença da filha do embaixador exibindo manchas de sangue no carro funciona como recurso simbólico de vitimização e reforço emocional.

#### **Enquadramento político:**

O enquadramento político sugere alinhamento do jornal às ações do governo ao enfatizar o cumprimento das exigências e atribuir aos sequestradores a responsabilidade pela continuidade do sequestro. A constante utilização do termo terroristas contribui para a naturalização da repressão e para a legitimação de medidas autoritárias em nome da ordem.

A notícia sobre a morte de Aramburu reforça a associação entre movimentos revolucionários e violência extrema, ampliando a narrativa de ameaça continental e de instabilidade política na América do Sul.

#### **Uso de recursos visuais:**

- Fotografias de presos políticos identificados de forma negativa;
- Imagens de policiamento ostensivo e vigilância;
- Uso de elementos simbólicos como sangue, choro e espera;
- Sequência de imagens para intensificar a dramaticidade;
- Box esportivo isolado, sem protagonismo visual.

#### **Considerações finais:**

A capa de 16 de junho de 1970 parece indicar um deslocamento deliberado do foco esportivo para uma narrativa centrada na segurança nacional e na repressão política. O futebol, tradicionalmente explorado como elemento de mobilização e coesão, aparece de forma periférica, enquanto o discurso de ordem, vigilância e cumprimento do dever estatal ocupa o centro da cena.

Tal organização editorial reforça a hipótese de que, em momentos de crise política, o jornal prioriza a legitimação do regime militar, utilizando recursos narrativos e visuais que



A capa apresenta quatro fotografias, todas acompanhadas de legenda, sendo apenas uma delas relacionada diretamente à Seleção Brasileira. O conjunto visual e textual concentra-se quase integralmente no episódio do sequestro, com uma manchete de dimensão excepcional ocupando praticamente toda a faixa superior da página. Das seis manchetes distribuídas pela capa, a maior parte refere-se direta ou indiretamente à libertação do embaixador e às ações do Estado brasileiro.

**Unidades de registro:**

- Quatro fotografias, todas legendadas;
- Seis manchetes com proporções visivelmente desiguais;
- Manchete principal de grande impacto visual e emocional;
- Box editorial de caráter opinativo e elogioso ao governo;
- Presença pontual da temática esportiva.

**Unidade de contexto:**

- Libertação do embaixador alemão Ehrenfried von Holleben;
- Tensões políticas e ações armadas de oposição ao regime;
- Consolidação do discurso de segurança nacional;
- Disputa das semifinais da Copa do Mundo de 1970;
- Ambiente de legitimação do regime militar perante a opinião pública.

**Codificação:**

**Temas predominantes:**

- Segurança nacional e ordem institucional;
- Exaltação das ações do governo brasileiro;
- Vitimização do embaixador e de sua família;
- Condenação implícita e explícita dos sequestradores;
- Futebol como elemento secundário de estabilidade emocional.

**Hierarquia editorial:**

- Faixa superior: libertação do embaixador com manchete de grande impacto;
- Lado esquerdo: box editorial exaltando a atuação do governo;
- Eixo central vertical: prévia da semifinal da Copa do Mundo;
- Lado direito: sequência de imagens ligadas ao sequestro;
- Canto inferior direito: crítica a regimes comunistas estrangeiros.

**Construção narrativa:**

- A narrativa central é construída a partir de forte carga emocional, sintetizada na manchete “Isa, estou a salvo!”<sup>116</sup>, que humaniza o embaixador e personaliza o episódio do sequestro. O jornal recorre a expressões como “pesadelo” para reforçar o sofrimento vivido e intensificar a sensação de alívio com a libertação.
- O box editorial assume tom declaradamente favorável ao governo brasileiro, atribuindo de forma quase exclusiva ao regime o mérito pelo salvamento do embaixador. A operação é apresentada como essencialmente humanitária, afastando qualquer interpretação política ou concessão aos sequestradores.
- Paralelamente, o texto estabelece contraste ao criticar, ainda que de forma moderada, a postura inicial do governo da Alemanha Ocidental<sup>117</sup>, ao mesmo tempo em que reafirma a solidez das relações diplomáticas entre os países.

#### **Enquadramento político:**

O enquadramento político sugere um alinhamento explícito do jornal com o regime militar brasileiro. A libertação do embaixador é utilizada como prova de eficiência, sensibilidade humanitária e responsabilidade institucional do governo.

A crítica ao comunismo aparece de forma indireta, mas contundente, ao final da capa, quando uma matéria associa práticas do regime soviético a campos de concentração nazistas. Tal associação reforça o discurso anticomunista e legitima, por contraste, a postura repressiva adotada pelo governo brasileiro.

A matéria esportiva, ao destacar a tranquilidade dos jogadores diante do Uruguai, também contribui para a construção de um clima de estabilidade e confiança nacional.

#### **Uso de recursos visuais:**

- Fotografia emotiva do reencontro do embaixador com a esposa;
- Imagens que evidenciam o assédio da imprensa e a dimensão internacional do caso;
- Uso de legendas com vocabulário dramático;
- Fotografia esportiva que transmite serenidade e controle;
- Distribuição visual que reforça a centralidade do episódio político.

#### **Considerações finais:**

A capa de 17 de junho de 1970 parece funcionar como um instrumento de legitimação simbólica do regime militar brasileiro. Ao transformar a libertação do embaixador em um

---

<sup>116</sup> A manchete “Isa, estou a salvo!” sintetiza a forte carga emocional da narrativa jornalística, utilizando discurso direto para criar proximidade com o leitor e intensificar o impacto dramático da notícia.

<sup>117</sup> O sequestro do embaixador da Alemanha Ocidental no Brasil, Ehrenfried von Holleben, foi realizado por organizações de esquerda como forma de pressionar o governo militar. O episódio resultou na libertação e no banimento de presos políticos, enviados posteriormente à Argélia.

evento de caráter humanitário e ao atribuir esse desfecho quase exclusivamente à atuação do governo, o jornal reforça a imagem de um Estado forte, eficiente e moralmente responsável.

Nesse contexto, o futebol surge como elemento secundário, mas ainda estratégico, ao colaborar para a manutenção de um clima de tranquilidade e confiança nacional em meio a um cenário de tensão política. A articulação entre emoção, nacionalismo e anticomunismo contribui para sustentar a hipótese de que a cobertura jornalística operava como ferramenta de reforço discursivo ao projeto político vigente.

#### 4.3.5.14 Capa 14 - 18/06/1970

Figura 15 – Capa do “O Globo” (18/06/1970)



Fonte: Acervo Digital “O Globo”

#### Apresentação do material analisado:

A capa de 18 de junho de 1970 parece marcar uma inflexão na hierarquia temática do jornal, com ampla predominância da vitória da Seleção Brasileira sobre o Uruguai na semifinal da Copa do Mundo do México. Parte-se da hipótese de que o futebol assume, nesta

edição, papel central na construção de um clima de celebração nacional, ainda que permaneça articulado a conteúdos políticos que reforçam a legitimação do regime militar.

**Pré-análise:**

A capa apresenta cinco imagens, das quais apenas duas possuem legendas. Três imagens estão diretamente vinculadas à Copa do Mundo de 1970. O conjunto textual é composto por aproximadamente nove manchetes de tamanhos distintos, sendo cinco delas dedicadas ao desempenho da Seleção Brasileira. Observa-se uma distribuição visual que privilegia o tema esportivo, especialmente na metade superior da página.

**Unidades de registro:**

- Cinco imagens, com predomínio da temática esportiva;
- Nove manchetes com hierarquias visuais distintas;
- Sequência de manchetes complementares sobre a vitória brasileira;
- Box editorial de defesa explícita do regime militar;
- Permanência do tema do sequestro do embaixador alemão.

**Unidade de contexto:**

- Vitória do Brasil sobre o Uruguai na semifinal da Copa de 1970;
- Superação simbólica do trauma de 1950;
- Continuidade do caso do sequestro do embaixador Von Holleben;
- Discurso de segurança nacional e combate à oposição armada;
- Consolidação do nacionalismo em contexto autoritário.

**Codificação:**

**Temas predominantes:**

- Futebol como símbolo de redenção nacional;
- Celebração popular e união cívica;
- Demonização dos sequestradores e opositores do regime;
- Legitimação das ações do Estado;
- Articulação entre vitória esportiva e estabilidade política.

**Hierarquia editorial:**

- Topo da página: sequência de grandes manchetes sobre a vitória do Brasil e a final contra a Itália;
- Parte superior: imagens decisivas das semifinais;
- Faixa central: textos explicativos do jogo e celebrações populares;
- Lado direito central: relato do embaixador sobre o sequestro;

- Parte inferior: box editorial de defesa do regime e nota sobre a missa do agente federal.

#### **Construção narrativa:**

- A narrativa esportiva é construída como uma trajetória de superação histórica, ao destacar o fim do chamado “fantasma uruguaio” de 1950. As três manchetes superiores funcionam de forma articulada, conduzindo o leitor da superação do trauma à projeção da final contra a Itália, apresentada como o confronto decisivo pela Taça Jules Rimet.
- O texto central sobre a partida reforça a bravura e a serenidade da equipe brasileira, ao mesmo tempo em que desloca a violência do jogo para a atuação do árbitro espanhol, descrito como permissivo diante das jogadas desleais dos uruguaios. Destaca-se ainda a exaltação individual de jogadores, com menção especial a Carlos Alberto.
- Paralelamente, a celebração popular é narrada de forma grandiosa, com referências a papel picado, samba, multidões nas ruas e participação de helicópteros da FAB, o que parece associar a festa espontânea ao aparato institucional do Estado.

#### **Enquadramento político:**

Embora o futebol ocupe o centro da capa, o enquadramento político permanece evidente. O relato do embaixador Von Holleben reaparece com forte carga dramática, enfatizando práticas de tortura atribuídas aos sequestradores, como o uso de clorofórmio e o confinamento em caixotes, reforçando a imagem de brutalidade da oposição armada.

O box editorial no canto inferior esquerdo assume tom claramente defensivo em relação ao regime militar. O texto busca refutar denúncias de tortura praticadas pelo Estado, argumentando que os presos libertados estariam, em sua maioria, em boas condições físicas. A insistência na denominação dos libertados como terroristas e assassinos sugere uma estratégia discursiva de deslegitimação da oposição e de reafirmação da narrativa oficial.

#### **Uso de recursos visuais:**

- Grande fotografia do gol de Clodoaldo como imagem central da capa;
- Imagem do jogo entre Itália e Alemanha como contraponto narrativo;
- Fotografia da comemoração popular sem legenda, enfatizando a multidão;
- Imagem do embaixador em coletiva reforçando o discurso da vitimização;
- Fotografia final da família do agente federal com forte apelo emocional.

#### **Considerações finais:**

A capa de 18 de junho de 1970 parece exemplificar de forma clara a articulação entre futebol, emoção coletiva e legitimação política. A vitória sobre o Uruguai é tratada não

apenas como um feito esportivo, mas como a superação de um trauma nacional, capaz de mobilizar multidões e produzir um sentimento de coesão social.

Simultaneamente, o jornal mantém a narrativa de defesa do regime militar, ao reforçar a brutalidade dos sequestradores e ao minimizar ou negar denúncias de violência estatal. Nesse sentido, o futebol funciona como elemento catalisador de consenso e estabilidade simbólica, integrando-se a um projeto discursivo mais amplo de fortalecimento do poder vigente.

#### 4.3.5.15 Capa 15 - 20/06/1970

Figura 16 – Capa do “O Globo” (20/06/1970)



Fonte: Acervo Digital “O Globo”

#### Apresentação do material analisado:

A capa de 20 de junho de 1970 parece dedicar-se majoritariamente à expectativa em torno da final da Copa do Mundo do México, entre Brasil e Itália. Parte-se da hipótese de que o jornal constrói um clima de confiança e exaltação prévia da vitória brasileira, ao mesmo

tempo em que articula o evento esportivo a discursos políticos e ideológicos compatíveis com o regime militar vigente.

**Pré-análise:**

A capa apresenta quatro fotografias, todas acompanhadas de legendas, sendo duas diretamente relacionadas à Copa do Mundo. O conjunto textual é composto por cerca de oito manchetes, das quais a maioria está vinculada ao futebol. Observa-se uma organização visual que privilegia a final do Mundial, sobretudo nas faixas superior e central da página.

**Unidades de registro:**

- Quatro fotografias legendadas;
- Oito manchetes de diferentes tamanhos;
- Destaque reiterado à confiança brasileira na final;
- Inserção de opiniões de autoridades políticas e figuras públicas;
- Box editorial de cunho ideológico sobre política internacional.

**Unidade de contexto:**

- Aproximação da final da Copa do Mundo de 1970;
- Confronto simbólico entre duas seleções bicampeãs;
- Ambiente de exaltação nacionalista;
- Continuidade do alinhamento editorial com valores conservadores;
- Contexto internacional marcado por disputas políticas e ideológicas.

**Codificação:**

**Temas predominantes:**

- Confiança e otimismo em torno da Seleção Brasileira;
- Antecipação simbólica da vitória;
- Apropriação política do futebol;
- Valorização da ordem e da tradição;
- Crítica indireta a projetos políticos progressistas no exterior.

**Hierarquia editorial:**

- Topo da página: manchete anunciando o duelo entre as seleções bicampeãs;
- Parte superior: maior manchete com a fala do goleiro Félix e imagem do treino no Estádio Azteca;
- Faixa central: expectativas italianas, imagem de Zagallo e Chirol e destaque aos palpites;
- Parte inferior: notas de interesse público, política internacional e box editorial.

**Construção narrativa:**

- A narrativa central da capa é construída a partir da confiança brasileira. A maior manchete destaca a fala do goleiro Félix, interpretada pelo jornal não como soberba, mas como expressão de segurança coletiva da equipe. O texto reforça a ideia de concentração, disciplina e continuidade, ao confirmar a manutenção da mesma escalação utilizada na semifinal contra o Uruguai.
- A fotografia da Seleção treinando no Estádio Azteca, acompanhada de legenda descritiva, funciona como elemento visual de preparação e profissionalismo. Em paralelo, a expectativa italiana é apresentada de forma equilibrada, com destaque para a crença em um jogo parelho, o que parece contribuir para valorizar ainda mais uma eventual vitória brasileira.
- Na sequência, o jornal introduz os palpites, entre eles o do presidente Emílio Garrastazu Médici. Ao destacar a previsão “Médici é Brasil 4x1”, a capa parece aproximar o chefe do regime da torcida e do sentimento popular, diluindo sua imagem política em meio ao entusiasmo esportivo. A associação com celebridades do entretenimento, como Chacrinha, sugere uma estratégia de ampliação do consenso e de naturalização da presença de figuras do governo no imaginário coletivo ligado ao futebol.

#### **Enquadramento político:**

O enquadramento político se manifesta de forma indireta, mas consistente. A presença do palpite de Médici e de outros agentes do poder executivo insere o regime no centro da narrativa esportiva, reforçando a ideia de unidade entre governo, seleção e povo.

Esse enquadramento é complementado, na parte inferior da capa, pela cobertura da vitória do Partido Conservador no Reino Unido. A derrota dos trabalhistas é descrita como um revés espetacular, e as imagens de Harold Wilson<sup>118</sup> e de sua esposa em prantos intensificam o tom dramático da notícia.

O box editorial que encerra a capa interpreta essa vitória como uma reação à decadência moral do Ocidente, defendendo o equilíbrio entre reformas e preservação das tradições. Tal leitura parece dialogar com o discurso conservador e anti reformista que o próprio regime militar brasileiro buscava sustentar internamente.

#### **Uso de recursos visuais:**

---

<sup>118</sup> Harold Wilson foi um político britânico que exerceu o cargo de primeiro-ministro do Reino Unido em dois períodos, entre 1964 e 1970 e novamente entre 1974 e 1976. Sua atuação esteve ligada a debates econômicos e sociais em um contexto de transformações no pós-guerra.

- Fotografia da Seleção Brasileira treinando no Estádio Azteca como símbolo de foco e preparação;
- Imagem de Zagallo em conversa com Chirol reforçando a dimensão tática e estratégica;
- Fotografias fechadas de Harold Wilson e de sua esposa, explorando emoção e derrota;
- Uso consistente de legendas descritivas para orientar a leitura das imagens.

**Considerações finais:**

A capa de 20 de junho de 1970 parece consolidar o futebol como eixo central de mobilização simbólica às vésperas da final da Copa do Mundo. A confiança brasileira é apresentada como racional, coletiva e legitimada tanto pelos jogadores quanto por autoridades e figuras públicas.

Ao mesmo tempo, o jornal articula essa narrativa esportiva a um discurso político conservador, seja pela inserção direta do presidente Médici no noticiário futebolístico, seja pela leitura ideológica da política britânica. Assim, o futebol se configura, mais uma vez, como um instrumento potencial de coesão social e de reforço simbólico do regime militar, integrado a uma visão de mundo que valoriza ordem, tradição e autoridade.

*4.3.5.16 Capa 16 - 22/06/1970*

Figura 17 – Capa do “O Globo” (22/06/1970)



Fonte: Acervo Digital "O Globo"

### Apresentação do material analisado:

A capa de 22 de junho de 1970 é apresentada pelo próprio jornal como a “edição da vitória” e dedica-se integralmente à conquista do tricampeonato mundial pela Seleção Brasileira. Parte-se da hipótese de que esta edição representa o ponto máximo da associação simbólica entre futebol, nacionalismo e legitimação política durante o regime militar, ao transformar a vitória esportiva em um evento de exaltação cívica e institucional.

### Pré-análise:

A capa conta com três grandes fotografias, todas legendadas e todas relacionadas diretamente à Copa do Mundo de 1970. Além das imagens fotográficas, o jornal utiliza elementos gráficos simbólicos, como a bandeira do Brasil e a Taça Jules Rimet. São identificadas sete manchetes, todas voltadas exclusivamente à conquista brasileira, o que reforça o caráter comemorativo e extraordinário da edição.

### Unidades de registro:

- Três fotografias de grande destaque, todas sobre a vitória brasileira;
- Uso de símbolos nacionais, como a bandeira do Brasil e a Taça Jules Rimet;
- Sete manchetes dedicadas exclusivamente ao tricampeonato;

- Citação recorrente do presidente Emílio Garrastazu Médici;
- Associação direta entre futebol, festa popular e patriotismo.

**Unidade de contexto:**

- Conquista do tricampeonato mundial pelo Brasil;
- Apropriação simbólica do futebol como elemento de unidade nacional;
- Consolidação do discurso ufanista durante o regime militar;
- Utilização do evento esportivo como celebração cívica e política.

**Codificação:**

**Temas predominantes:**

- Vitória e consagração nacional;
- Futebol como símbolo da identidade brasileira;
- Festa popular e carnavalização da conquista;
- Aproximação entre governo e povo;
- Legitimação simbólica do regime por meio do esporte.

**Hierarquia editorial:**

- Topo da página: expressão “Tri” em tipografia de grandes proporções, acompanhada da Taça Jules Rimet e da bandeira nacional;
- Faixa superior ao centro: manchete “Carnaval em Junho”;
- Faixa central: gol de Pelé e referência ao ponto facultativo decretado pelo governo;
- Faixa inferior: destaque ao palpite de Médici, gols decisivos e euforia da torcida;
- Lado direito vertical: grande imagem de Carlos Alberto Torres erguendo o troféu.

**Construção narrativa:**

- A narrativa da capa é estruturada a partir da consagração absoluta da vitória brasileira. O uso da palavra “Tri” em tamanho excepcionalmente grande sugere a intenção de marcar o feito como um acontecimento histórico e definitivo. A presença simultânea da Taça Jules Rimet e da bandeira nacional reforça a fusão entre conquista esportiva e identidade do país.
- A manchete “Carnaval em Junho” estabelece uma analogia direta entre a maior festa popular brasileira e os festejos pela vitória, sugerindo uma celebração coletiva e espontânea. Essa associação parece buscar a ideia de unanimidade nacional em torno do título.
- Na faixa central, o destaque ao gol de Pelé, acompanhado de imagem e legenda, confere centralidade ao maior ídolo do futebol brasileiro, reforçando o caráter heroico da conquista. Paralelamente, a menção ao ponto facultativo nos dias 22 e 23 de junho,

atribuída a pedido de Médici, introduz explicitamente a figura do presidente na narrativa comemorativa. A citação direta do chefe do regime, ao afirmar que os brasileiros mereciam um “carnaval extra”, contribui para a construção de uma imagem paternalista e próxima do poder executivo.

- Na faixa inferior, a presença do nome de Médici é novamente enfatizada ao destacar que o presidente teria acertado o placar da final. O discurso atribuído a ele reforça a ideia de um “homem comum”, emocionado com a felicidade do povo e com o sentimento patriótico despertado pela vitória. Essa construção discursiva parece indicar uma tentativa deliberada de aproximação simbólica entre o líder do regime e a população.
- As demais manchetes e imagens destacam momentos decisivos da partida, como o gol de Jairzinho e a euforia da torcida no Estádio Azteca, ressaltando a dimensão popular e coletiva da conquista. A grande imagem vertical de Carlos Alberto Torres levantando o troféu encerra a capa com um símbolo máximo de liderança, vitória e consagração.

#### **Enquadramento político:**

O enquadramento político da capa se manifesta de forma explícita. A repetição do nome de Médici, citado ao menos três vezes, sugere uma apropriação direta da vitória esportiva pelo regime. O presidente é apresentado como alguém integrado à celebração nacional, capaz de compartilhar da alegria coletiva e de agir institucionalmente para ampliá-la, como no caso do ponto facultativo.

Esse enquadramento parece contribuir para a legitimação simbólica do governo militar, ao associá-lo a um momento de extrema felicidade nacional, deslocando a atenção de tensões políticas e sociais para um sentimento de orgulho e unidade.

#### **Uso de recursos visuais:**

- Tipografia ampliada da palavra “Tri” como elemento central de impacto;
- Símbolos nacionais integrados à composição visual;
- Fotografia de Pelé no momento do gol como símbolo de genialidade;
- Imagem de Carlos Alberto erguendo a taça como síntese da vitória;
- Legendas orientando a leitura emocional das imagens.

#### **Considerações finais:**

A capa de 22 de junho de 1970 parece representar o ápice da instrumentalização simbólica da Copa do Mundo pelo regime militar brasileiro. A vitória esportiva é

transformada em celebração nacional totalizante, na qual futebol, patriotismo, festa popular e liderança política se entrelaçam.

A presença recorrente do nome do presidente Médici sugere uma tentativa clara de inscrever o chefe do regime no imaginário da conquista, apresentando-o como parte integrante da alegria coletiva. Dessa forma, a capa contribui para a construção de um consenso simbólico em torno do governo, utilizando o tricampeonato mundial como um poderoso recurso de legitimação política e de mobilização emocional da sociedade brasileira.

#### 4.3.5.17 Capa 17 - 21/07/1970

Figura 18 – Capa do “O Globo” (21/07/1970)



Fonte: Acervo Digital “O Globo”

#### Apresentação do material analisado:

A capa de 21 de julho de 1970 apresenta um afastamento significativo do clima de exaltação direta da Copa do Mundo, já encerrada há aproximadamente um mês. Parte-se da hipótese de que esta edição busca reposicionar o futebol dentro de um contexto mais amplo de

normalização política, econômica e internacional, mantendo-o como referência simbólica, ainda que secundária, na construção do discurso nacionalista.

**Pré-análise:**

A capa conta com quatro fotografias, nenhuma delas acompanhada de legenda. Apenas uma das imagens possui relação indireta com a Copa do Mundo de 1970. Ao todo, são identificadas onze manchetes, das quais apenas uma faz referência ao Mundial do México. Observa-se uma maior diversidade temática, com destaque para política internacional, segurança pública, economia, editoriais opinativos e curiosidades.

**Unidades de registro:**

- Quatro fotografias sem legenda;
- Onze manchetes distribuídas pela página;
- Apenas uma referência direta ao futebol e à Copa do Mundo;
- Presença de editoriais críticos a regimes populistas latino-americanos;
- Associação pontual entre nacionalismo esportivo e regimes políticos.

**Unidade de contexto:**

- Período pós-Copa do Mundo de 1970;
- Consolidação do discurso do regime militar brasileiro;
- Ênfase em temas de política internacional e segurança;
- Futebol reposicionado como símbolo secundário de orgulho nacional.

**Codificação:**

**Temas predominantes:**

- Política internacional e Guerra Fria;
- Segurança pública e violência;
- Economia e estímulo à agricultura;
- Crítica a regimes populistas latino-americanos;
- Futebol como símbolo residual de identidade nacional.

**Hierarquia editorial:**

- Topo da página: manchete sobre o veto de Nixon <sup>119</sup>a leis protecionistas;
- Faixa superior esquerda e parte da central: box esportivo;
- Faixa central direita: ameaça nuclear e segurança internacional;
- Faixa inferior: editoriais políticos, economia agrícola e curiosidades.

---

<sup>119</sup> Richard Nixon foi presidente dos Estados Unidos entre 1969 e 1974. A referência à sua posição contra leis protecionistas destaca disputas econômicas internacionais e a defesa do livre comércio como pauta central da política externa norte-americana.

### **Construção narrativa:**

- A narrativa da capa parece organizada a partir de uma multiplicidade de temas, com clara predominância da política internacional. A manchete no topo, ao destacar a posição do presidente Nixon contra leis protecionistas, posiciona os Estados Unidos como agente central no equilíbrio econômico e político global, reforçando o cenário da Guerra Fria ao mencionar o alinhamento entre EUA e URSS para evitar confrontos diretos.
- Na faixa superior esquerda, o box esportivo funciona como um espaço de transição simbólica entre o auge da Copa do Mundo e o retorno à normalidade editorial. A classificação de Edson Mandarino<sup>120</sup> na Taça Davis é apresentada como feito esportivo relevante, enquanto a homenagem a Bellini, Mauro e Carlos Alberto<sup>121</sup> reforça a permanência do imaginário do Mundial. A expressão “os heróis do México” sugere que, mesmo fora do centro da capa, a conquista de 1970 ainda é mobilizada como referência de orgulho nacional e unanimidade simbólica.
- Na faixa central direita, a manchete sobre a África do Sul ingressar no chamado “clube atômico” introduz uma atmosfera de tensão global, deslocando o foco para ameaças externas e para o equilíbrio estratégico internacional. Essa narrativa é complementada por matérias de segurança pública, que reforçam uma sensação de vigilância e controle social.
- A matéria sobre o ex-chanceler Fernando Londoño<sup>122</sup> introduz um elemento comparativo relevante. Ao destacar a ausência de patriotismo em seu país e contrastá-la com o espírito nacionalista brasileiro, o jornal parece utilizar a conquista da Copa do Mundo como exemplo positivo de coesão nacional. Essa associação sugere uma leitura na qual regimes fortes estariam vinculados a momentos de ascensão e orgulho coletivo, ainda que de forma implícita.
- Na parte inferior da página, o box editorial critica ex-ditadores populistas latino-americanos, associando-os a corrupção, violência e retrocessos. Ao contrastar esses regimes com o contexto brasileiro, o texto parece sugerir a superioridade do

---

<sup>120</sup> Edson Mandarino foi um jornalista brasileiro com atuação destacada na imprensa escrita. Seus textos frequentemente abordavam temas políticos e institucionais, inserindo-se no contexto da comunicação durante o regime militar.

<sup>121</sup> Bellini, Mauro Ramos e Carlos Alberto Torres foram jogadores da Seleção Brasileira que simbolizam diferentes gerações vitoriosas do futebol nacional. Suas imagens e menções eram frequentemente utilizadas para reforçar a continuidade histórica do sucesso da Seleção.

<sup>122</sup> Fernando Londoño foi um diplomata colombiano que exerceu o cargo de chanceler. Sua atuação esteve ligada a debates sobre política externa e segurança regional na América Latina durante a Guerra Fria.

modelo político vigente no país. A manchete sobre estímulos à agricultura reforça essa ideia ao apresentar o governo como agente promotor de desenvolvimento econômico.

- A presença de uma matéria leve e curiosa sobre o uso de corvos marinhos na pesca no Japão encerra a capa com um tom de distensão, comum em edições que buscam equilibrar temas densos com conteúdos de curiosidade.

#### **Enquadramento político:**

O enquadramento político da capa parece operar de forma indireta. Embora o futebol não ocupe posição central, ele é mobilizado pontualmente como símbolo de unidade e patriotismo, servindo de contraponto a críticas a outros regimes latino-americanos. O discurso editorial tende a valorizar a estabilidade, a ordem e o desenvolvimento econômico associados ao regime militar brasileiro, em oposição a experiências políticas classificadas como populistas ou desagregadoras.

#### **Uso de recursos visuais:**

- Fotografias sem legenda, com leitura orientada pelo texto;
- Box esportivo como espaço simbólico de memória da Copa;
- Uso de imagens de líderes esportivos como heróis nacionais;
- Distribuição equilibrada entre imagens políticas, esportivas e curiosas.

#### **Considerações finais:**

A capa de 21 de julho de 1970 sugere um momento de transição editorial no pós-Copa do Mundo. O futebol deixa de ocupar o centro da narrativa, mas permanece como referência simbólica capaz de reforçar discursos nacionalistas e comparativos. A edição parece indicar uma tentativa de normalização do cotidiano informativo, ao mesmo tempo em que preserva a vitória de 1970 como capital simbólico útil à legitimação indireta do regime.

Dessa forma, mesmo quando o Mundial já não é o tema central, sua memória continua sendo mobilizada de maneira estratégica, contribuindo para a construção de um imaginário de coesão nacional e de estabilidade política sob o governo militar.

## 5 RESULTADO DA ANÁLISE

A análise de conteúdo promovida neste estudo permitiu a compreensão das capas do jornal “O Globo” como um espaço estratégico de construção de sentidos, onde diferentes discursos são articulados de forma recorrente e hierarquizada. A partir da pesquisa das 17 edições publicadas entre maio e julho de 1970, tornou-se possível a identificação de padrões editoriais relativamente estáveis, como a presença média de sete a oito manchetes secundárias e cerca de cinco fotos por capa, indicando uma organização visual padronizada. Ainda na fase de pré-análise, notou-se uma tentativa constante de equilíbrio entre temas de forte impacto internacional, como a crise política argentina e os avanços da Guerra Fria, com o crescente foco na Copa do Mundo, o que permitiu o levantamento da hipótese de que a Seleção Brasileira passou a operar como um agente de mobilização emocional e de coesão simbólica em meio ao contexto autoritário da Ditadura Militar.

A separação das unidades de registro, como as manchetes, fotografias, legendas e boxes, permitiu a identificação de como a narrativa jornalística era produzida de forma fragmentada e hierarquizada, seguindo a lógica do jornalismo impresso, no qual as informações são organizadas conforme sua relevância e complementadas por recursos gráficos que conduzem a leitura. No uso dos recursos visuais, destaca-se o uso recorrente de fotografias sem legendas ou com legendas mínimas, fator determinante na redução da autonomia interpretativa do leitor e reforçava a leitura do texto que a acompanhava. Nesse contexto, os atletas da seleção foram frequentemente apresentados como heróis nacionais, enquanto conteúdos factuais ou de apelo cotidiano parecem cumprir a função de manutenção do interesse popular sem tensionar o discurso dominante.

As unidades de contexto e o processo de codificação permitiram o agrupamento em temas predominantes, facilitando a percepção da presença constante do futebol - presente em 100% das capas analisadas durante o período de junho, tendo destaque em edições como a de 08/06 e 22/06, onde o tema ocupou a integralidade ou a ampla maioria do espaço editorial - e a abordagem da política e da política pública num viés de raras críticas ao governo e forte valorização da ordem, da disciplina e do desenvolvimento. A repetição desses temas promove a construção de um clima de euforia nacional, onde a vitória esportiva atuava como elemento de atenuação e deslocamento da possível percepção das tensões políticas e da repressão em curso.

A análise da hierarquia editorial reforçou esse entendimento ao apresentar que o topo das capas foi ocupado, em sua maioria, por conteúdos ligados à seleção brasileira durante o

período do Mundial, preterindo crises diplomáticas e conflitos internos para um segundo plano, em posições menos privilegiadas. Ao considerar o papel de orientação do leitor e de definição do sentido principal da edição, tal escolha indica a priorização simbólica do futebol como acontecimento central, principal, nos jornais publicados posteriormente após os jogos. Essa estratégia se articulou a uma construção narrativa gradual, na qual o veículo promoveu uma transição da centralidade de temas políticos internacionais para a exaltação do tricampeonato, preparando o leitor para o foco na conquista esportiva.

No que se refere ao enquadramento político, foi observado que, embora “O Globo” seja apresentado como um jornal de referência comprometido com a informação e a objetividade, tais atributos foram determinados para reforçar leituras favoráveis ao regime. A vitória da seleção passou a ser frequentemente associada, seja de maneira explícita ou implícita, à eficiência administrativa, à disciplina e à força moral, pilares defendidos pelo governo Médici, conjuntamente, em que vozes dissidentes e críticas ao autoritarismo eram silenciadas ou, por vezes, deslocadas para espaços secundários.

Dessa forma, a reunião das análises realizadas confirma que as capas do jornal “O Globo” funcionaram como peça estratégica de comunicação durante a Copa do Mundo de 1970. A seleção brasileira foi transformada em um símbolo de unidade nacional e de sucesso estatal, operando como um instrumento de coesão social e de alívio simbólico em meio a um período marcado pela intensa repressão política. A recorrência de padrões visuais, narrativos e temáticos sustenta a hipótese central desta pesquisa, segundo a qual a conquista do tricampeonato mundial da seleção brasileira na Copa do Mundo do México, em 1970, foi apropriada pelo discurso jornalístico como meio de legitimação do regime militar e de construção de uma imagem de harmonia e consenso nacional, favorável aos interesses dos grupos que estavam no poder no Brasil.

## 6 CONCLUSÃO

Futebol e política andam juntos desde que o esporte desembarcou no Brasil. Se nos primórdios, o jogo foi um elemento de distinção social, em meio a períodos de instabilidade política ou de mera necessidade de promoção dos governos vigentes, tornou-se mola propulsora de discursos que auxiliam a moldar a identidade de uma nação. Afinal, a defesa de uma nação forte e vencedora passava também pelos resultados positivos nos gramados, que contribuem de forma convidativa aos seus nativos à vestirem o verde e amarelo numa época onde a promoção do orgulho nacional era peça fundamental numa certa lealdade ao regime. E, principalmente, o que seria do sucesso esportivo sem que os grandes jornais atuassem na transformação desse êxito em prova de competência administrativa?

Portanto, já que a tríade formada por comunicação, futebol e política parecem estar intrinsecamente vinculadas, torna-se natural que a evolução das táticas de uma partida sejam acompanhadas de uma crescente exploração das táticas de convencimento. A mística do futebol mágico e alegre passou a ser substituída por um “rolar disciplinado” de uma equipe, que passou a ser vista como um membro de extensão do Estado. Os brasileiros que antes se destacavam pelo simples dom de jogar futebol se atualizaram para um planejamento científico, que inseriu uma seleção de “atletas-soldados” na busca pela terceira estrela. Da mesma forma, a cobertura jornalística de vários meios de comunicação também foi transformada em mediadora estratégica em um cenário de censura e opressão, onde a capa tornou-se, na imprensa escrita, uma forte aliada no campo de batalha simbólico.

Assim como as estratégias de campo, a linguagem propagandística também passou por avanços significativos. Afinal, impressiona um cenário onde o silêncio sobre as crises internas gritava tão alto quanto a manchete de um gol brasileiro. Num local, onde um jornal de referência nacional como “O Globo” apresenta grande capacidade de equilibrar a frieza das notícias internacionais com a euforia quase messiânica da conquista do tri. Tudo se adaptou, seja por estratégia ou força, em meio a necessidade de sobrevivência e relevância em meio aos “Anos de Chumbo”.

Ao articular uma análise da evolução histórica centrada na segunda metade do século XX, esta pesquisa pôde conectar seus três pilares fundamentais, tornando esse percurso um elemento estruturante do trabalho. A fluidez dessa narrativa potencializou a investigação, uma vez que permitiu identificar e validar prontamente os conceitos teóricos no corpus documental, conferindo maior coesão e rigor às inferências realizadas sobre o objeto de estudo.

A base organizadora deste trabalho passa justamente por este resgate evolutivo. Ao situar a cobertura do “O Globo” num período conturbado da história política do Brasil, torna-se possível compreender de que maneira as narrativas são produzidas para ocultar as amarras do poder vigente. É tratar o passado não com um olhar saudosista, mas sim com o rigor necessário para entender o “além do jogo”. Isso contribui para que a sociedade não se torne alvo fácil de novas instrumentalizações no presente. Até porque, um ponto que vale ser destacado, é que este uso de momentos de vitórias e conquistas no esporte não é uma exclusividade de regimes autoritários, podendo se fazer presente em regimes democráticos - ponto que pode vir a ser tornar um novo trabalho, em base de análise comparativa, entre períodos distintos. É entender que o grito de gol em 1970 foi além de uma manifestação esportiva e sim o ápice de uma narrativa de “Ordem e Progresso”.

O desenvolvimento desta pesquisa envolveu um percurso metodológico complexo. Embora a análise de conteúdo proposta por Bardin ofereça uma maior elucidação no entendimento do tema, sua aplicação demanda bastante atenção na sua organização e sistematização. A articulação entre os dados quantitativos extraídos de 17 capas e a leitura qualitativa do contexto político da Ditadura Militar representou um exercício analítico exigente. Ainda assim, através da hipótese formulada, este procedimento se provou indispensável para converter percepções iniciais em evidências documentais, reafirmando a centralidade do rigor metodológico escolhido na produção acadêmica.

A definição do objeto acabou se tornando algo espontâneo. Dentre os muitos jornais avaliados, “O Globo” foi o que mais parece representar como um dos mais significativos veículos até os dias atuais da comunicação brasileira, atuou em 1970 e evidenciou um modelo de jornalismo que avançava tecnicamente ao mesmo tempo que operava em meio a um cenário político marcado pela instabilidade e pelo autoritarismo. A figura de Roberto Marinho e a ampliação do seu grupo de mídia são muito importantes para perceber como a vitória no México se converteu em propaganda para converter o acontecimento em um símbolo de eficácia estatal. Analisar as capas e suas manchetes, do "Boa sorte, Brasil" à apoteose do tricampeonato, apresentou-se como ponto crucial para o amadurecimento de uma leitura crítica sobre as relações entre mídia, esporte e poder.

Quando surgiu a hipótese proposta, ainda em meu pensamento, esperava encontrar resultados e indícios claros que confirmassem o uso da seleção como instrumento de propaganda do regime. Entretanto, a análise evidenciou algo para além disso. Mostrou um fenômeno ainda mais complexo, caracterizado pela produção de um “alívio simbólico”, onde o futebol ocupava 100% das capas analisadas do mês de junho de 1970, servindo de anteparo

para crises externas e tensões internas. O que mais chamou a atenção foi a centralidade simbólica do futebol naquele momento, onde temas como o sequestro do embaixador alemão no Brasil ou os desdobramentos da Guerra do Vietnã eram movidos para posições consideradas secundárias na página. Tudo isso foi manifestado por meio da hierarquização visual e editorial das informações.

Quanto ao legado deixado em 1970, é possível afirmar que aquele momento representou um ponto de desvio na relação entre o futebol e a produção da ideia de nação no Brasil. O grito de gol passou funcionar de forma inerente ao sentimento nacionalista, auxiliando na criação de uma imagem de unidade e progresso que ultrapassa as quatro linhas do gramado. Dessa forma, o desafio de vencer o Mundial no México esteve somado ao de manter a imagem harmônica e progressista num país marcado por práticas repressivas e restrições às liberdades políticas. O uso estratégico dos meios de comunicação, principalmente aqueles capazes de dialogar com a população por meio de uma paixão nacional como o futebol, revelou-se um dos instrumentos mais eficazes daquele período.

No momento de encerramento deste estudo, a reflexão sobre as heranças deixadas pela histórica aproximação entre esporte e política no Brasil segue mantida no imaginário social brasileiro. Em meio a este cenário, espera-se que essa monografia contribua para o aprofundamento do debate acadêmico, incentivando novos estudos que problematizam os sentidos ocultos por trás de narrativas celebrativas disseminadas pela imprensa. Manter uma postura crítica diante do presente implica revisitar o passado, reconhecendo que o jornalismo tradicional já apresentava, de forma clara, o peso e as consequências das escolhas editoriais na construção de consensos e identidades coletivas.

## REFERÊNCIAS

ABREU, João Batista de. **A imprensa e a ditadura**: entre a censura e o mercado. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.

AFONSINHO. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: [s. n.], 2004.

ANDERSON, Benedict R. O'G. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARNT, Ricardo. **Jânio**: o Prometeu de Vila Maria. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

A VOLTA do grande pequeno homem. Direção: Mariana Viñoles e Stefano Tononi. [S. l.]: TV Brasil/Crona Video, 2014. 1 vídeo (75 min).

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O governo João Goulart**: as lutas sociais no Brasil (1961–1964). Rio de Janeiro: Revan; Brasília: EdUnB, 2001.

CAJU, Paulo César. Paulo César Caju: futebol burocrático não ganha nada. [Entrevista concedida a] Carlos Pompe. **Portal Vermelho**, 11 jul. 2010. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2010/07/11/paulo-cezar-caju-futebol-burocratico-nao-ganha-nada/>. Acesso em: 12 jan. 2026.

CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. **A ditadura militar e o futebol**: a Seleção Brasileira e a propaganda política. [S. l.: s. n.], 2016.

CANAL 100. **As Feras do Saldanha**. São Paulo: ESPN Brasil, 2016. 1 vídeo (28 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-qxQ6Ktu4>. Acesso em: 12 jan. 2026.

CASAGRANDE, Walter. Brasil x Peru de 1970 teve a genialidade de Rivellino. **De Peito Aberto**, ge.globo, 9 set. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/de-peito-aberto-por-casagrande/post/2021/09/09/brasil-x-peru-de-1970-teve-a-genialidade-de-rivellino.ghml>. Acesso em: 12 jan. 2026.

CASTRO, Celso. **O golpe de 1964 e a instauração do regime militar**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2014.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da política externa do Brasil**. Brasília: Editora da UnB, 2002.

CHIROL destaca a forma física. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 80, n. 54, p. 22, 10 jun. 1970.

CORDEIRO, Janaína Martins. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade em São Paulo: direitos, participação política e golpe no Brasil, 1964. **Revista de História**, USP, n. 47, p. 1–28, 2021.

COSTA, Brenno. **Contra-ataque**: Episódio 3. Rio de Janeiro: Globoplay, 2022. Podcast. Acesso em: 11 jan. 2026.

COUTINHO, Renato Soares. A "militarização" do futebol brasileiro: o papel da Escola de Educação Física do Exército. **Psicologia & Saberes Sociais**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 142-158, 2014.

DADÁ MARAVILHA. **Dadá Maravilha + João Canalha e Rodrigo Viana | Os Canalhas no UOL Esporte**. Entrevistadores: João Carlos Albuquerque e Rodrigo Viana. São Paulo: UOL Esporte, 2020. 1 vídeo (65 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Hv0STULLvc>. Acesso em: 12 jan. 2026.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista da USP - Dossiê Futebol**, n. 22, p. 10-18, jun./ago. 1994.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

DOMENACH, Jean-Marie. **A propaganda política**. Tradução de Arnaldo Wald. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.

DUARTE, Fernando. **What Spain can learn from Brazil 1966**. ESPN, 2016. Disponível em: [https://www.espn.com/soccer/story/\\_/id/37396754/what-spain-learn-brazil-failure-1966](https://www.espn.com/soccer/story/_/id/37396754/what-spain-learn-brazil-failure-1966). Acesso em: 11 jan. 2026.

DUWE, Ricardo. **Estação Brasil**. [S. l.]: Leitura ObrigaHISTÓRIA, 2025. Podcast. Acesso em: 12 jan. 2026.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FERREIRA, Jorge. **João Goulart**: uma biografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FICO, Carlos. **Além do golpe**: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FICO, Carlos. **Ditadura militar**: o que sabemos hoje. São Paulo: Contexto, 2004.

FIFA. **Copa do Mundo: o recorde de Pelé aos 17 anos**. FIFA.com, 2024. Disponível em: <https://www.fifa.com/pt/tournaments/mens/worldcup/articles/pele-brasil-recorde-gol-mais-jovem-copa-do-mundo>. Acesso em: 11 jan. 2026.

FIFA. **Itália x Alemanha: o "Jogo do Século" que parou o México em 1970**. Zurique: Fifa, 2022. Disponível em: <https://www.fifa.com/pt/articles/italia-alemanha-jogo-do-seculo-copa-do-mundo-1970-mexico>. Acesso em: 12 jan. 2026.

FIFA. **World Cup Mexico 1970**: technical report. Zurich: Fifa, 1970.

FOLHA DE S. PAULO. **Ex-presidente da Fifa, João Havelange morre aos 100 anos no Rio**. 16 ago. 2016. Disponível em:

<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2016/08/16/ex-presidente-da-fifa-joao-havelange-morre-aos-100-anos-no-rio.ghtml>. Acesso em: 11 jan. 2026.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM, 2014.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GORDON Banks: o goleiro da defesa do século. **UOL**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/gordon-banks-o-goleiro-da-defesa-do-s-eculo/>. Acesso em: 12 jan. 2026.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada**. São Paulo: Ática, 1987.

GOULART, João. **Discurso no Comício da Central do Brasil**. Rio de Janeiro, 13 mar. 1964.

GRACCO, Júlio; AZEREDO, Octavio. **A Bíblia do Botafogo**. Rio de Janeiro: Prime, 2011.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

JUVENAL, Décimo Júnio. **Sátiras**. Tradução de Francisco de Oliveira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

LOUREIRO, Felipe Pereira. **60 anos do golpe: como os Estados Unidos apoiaram os militares**. Agência Brasil / EBC, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-04/60-anos-do-golpe-como-estados-unidos-apoiaram-os-militares>. Acesso em: 11 jan. 2026.

MALAIÁ, João Manuel Casquinha; FORTES, Rafael. ‘Brasil-grande, estádios gigantesco’: toponímia dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, 1964-1985. **Tempo**, Niterói, v. 27, n. 1, 2021.

MEMÓRIAS do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor. Direção: Lúcio de Castro. Produção: ESPN Brasil. Brasil, 2012. 1 vídeo (52 min).

MIRANDA, Leonardo. **Painel tático: como Zagallo montou o Brasil de 70**. Rio de Janeiro: Globo Esporte, 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/painel-tatico/post/2020/06/21/como-zagallo-criou-a-escola-brasileira-de-futebol-no-brasil-de-1970.ghtml>. Acesso em: 12 jan. 2026.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. Rio de Janeiro: Contexto, 2017.

NATUSCH, Igor. **1954 – corajoso, raçudo, mas ainda sem título**. Blog Brasil Copas Mundo, 15 jul. 2010. Disponível em: <https://brasilcopasmundo.blogspot.com/2010/07/1954-corajoso-racudo-mas-ainda-sem.html>. Acesso em: 11 jan. 2026.

NETO, José Amâncio Ribeiro. **Viagem ao sistema bolar**: influências do futebol no ensino de climatologia nas aulas de geografia. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019.

NOGUEIRA, Armando. **A ginga e o jogo**: crônicas e perfis de futebol. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

O GLOBO. Editorial: Salvos da comunicação que celeremente se preparava... **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 abr. 1964.

O PODER POPULAR. **João Saldanha, o João Sem Medo**. [S. l.]: PCB, 16 jun. 2020. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/25823>. Acesso em: 11 jan. 2026.

PASCHOAL, Alice. **A história da Taça Brasil**: o primeiro campeonato nacional de clubes. Portal Times, 2023.

PASSARINHO, Jarbas. [Depoimento]. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 50, n. 14.981, p. 6, 22 jun. 1970.

PELÉ. Direção: David Tryhorn; Ben Nicholas. Produção: Kevin Macdonald. Estados Unidos: Netflix, 2021. 1 vídeo (108 min).

PIAZZA, Wilson da Silva. **Wilson da Silva Piazza: depoimento**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2012. (Série Futebol, Memória e Patrimônio). Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/futebol>. Acesso em: 12 jan. 2026.

PRESIDENTE faz festa com o povo no Planalto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 50, n. 14.981, capa (p. 1), 22 jun. 1970.

QUADROS, Jânio. **Carta de Renúncia ao Congresso Nacional**. Brasília, 25 de agosto de 1961.

QUAEST; CNN BRASIL; ITATIAIA. **O Maior Raio-X do Torcedor**. [S. l.]: Quaest, 2024.

RIZZO, Marcel. Relatório da Fifa de 1970 mostrava Brasil muito à frente fisicamente de rivais. **UOL**, São Paulo, 21 jun. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/50-anos-do-tri-selecao-de-1970-assombrou-a-fifa-tambem-por-seu-preparo-fisico/>. Acesso em: 12 jan. 2026.

ROCHA, André. **A tática do bi: Zagallo, o primeiro "falso ponteiro"**. Olho Tático, [S. l.], 2013. Acesso em: 12 jan. 2026.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, Nelson. O Tri ou a pátria de chuteiras. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 jun. 1970.

ROSA, Marcus Vinícius de Freitas. O futebol e a ditadura: a militarização da comissão técnica da Seleção Brasileira de 1970. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 441-456, 2014.

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. **Argumento**, São Paulo, v. 1, n. 4, fev. 1974.

ROUBICEK, Marcelo; QUADROS, Thiago. **Tri de 1970: o futebol entre a magia e o terror**. Nexo Jornal, 21 jun. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/especial/2020/06/20/tri-de-1970-o-futebol-entre-a-magia-e-o-terror>. Acesso em: 11 jan. 2026.

SALDANHA, João. **Entrevista concedida ao Mundo Ilustrado**. [S. l.], 1958. In: Mundo Botafogo, 2021. Disponível em: <https://mundobotafogo.blogspot.com/2021/03/entrevista-joao-saldanha-como-se-tornou.html>. Acesso em: 11 jan. 2026.

SALDANHA, João. **João Saldanha | 1987**. Entrevistadores: Rodolfo Konder et al. São Paulo: TV Cultura, 1987. 1 vídeo (88 min). Disponível em: <https://youtu.be/fBjcJUskjRw>. Acesso em: 12 jan. 2026.

SANTOS, Daniel de Araújo dos. **Futebol e política: a criação do campeonato nacional de clubes de futebol**. 2012. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Anna Virginia Nascimento. **Narrativa da derrota e identidade nacional: análise dos fracassos da Seleção Brasileira nas páginas do jornal O Globo em 1950 e 2014**. 2021. 98 f. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

SIQUEIRA, André Iki. **João Saldanha: uma vida em jogo**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2018.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio a Castello (1930–1964)**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

SMITH, Anne-Marie. A ditadura da mídia. **CartaCapital**, 6 abr. 2013.

SOARES, Antonio Jorge G.; BARTHOLO, Tiago L.; SALVADOR, Marco S. A imprensa e a memória do futebol brasileiro. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 368-376, 2007. Disponível em: [https://rpcd.fade.up.pt/arquivo/artigos\\_soltos/vol.7\\_nr.3/1-10.pdf](https://rpcd.fade.up.pt/arquivo/artigos_soltos/vol.7_nr.3/1-10.pdf). Acesso em: 11 jan. 2026.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, jul./dez. 2020.

SUDJIC, Deyan. **The Edifice Complex: how the rich and powerful shape the world**. London: Penguin Books, 2005.

ZAGALLO, Mário Jorge Lobo. **Mário Jorge Lobo Zagallo: depoimento**. Depoimento concedido a Cláudia Fonseca e Karen Workman. Rio de Janeiro: Museu da Pessoa, 16 mar. 2001. Disponível em: <https://museudapessoa.org>. Acesso em: 12 jan. 2026.